

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

MARIA NIÉDJA LEITE DE OLIVEIRA

Pasquale Petrone

**EMBU E SUA PARTICIPAÇÃO NO CONJUNTO DA
FAIXA PERIFÉRICA DA METRÓPOLE PAULISTANA**

Tese de Mestrado apresentada ao Departamento
de Geografia da F. F. L. C. H. da USP, na
área de Geografia Humana.

Orientador:
Prof. Dr. Pasquale Petrone

SÃO PAULO - 1972

A meus pais,
pelo direito que lhes
foi negado: estudar.

Agradecimentos

- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e à Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo auxílio financeiro prestado, tornando viável a realização deste trabalho;
- Aos estagiários de 1970 do Laboratório de Geografia Humana do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo, pela colaboração prestada na fase de aplicação dos questionários;
- Ao Instituto de Geografia da U.S.P., pelas condições de trabalho que nos propiciou em seu Laboratório de Geografia Humana;
- À geógrafa Ana Maria Marques Camargo Marangoni, pela colaboração através de suas observações e críticas, em todas as etapas de realização deste trabalho;
- Ao Professor Pasquale Petrone, nosso orientador, que incansável e pacientemente nos acompanhou em todas as etapas da pesquisa, dando sempre diretrizes que nos aclaravam as dúvidas e, discernindo caminhos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1. A POPULAÇÃO DE EMBU: COMPOSIÇÃO E DINAMISMO

Embu, modesto núcleo da Grande São Paulo

Distribuição da população rural e urbana

População por sexo, idade e grau de instrução

Origem da população

As atividades

Condições sócio-econômicas

2. A VIDA DE RELAÇÕES

2.1. As Funções Urbanas:

- função turística

- função industrial

- função comercial

- função de prestação de serviços

- função administrativa

2.2. A dependência de Embu em relação a outras áreas:

- absorção da mão-de-obra

- suprimento de mercadorias e matéria-prima

- prestação de serviços e comércio

2.3. Os deslocamentos decorrentes da vida de relações

3. A CIDADE

Posição

Sítio

Organização do espaço urbano

Serviços de urbanização e saneamento

4. A EVOLUÇÃO E OS PROCESSOS RECENTES DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Origem

Embu e o "cinturão dos aldeamentos"

Embu e o "cinturão caipira"

Embu e o "cinturão verde"

As olarias e portos de areia

Embu e o "cinturão de especulação imobiliária"

OBSERVAÇÕES FINAIS

I N T R O D U Ç Ã O

A área de estudo do presente trabalho é integrante da Região da Grande São Paulo e está localizada a sudoeste da capital paulistana. Trata-se do núcleo de Embú, sede do município homônimo, localidade sita à margem da rodovia Regis Bittencourt, que liga São Paulo ao sul do país.

A preocupação defensiva dos primeiros povoadores da área - os indígenas aldeados pelos jesuítas no século XVII - explica a escolha do sítio original, encravado em relevo colinar de acentuada movimentação, com níveis que variam de 800 a 850 metros de altitude, resultando em sérias dificuldades para a expansão urbana do núcleo.

Tal expansão, entretanto, vem-se processando mais notavelmente só recentemente, visto que permaneceu por muito tempo como modesto vilarejo, desprovido de qualquer vitalidade. Um indicador desta expansão é o aumento que se verificou em sua população nos últimos 20 anos, tendo sido acrescida em um pouco mais de dez vezes, isto é, de 421 para 4.340 habitantes entre 1950 e 1970.

Este crescimento recente está estreitamente ligado à sua proximidade da metrópole paulistana, da qual sofre influência direta. Apesar dessa proximidade, a área, como as demais da porção sudoeste da Grande São Paulo - Itapequerica da Serra e Cotia - não conheceu de imediato os efeitos do crescimento da metrópole, conservando-se até meados do século atual como predominantemente agrícola.

A marginalização com relação à ferrovia - principal meio de comunicação no início da metropolização - foi um dos fatores que limitou a expansão suburbana da metrópole na direção da área estudada, o que não implicava, entretanto, em isolamento total desta área em relação à São Paulo. A população caipira que aí habitava destinava à capital os seus excedentes comerciáveis, inicialmente, através de Santo Amaro ou do caminho existente entre Itapequerica e Pinheiros e, a partir da década de quarenta, com a construção da rodovia estadual São Paulo - Itapequerica da Serra (que passava por Embu), este núcleo dispôs de uma via melhor de acesso direto à capital.

A introdução do elemento japonês veio dar uma nova feição à atividade agrícola praticada até então pela população caipira, passando-se da agricultura de subsistência e extrativismo vegetal à horticultura e floricultura em métodos mais racionais. Tais atividades, entretanto, pouca repercussão teriam ao quadro urbano, já que por um lado a comercialização se fazia através de canais que não interessavam ao núcleo e por outro, este pouco oferecia ao novo tipo de agricultor.

É somente a partir da segunda metade de nos

so século que se observam os primeiros reflexos de interfe
rência mais direta da metrópole no processo de suburbaniza
ção da área. Tal processo se faz sentir através do início
da especulação imobiliária, já bastante intensa em outras
porções dos arredores paulistanos. Observa-se a abertura de
loteamentos, inicialmente, em torno do núcleo e ao longo da
então rodovia estadual São Paulo-Itapeperica, indo aqueles
integrar a atual área urbana do referido núcleo.

Na década de sessenta se define uma nova di
retriz nesta atividade especulativa, desta vez na porção o
riental do município, passando então a abranger um conjun-
to espacial mais amplo.

De importância marcante para a área foi a
construção da rodovia Regis Bittencourt, seguindo boa par-
te do traçado da antiga rodovia estadual, dando maior sig-
nificado ao núcleo e maior valor comercial aos loteamentos,
inclusive intensificando o processo que havia sido inicia
do.

Embu conhece assim um apreciável aumento de
seu efetivo demográfico e uma melhor definição e consolida
ção das suas funções. Dentre elas merecem destaque: a fun
ção turística e a industrial.

O turismo em Embu vem sendo explorado com
mais intensidade nos últimos cinco anos, embora de há mui-
to seja visita obrigatória dos que se interessam por arte
colonial brasileira. Isto se deve à sobrevivência até os
nossos dias do conjunto arquitetônico da capela e convento
dos jesuitas erguidos em fins do século XVII, constituindo
reliquia de valor histórico e artístico.

Por outro lado, o núcleo conta com um razoável número de artistas que aí residem. E esta vocação de residência de artistas parece ter-se iniciado desde o tempo de Cassio de M'Boy, santeiro popular e pintor ingênuo que aí se instalou e congregou alguns discípulos. Os artistas hoje residentes no núcleo, na maioria escultores e pintores primitivistas, contam com um acervo de obras de boa aceitação nos meios artísticos e participam com frequência de salões de arte e exposições em várias outras cidades.

O turismo em Embu tem sido fomentado pelos próprios órgãos do governo (Secretaria de Turismo e Esportes e Prefeitura de Embu) e tem no domingo o dia de maior afluência dos visitantes, face ao atrativo da feira de artesanato que aí se realiza no período da tarde.

A função industrial está estreitamente relacionada com a abertura da BR-2 em 1960, já que das 25 indústrias existentes na área, apenas duas tiveram instalação anterior a esta data. Os estabelecimentos industriais que aí tem-se localizado geraram uma série de relações entre esta e outras áreas, sobretudo, no que se refere à absorção de mão-de-obra, procedência de matéria-prima e consumo da produção.

As demais funções desempenhadas pelo núcleo são menos expressivas, abrangendo tão somente o próprio núcleo e as zonas rurais mais próximas, não chegando a ultrapassar de forma expressiva os limites ao município.

O desempenho das funções urbanas e a intensificação da especulação imobiliária na área se explicam pela proximidade da capital e refletem o crescimento desta num processo de absorção de áreas até então relativamente marginalizadas.

A organização do espaço decorrente dessa expansão e os vínculos criados entre os núcleos periféricos e a metrópole, assumem neste trabalho interesse especial.

Procurou-se estabelecer a natureza desses vínculos e os processos que os condicionaram, não estudando toda a porção periférica de São Paulo, mas tomando um exemplo particular - Embu.

É, portanto, um trabalho de pretensões modestas, uma área-amostra, mas se espera que seja uma contribuição ao estudo dos arredores paulistanos, que se tornará mais expressiva à medida em que outros trabalhos da mesma natureza se somem a ela, a exemplo do de Cotia e outros em andamento.

O trabalho foi organizado obedecendo a diretriz que norteou sua elaboração, isto é, a tentativa de estabelecer até que ponto e como o núcleo de Embu participa no conjunto da região metropolitana da São Paulo. Em face disto a preocupação inicial se voltou para o quadro atual. Enfocou-se o elemento que atua na organização deste quadro, isto é, o grupo humano e sua representatividade no conjunto da Grande São Paulo, a composição e estrutura deste gru

po e o dinamismo que apresenta. Em seguida tentou-se estabelecer os vínculos criados entre esta e outras áreas, através do estudo da vida de relações mantida pela população do núcleo. Para tanto, procurou-se, por um lado, definir as funções urbanas aí desenvolvidas e por outro, conhecer quais as atividades e serviços solicitados por esta população a outras áreas.

A repercussão desses elementos na organização espacial do núcleo é então analisada, através do estudo do sítio, organização do espaço urbano e serviços de urbanização e saneamento, enfim a cidade como fato concreto na definição da paisagem.

Definido o quadro atual, tentou-se estabelecer os processos que influenciaram na determinação desta realidade. É buscando esta explicação que se recorreu ao passado, não através de uma reconstituição da história do Embu, mas procurando distinguir os processos e fases que marcaram a evolução da área em questão, até os nossos dias.

Finalmente, foram enumeradas algumas observações finais, com base nas idéias desenvolvidas no corpo do trabalho.

Foram vários os recursos utilizados para a obtenção dos dados apresentados. De um modo geral eles podem ser agrupados em duas modalidades de pesquisa: de campo e de gabinete.

Na pesquisa de campo foram utilizadas as seguintes técnicas:

- observação direta: percorreu-se toda a área urbana fazendo-se anotações dos fatos que serviram de base à elaboração das cartas de uso do solo urbano, distribuição das funções na área central e função turística, como também, para esclarecer fatos relativos ao sítio urbano. Foram visitados todos os loteamentos existentes no município, a fim de se obter dados referentes à abertura efetiva e grau de ocupação dos mesmos.

- questionário: aplicado nos domicílios da área urbana, utilizando o critério de amostragem aleatória para 1/3 do universo, visando obter dados sobre a composição e dinamismo da população e de vida de relações.

- entrevista: esta técnica foi utilizada para a obtenção de vários dados indispensáveis à caracterização das funções urbanas e vida de relações. Nesta perspectiva foram realizadas entrevistas nas indústrias, casas de comércio, com artistas da cidade, na feira "hippie", escolas, médicos, dentistas, posto de saúde, serviço de assistência social, administradores, gerente de banco, feira-livre, olarias e portos de areia.

A pesquisa de gabinete abrangeu fundamentalmente dois aspectos:

- coleta de dados estatísticos, análise de fotografias aéreas e material cartográfico sobre a área existentes nos órgãos competentes, de grande validade na análise da população, posição, sítio, infra-estrutura urbana, produção e loteamentos.

- pesquisa bibliográfica do acêrvo existente especificamente sobre a área em estudo, como também, sobre a região em que se insere, complementada por obras que tratam do problema de regionalização, especialmente, das áreas metropolitanas. Tais fontes foram de inestimável importância na análise da evolução, processos e fases, e para uma compreensão global do fenômeno estudado, apesar da pobreza destes recursos, pois os trabalhos existentes são pouco numerosos, destacando-se dentre eles o de Langenbuch(1971) por fazer uma análise de todo o processo de metropolização, envolvendo o conjunto da região paulistana.

O trabalho ora apresentado, é, portanto, o resultado de pesquisa monográfica, contribuição modesta, passível de crítica, porém fruto de tarefa árdua, por ser a primeira experiência em pesquisa de responsabilidade direta da autora.

1. A POPULAÇÃO DE EMBU : COMPOSIÇÃO E DINAMISMO

Embu, modesto núcleo da Grande São Paulo

Considerando a área em estudo como parte de um conjunto espacial mais amplo - a Região da Grande São Paulo - constata-se a pouca representatividade de seu efetivo demográfico em relação ao total regional.

Conta o município de Embu com 18.161 habitantes (IBGE, Censo de 1970), distribuídos numa área de apenas 68 km², apresentando assim, uma densidade de 267,07 habitantes por km². Desse contingente, 4.340 habitam a área urbana e os 13.821 restantes, a área rural, conforme a mesma fonte.

O total de habitantes da Região é de 8.206.129, dos quais 5.921.796 estão na capital metropolitana. Entretanto, 21 dos 37 municípios que a integram e , dentre eles Embu, apresentam totais de população inferiores a 30.000 habitantes, como pode ser observado na tabela I.

A distribuição da população na Região, está estreitamente vinculada ao seu caráter metropolitano. Assim

é que, numa primeira fase, a metrópole impede até certo ponto o crescimento de pequenos núcleos que lhe são periféricos, já que para ela convergem os contingentes de mão-de-obra, capital e de toda uma gama de atividades, que lhe dão cada vez maior poder polarizador sobre as áreas que a circundam. Numa fase seguinte, entretanto, a metrópole passa a ser fator de crescimento dessas mesmas áreas, quando este organismo urbano extravasa os seus limites administrativos, acompanhando, em geral, as principais vias de circulação.

É como reflexo dessas diretrizes de crescimento que, municípios que delas estiveram marginalizados, apresentam um efetivo demográfico pouco representativo. Estão neste caso, entre outros, Embu, Itapecerica da Serra, Embu-Guaçu e Santana do Parnaíba.

Contrariamente, encontramos na Grande São Paulo, vários municípios com população não inferior a 100.000 habitantes. Estes municípios estão situados ao longo das principais vias de comunicação que datam do período inicial da metropolização da capital paulistana - as vias férreas - a exemplo de Santo André, São Caetano do Sul, Osasco e Mogi das Cruzes. Guarulhos e São Bernardo do Campo tiveram o seu crescimento impulsionado pela via de comunicação mais recente - a auto-estrada - respectivamente, a via Dutra e Anchieta.

Apesar do processo de metropolização envolver outros aspectos, destacou-se, todavia, a circulação, por ter sido fator de grande importância na definição das diretrizes de crescimento dos arredores paulistanos, conforme demonstram os exemplos supra-citados.

Convém destacar, entretanto, que as tendências recentes do crescimento de São Paulo, sobretudo dos últimos dez anos, voltaram-se também para a porção sudoeste, que conta atualmente com boa comunicação rodoviária.

O ritmo de crescimento demográfico apresentado por Embu nos últimos 20 anos, ilustra bem este fato. Assim é que, a população deste município sofreu um crescimento entre 1950 e 1960 de apenas 25,17%, enquanto no decênio seguinte ele foi da ordem de 259,38%. Guardadas as proporções, este percentual é, inclusive, superior ao de áreas já totalmente integradas no quadro metropolitano, a exemplo de São Caetano ou Santo André (vide tabela I), que contam atualmente com poucos espaços disponíveis a um crescimento horizontal.

A absorção destes novos espaços se faz sobretudo, em função dos novos contingentes demográficos que afluem à metrópole, atraídos por sua grandeza e esperando melhores condições de vida. O elevado valor imobiliário nas áreas já densamente ocupadas, faz com que os novos migrantes sejam praticamente expulsos em busca de outras mais periféricas,, em que a especulação imobiliária é mais recente, onde é possível habitar com custos de locação menos onerosos, ou mesmo para elas se dirigirem diretamente, sem ocorrer o fenômeno de refluxo a partir de áreas centrais.

Voltar-se-á a este aspecto com mais detalhe quando da análise da origem da população.

TABELA I
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA GRANDE SÃO PAULO

MUNICÍPIOS	População total		Crescimento 60/70 %	População Urbana em 1970	% da População Urbana sobre a População Total
	1960	1970			
1. Arujá	5.758	9.585	66,50	7.143	74,52
2. Barueri	16.671	37.803	127,10	36.375	96,22
3. Biritiba-Mirim	5.712	8.966	56,87	3.195	35,63
4. Caieiras	9.405	15.563	65,43	8.730	56,09
5. Cajamar	6.438	10.440	62,15	4.178	40,02
6. Carapicuíba	17.590	54.907	213,00	54.907	100,00
7. Cotia	14.409	30.957	114,55	29.677	95,87
8. Diadema	12.308	78.957	541,40	68.552	86,82
9. Embu	5.041	18.161	259,38	4.340	23,90
10. Embu-Guaçu	4.773	10.301	115,99	5.353	51,97
11. Ferraz de Vasconc.	10.167	25.248	148,50	24.912	98,67
12. Francisco Morato	2.254	11.210	339,86	8.995	80,24
13. Franco da Rocha	25.376	36.391	43,42	19.949	54,82
14. Guararema	7.688	12.636	64,31	3.282	25,97
15. Guarulhos	101.273	236.865	133,65	221.639	93,57
16. Itapepecer.da Serra	14.253	25.312	78,44	17.722	70,01
17. Itapevi	10.182	27.569	171,27	27.569	100,00
18. Itaquaquecetuba	11.456	29.153	155,22	22.094	75,79
19. Jandira	2.047	12.490	509,80	12.490	100,00
20. Jujuitiba	5.863	7.290	24,22	1.153	21,30
21. Maíriporã	12.842	19.640	53,10	5.574	28,38
22. Mauá	28.924	101.726	251,90	101.569	99,85
23. Mogi das Cruzes	94.482	138.746	46,81	110.156	79,38
24. Osasco	114.828	283.203	147,35	283.203	100,00
25. Pirapora do B. Jesus	2.490	3.714	49,00	1.177	47,85
26. Poá	15.829	32.382	104,45	31.732	97,99
27. Ribeirão Pires	17.250	29.117	68,55	24.151	82,94
28. Rio Grande da Serra	3.955	8.314	110,09	7.191	86,49
29. Salesópolis	9.130	9.560	4,70	3.277	34,28
30. Santa Isabel	11.787	17.179	46,00	9.231	53,73
31. Santana do Parnaíba	5.244	5.428	3,51	2.240	41,27
32. Santo André	245.147	418.578	70,60	417.023	99,63
33. S. Bernardo do Campo	82.411	201.462	141,31	188.891	93,76
34. S. Caetano do Sul	114.421	150.171	31,80	150.171	100,00
35. SÃO PAULO	3.709.274	5.921.796	59,72	5.859.966	99,12
36. Suzano	27.094	55.622	105,50	33.762	60,70
37. Taboão da Serra	7.173	40.959	469,77	40.959	100,00
TOTAL DA GRANDE SÃO PAULO	4.791.245	8.206.129	71,02	7.930.513	96,64

Fonte: Resultados preliminares do censo de 1970, I.B.G.E.

Distribuição da população rural e urbana

A distribuição da população rural e urbana, apresenta fatos dignos de consideração.

Embu, mais uma vez, encontra-se entre os municípios extremos, no caso, um dos quatro da Grande São Paulo com percentagens de população urbana inferiores a 30%, quando, em contrapartida, existem nada menos de 23 municípios em que a população urbana absorve de 70 a 100% do efetivo populacional dos respectivos quadros municipais.

É novamente a influência da metrópole que parece vir explicar as cifras. De fato, essa influência se faz sentir através de necessidades de cunho essencialmente urbano no que se refere à extrapolação de seus limites físicos, pela implantação de atividades que o seu próprio espaço não mais suporta. A demanda de produtos agrícolas é de tal ordem que extravasa em muito os limites da própria região e, quando aí se localiza - a horticultura, sobretudo - é subordinada a uma tecnologia mais avançada, com cultivos intensivos, comportando uma racionalização na ocupação do espaço e nas técnicas utilizadas.

O fenômeno de urbanização é, portanto, predominante na organização do espaço. É a implantação das in

dústrias e a especulação imobiliária, e a conseqüente rede de serviços e infraestrutura, que vão comandar o crescimento urbano da periferia.

Veja-se, então, o caso da área que interessa de modo particular a este trabalho. Estando até bem pouco tempo marginalizada em relação aos fatores acima mencionados, sofria, entretanto, a influência da proximidade de São Paulo através da demanda de produtos agrícolas e atividades ligadas à extração de minerais não metálicos e materiais de construção (areias e argilas para fabricação de tijolos). Participa em escala modesta do chamado "cinturão verde" de São Paulo.

Seria este o fator explicativo de que 76,10% de sua população habite a área rural? É possível que a questão envolva outros aspectos.

Verifica-se que o crescimento da população de Embu no último decênio deu-se não só na área urbana, mas também na zona rural, visto que em 1960, dos 5.041 habitantes, 1.133 constituíam a população urbana e suburbana e em 1970, de 18.161 habitantes 13.821 integram a população rural. Ora, isso significa que em 1960 a população urbana representava 22,47% do total de habitantes, enquanto que em 1970 este percentual se elevou a somente 23,90%.

O crescimento da população urbana em si foi significativo, já que da ordem de 283,05% entre os períodos considerados. São vários os loteamentos abertos em torno do núcleo e por ele absorvidos. De sede de distrito passou em 1959 a sede de município, o que denota uma preocupa

ção em sua definição como núcleo efetivamente urbano. Embu comporta hoje uma incipiente função industrial. Tais aspectos são, sem dúvida, denunciadores do crescimento de sua população urbana, mas é fora de dúvida também, que o crescimento da população rural foi muito elevado, principalmente se for considerado um período mais longo.

Veja-se os dados:

TABELA II

Embu - Distribuição da população no período de 1950/70

EMBU	1950*	%	1960	%	1970	%	crescimento %	
							1950/60	1960/70
pop.urbana	421	10,45	1133	22,47	4340	23,90	169,12	283,05
pop.rural	3607	89,55	3908	77,53	13821	76,10	8,34	254,09
TOTAL	4028	100,00	5041	100,00	18161	100,00	25,17	259,38

*Em 1950, distrito de Itapacerica da Serra

Fonte: Censo Demográfico do I.B.G.E., 1950, 1960, 1970.

Os dados da tabela II são apresentados não no intuito de se tentar desde já uma definição da evolução da área em estudo, mas para melhor esclarecer a questão / proposta. Assim é que a população rural, que crescera apenas 8,34% entre 1950 e 1960, no último período intercensitário conheceu um crescimento da ordem de 259,38%. Teria Embu intensificado sua participação na produção agrícola e assim atraído contingentes populacionais para a sua área rural? Os dados dessa produção, referentes ao mesmo período não denotam este fato.

TABELA III

Município de Embu - Produção agrícola

Produtos	Uni- dade	Quantidade produzida					
		1960	1962	1964	1966	1968	1970
Culturas temporárias:							
Abóbora	fruto	4000	2000	-	4500	4500	6360
Alcachofra	dz	11500	6500	-	5200	3500	3500
Alface	kg	19000	40000	20000	12300	10250	7500
Cana-de-açu.	ton	-	7	8	15	23	21
Cenoura	kg	123750	160000	203000	148000	138750	126600
Couve-flor	kg	63000	120000	30000	37800	29700	...
Mandioca bra- va	ton	10	9	9	10	14	14
Mandioca man- sa	ton	10	9	9	18	18	23
Repolho	kg	112500	185000	150000	229500	153000	191250
Tomate	kg	85000	270000	...	360000	270000	242000
Feijão	sc	-	170	80	80	60	70
Batata ingl.	sc	-	4200*	870	870	610	520
Milho	sc	-	1000	-	1260	1610	1250
Culturas Permanentes:							
Banana	cacho	1550	2100	2050	2000	2160	2060
Laranja	cento	400	380	390	600	760	1000
Lima da Pér- sia	cento	1500	1500	1490	2250	2720	2800
Limão	cento	850	500	580	600	1800	2200
Tangerina	cento	-	350	350	520	590	610
Uva	kg	13500	9000	7500	15000	15250	14500

*Unidade em kg

Fonte: Departamento Estadual de Estatística do Estado de São Paulo.

Não se verificando a hipótese de um aumento significativo na produção agrícola, pois os dados estatísticos não revelam este fato, que fatores explicariam então, o forte crescimento demográfico ocorrido na zona rural de Embu?

A explicação parece estar efetivamente na grande proliferação de loteamentos em áreas fora do perímetro urbano - ao longo da rodovia Regis Bittencourt e na porção oriental do município - e, nesta última, como resultado da extrapolação da especulação imobiliária na região de Santo Amaro. Tais áreas têm recebido um apreciável contingente humano nos últimos anos, sobretudo na porção oriental, ocasionando, inclusive, uma intensificação da atividade especulativa, visto que dos 16 loteamentos aprovados na área até maio de 1971, 13 o foram a partir de 1965.

A vinculação desses grupos humanos que aí se instalaram a atividades de cunho rural, parece improvável, não só pelo aspecto já levantado da produção rural, como também pelo tipo de loteamentos existentes. Tratam-se de loteamentos residenciais comportando lotes diminutos, com espaço disponível tão somente a instalação de residências de tamanho médio e pequenos quintais.

A hipótese mais provável é, portanto, a de que o grande crescimento da população rural de Embu resulte do afluxo de contingentes externos ocupando os loteamentos que aí foram abertos, constituindo-se na realidade populações "pseudo-rurais" já que não demonstram manter vínculos com atividades de cunho rural, confirmando, inclusive, que a absorção pela metrópole não se faz tão somente a partir de núcleos periféricos e isolados mas, de todo o espaço que a circunda.

População por sexo, idade e grau de instrução(*)

Como é sabido, em geral os grandes contrastes na composição da população por sexo se observam em áreas de repulsão, face à saída de contingentes demográficos - homens principalmente - à procura de trabalho, indo refletir-se também, na composição dos grupos de idade, em virtude da saída mais frequente da população adulta jovem. Contrariamente, áreas de grande atração demográfica, tendem a apresentar significativos percentuais de homens em idade adulta.

Embu, apesar de não exercer atração por si mesma, o faz enquanto periferia de metrópole, embora num grau ainda modesto.

(*) Os dados apresentados neste item e nos três subsequentes resultam da aplicação dos questionários domiciliares. As estimativas desta amostragem fornecem resultados inferiores aos do censo demográfico do mesmo ano, no que se refere ao total da população urbana. Assim é que pela amostragem realizada a estimativa deste total em 1970 é de 3.420 habitantes, enquanto no censo ele é de 4.340. Entretanto, a defasagem existente entre o núcleo propriamente dito (área de edificação contínua e semi-contínua) e o perímetro urbano oficial, parece explicar a diferença dos resultados, já que se tomou como universo da amostragem o núcleo em si. Utilizaram-se os dados do censo nos itens anteriores a fim de permitir a análise comparativa dos fatos.

No que se refere a sexo, constata-se um certo equilíbrio. Efetivamente, os sexo masculino e feminino constituem respectivamente 48,35% e 51,45% do total da população urbana.

Observando a pirâmide de idades, constata-se o predomínio da população jovem com 50,89% do total da população. Considerou-se como tal, as pessoas compreendidas na faixa de idades de 0 a 19 anos completos. É inegável, porém a significativa representatividade da população adulta jovem (20 anos a 39 anos completos), com cerca de 2/3 do total da população considerada adulta (20 a 59 anos). A faixa de 60 anos e mais (foram registrados casos de pessoas com até 85 anos), constitui apenas 4,47% do total sendo assim, pouco expressiva a percentagem de velhos na área.

Estes dados podem ser melhor evidenciados na tabela que se segue:

TABELA IV
Embu - População por sexo e idade

Grupos de idade	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
0 até 19 (a. c.)	273	47,07	307	52,93	580	50,89
20 a 39 (a. c.)	163	47,80	178	52,20	341	29,90
40 a 59 (a. c.)	90	53,57	78	46,43	168	14,74
60 (a. c.) e +	25	49,00	26	51,60	51	4,47
Total	551	48,35	589	51,45	1140	100,00

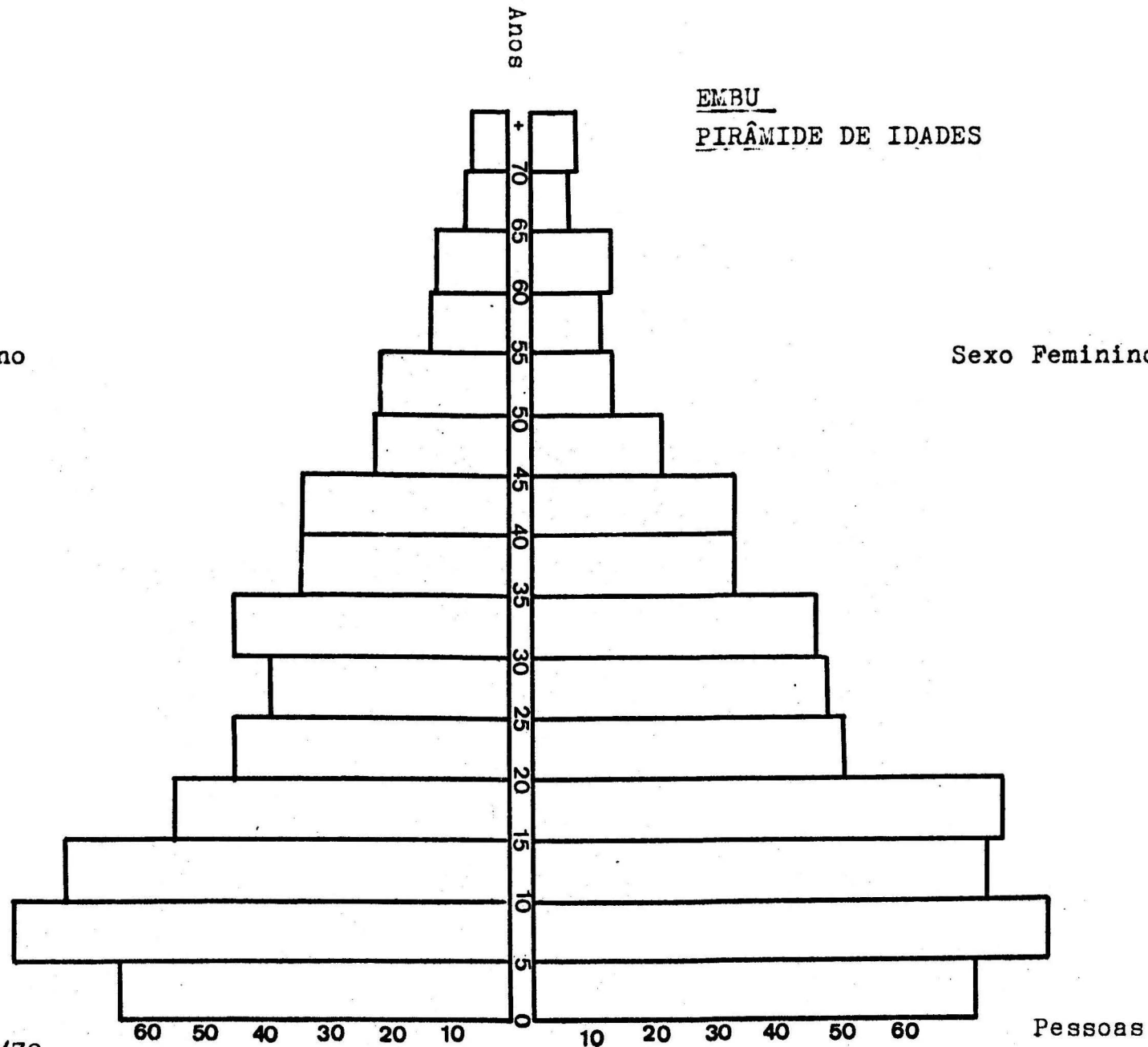
(a. c. = anos completos)

Fonte: Questionário domiciliar
Agosto/Setembro 1970.

EMBU
PIRÂMIDE DE IDADES

Sexo Masculino

Sexo Feminino

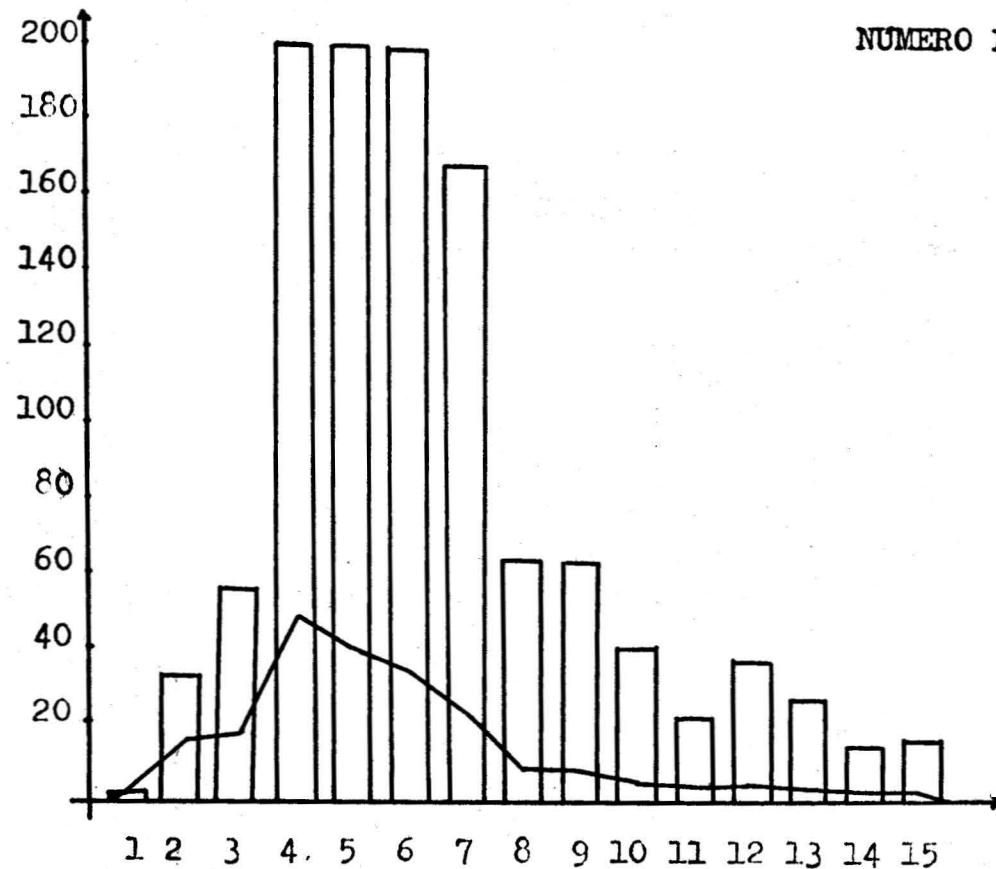


Fonte: Questionário
domiciliar - Ago./Set./70

Total de pessoas

EMBU

NUMERO DE PESSOAS POR DOMICILIO



pessoas por
domicílio

LEGENDA:



Total de pessoas



Total de ocorrências

Fonte: Questionário domiciliar

Ago./Set./70

O destaque inicial está no forte índice de pessoas com curso primário incompleto (40,17%), que se somado às de primário completo, ultrapassam a metade da população (58,76%) e é comum as pessoas declararem ter primário incompleto, quando na realidade mal assinam o próprio nome. Mesmo assim, convém observar que 49,75% das pessoas / que declararam ter primário incompleto estão na faixa etária de 0 a menos de 20 anos. É possível que boa parte desse contingente frequente os bancos escolares, pois se nota um retardamento no ingresso à escola, visto que 90,00% da população até 7 anos nela ainda não ingressou.

Os limites etários considerados basearam-se na realidade encontrada. Como pode ser observado na tabela e gráfico referentes a grau de instrução, distinguiram-se, além dos níveis de escolaridade completa e incompleta, os analfabetos e o grupo sem escola. Como analfabetos foram consideradas as pessoas acima de 12 anos, embora na realidade só tenham se registrado ocorrências para pessoas a partir de 17 anos. Na faixa de sem escola agruparam-se as pessoas até a faixa etária dos 12 anos, embora o máximo registrado tenha sido de 10 anos.

A percentagem de analfabetos na área é de 9,50%, sendo mais significativa na faixa de idades de 40 a 59 anos. Entre os analfabetos predominam os de sexo feminino com 57,40% do total. É possível que essa diferença reside na necessidade do mínimo de escolaridade para obter trabalho, e ela não se faz premente em relação às mulheres, que se dedicam apenas aos trabalhos domésticos.

Os níveis de escolaridade de nível médio e, sobretudo, superior são muito pouco expressivos. Com relação às pessoas com escolaridade de nível médio, o maior índice recai sobre o ginásio incompleto (8,33%), sendo que 73,70% dos que cursam este ciclo estão na faixa etária de 10 a 19 anos, o que pressupõe tratar-se de boa parcela da população estudantil. A parcela dos que possuem nível universitário é ínfima, isto é, 0,69% do total da população.

A maior representatividade de elementos do sexo feminino no curso secundário parece decorrer da relativa afluência ao curso normal, em busca de uma profissão.

TABELA V

Embu - Grau de instrução da população

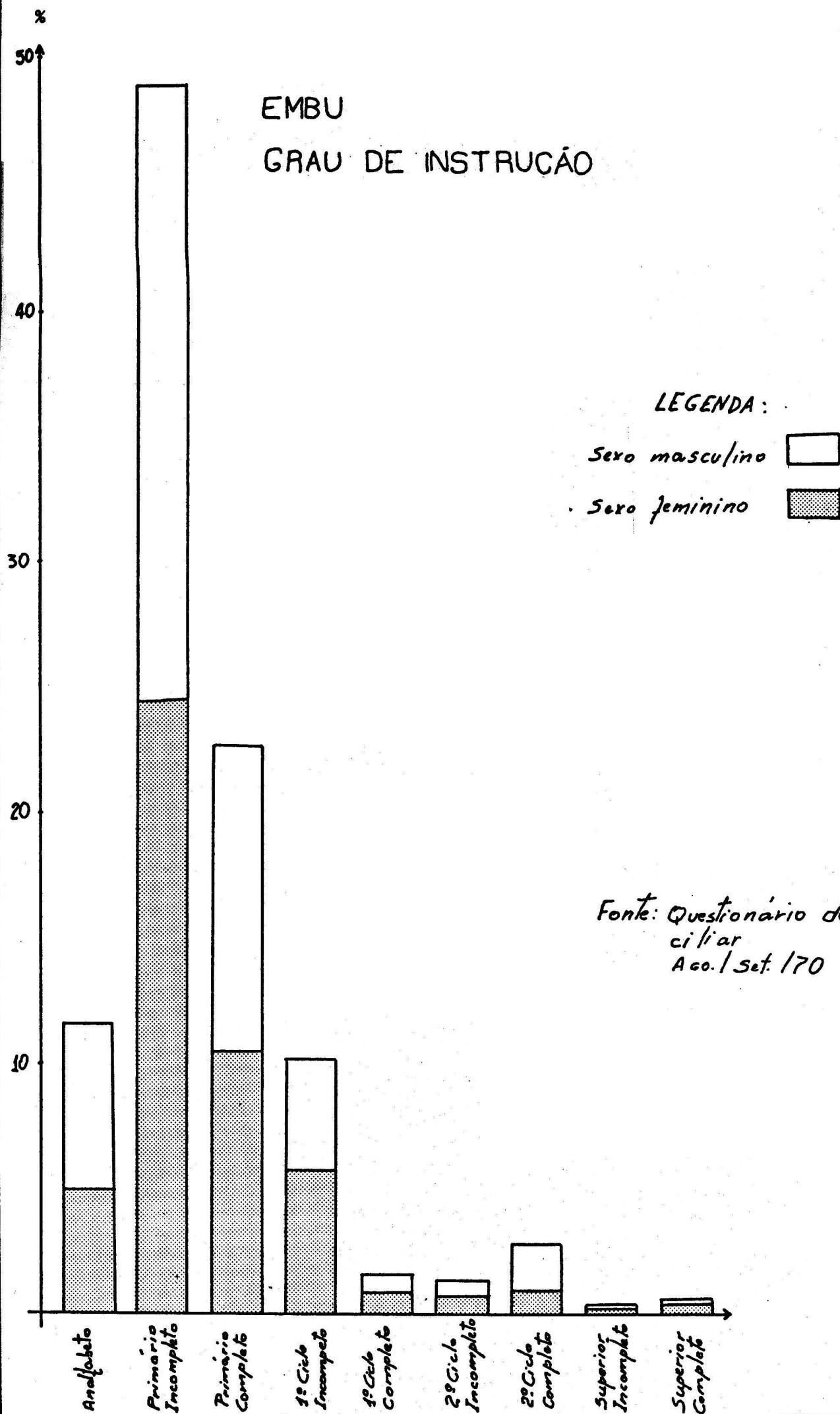
Grau de instrução *	Masculino	%	Feminino	%	Total	%
Sem escola	97	47,80	106	52,20	203	17,82
Analfabeto	46	42,60	62	57,40	108	9,50
Primário Incompleto	228	49,80	230	50,20	458	40,17
Primário Completo	97	45,75	115	54,25	212	18,59
1º ciclo Incompleto	53	55,80	42	44,20	95	8,33
1º ciclo Completo	9	60,00	6	40,00	15	1,31
2º ciclo Incompleto	7	53,85	6	46,15	13	1,14
Superior Incompleto	2	66,67	1	33,33	3	0,26
Superior Completo	4	80,00	1	20,00	5	0,43
Sem inform.	-	-	2	-	2	0,17
Total	551	48,35	589	51,45	1140	100,00

Fonte: Questionário domiciliar
Agosto/Setembro 1970

*O agrupamento dos dados é anterior à aplicação da Reforma do Ensino, que dá uma nova divisão para os níveis de ensino.

Os dados apresentados refletem o baixo nível de instrução existente em Embu. Sendo a população constituída em grande parte por pessoas provenientes de outras áreas, vindas do campo na maior parte das vezes, não possuem um grau de escolaridade mínima. Somado a isto, salienta-se que somente a partir de 1964 é que o núcleo possui um ginásio, enquanto que para cursos acima deste nível, mister se faz o deslocamento para áreas próximas como Taboão da Serra e, sobretudo, São Paulo. Mesmo o ginásio local só contou com cursos noturnos a partir de 1971, não sendo possível até então aos que trabalhavam durante todo o dia o acesso a este curso. Tais aspectos oneraram sobretudo os custos de instrução, tornando-se inviável às classes menos favorecidas.

EMBU
GRAU DE INSTRUÇÃO



Origem da população

Já se fez referência anteriormente à diversidade da população do núcleo de Embu, faz-se necessária uma análise particular deste aspecto. Realmente, é bastante significativo que apenas 30,87% de sua população seja natural do próprio núcleo. O cartograma elaborado ilustra bem essa diversidade de procedência.

No que se refere à Região da Grande São Paulo, merece destaque o município de São Paulo que contribui com 13,68% do total da população de Embu. Mas, uma indagação logo se afigura. Seriam estes habitantes de origem paulistana realmente ou a capital representou apenas um dos pontos de parada da migração em várias etapas? Ocorre assim a hipótese de parte dos filhos de famílias provenientes de outras áreas terem nascido durante a estada em São Paulo.

Um outro dado que se pode acrescentar, é o fato de em várias das famílias já residentes em Embu, por ocasião do nascimento da criança, a mulher se deslocar até São Paulo, já que não existe maternidade em Embu. (*)

(*) Este fato foi nos relatado com frequência, quando da aplicação do questionário domiciliar. O registro da criança em geral tinha que ser feito antes da saída da paciente da maternidade, no Cartório de Registro Civil a cuja área pertencesse o nosocômio.

A relação entre habitantes de origem paulistana e a idade deste, torna mais verdadeira a hipótese levantada.

TABELA VI

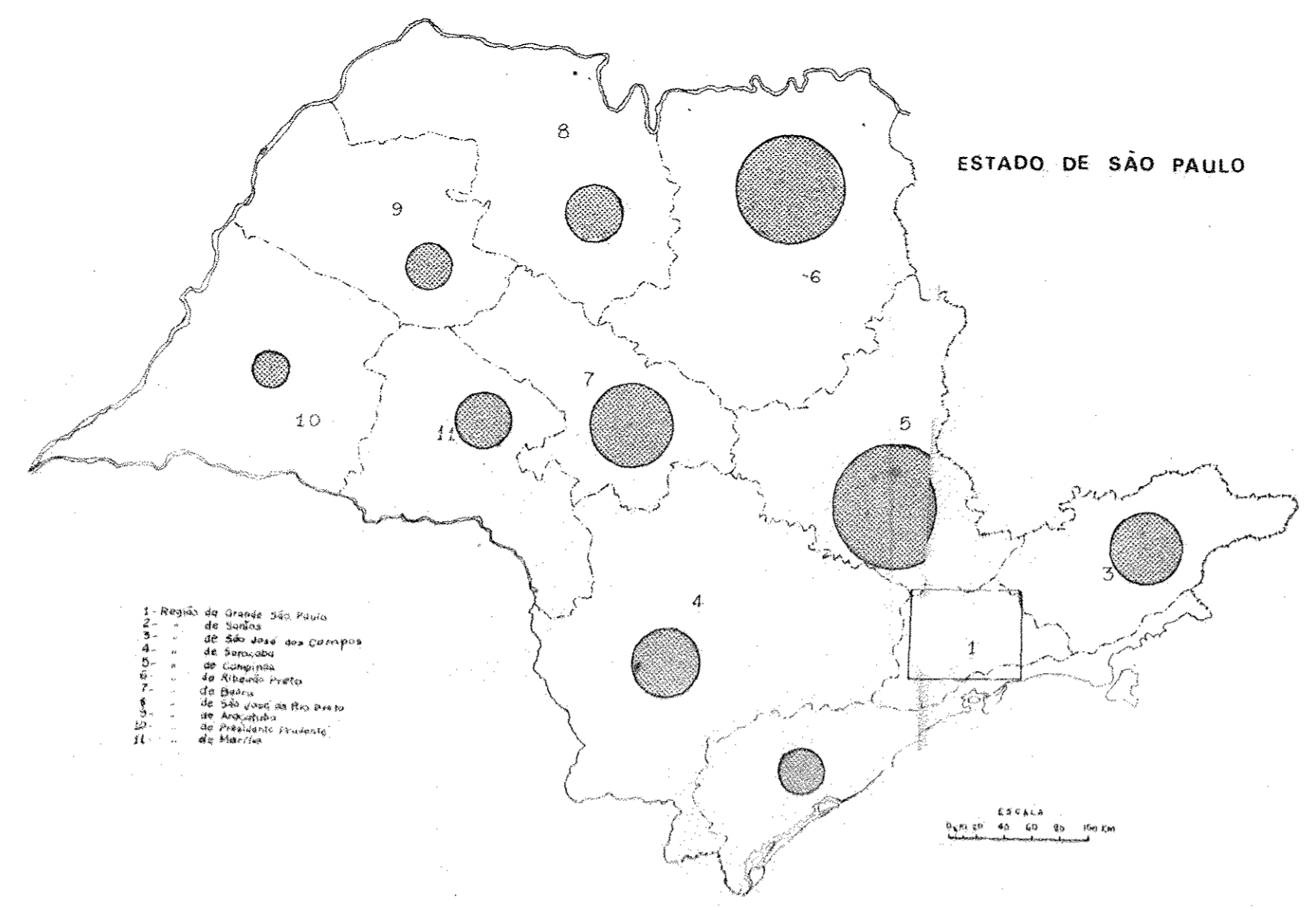
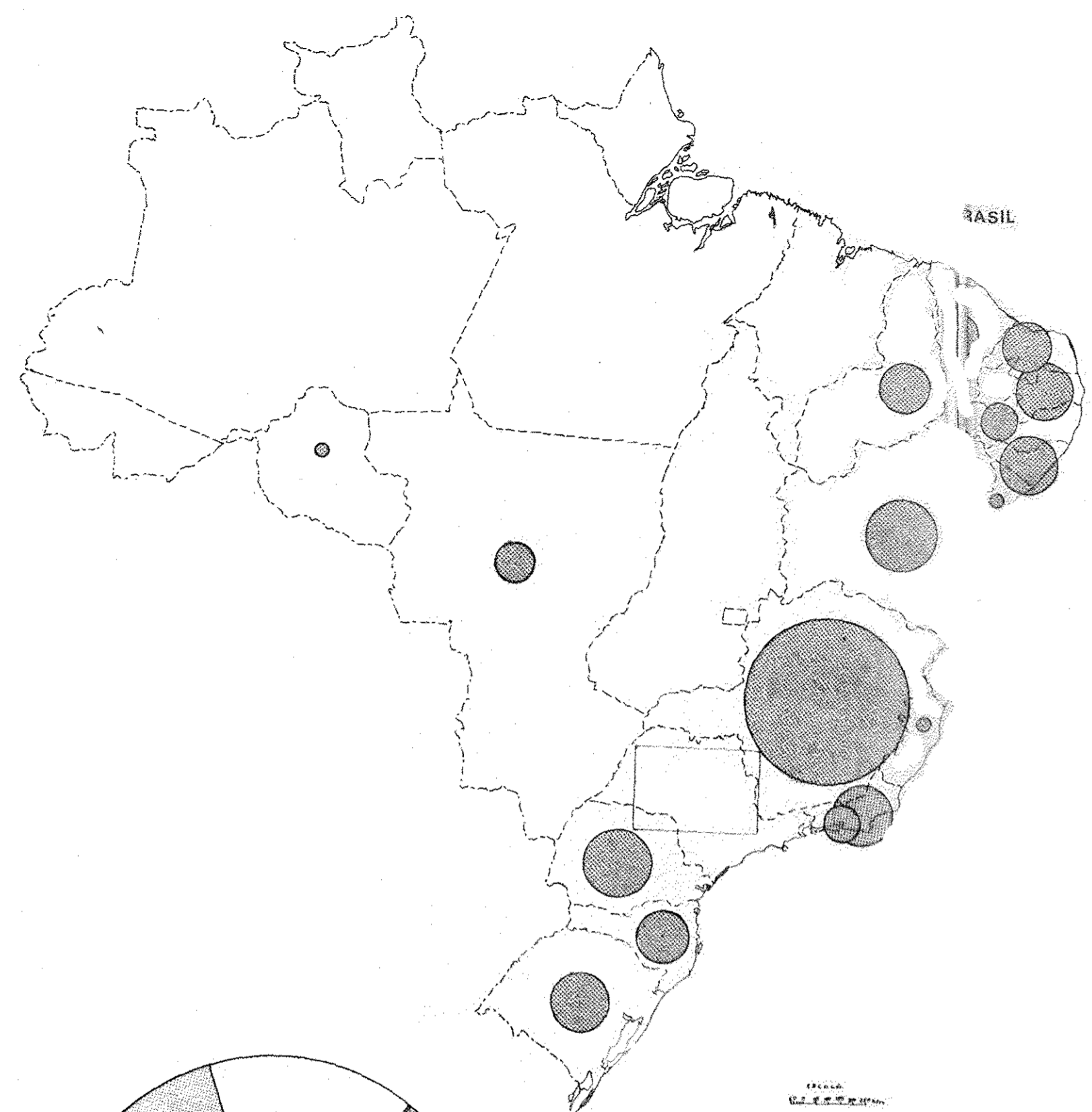
Embu - População de origem paulistana por faixa etária

Grupos de idades	Município São Paulo	%
0 - 4	41	26,28
5 - 9	29	18,62
10 - 19	38	24,35
20 - 29	20	12,82
30 - 39	11	7,05
40 - 49	8	5,12
50 - 59	4	2,56
60 e +	5	3,20
Total	156	100,00

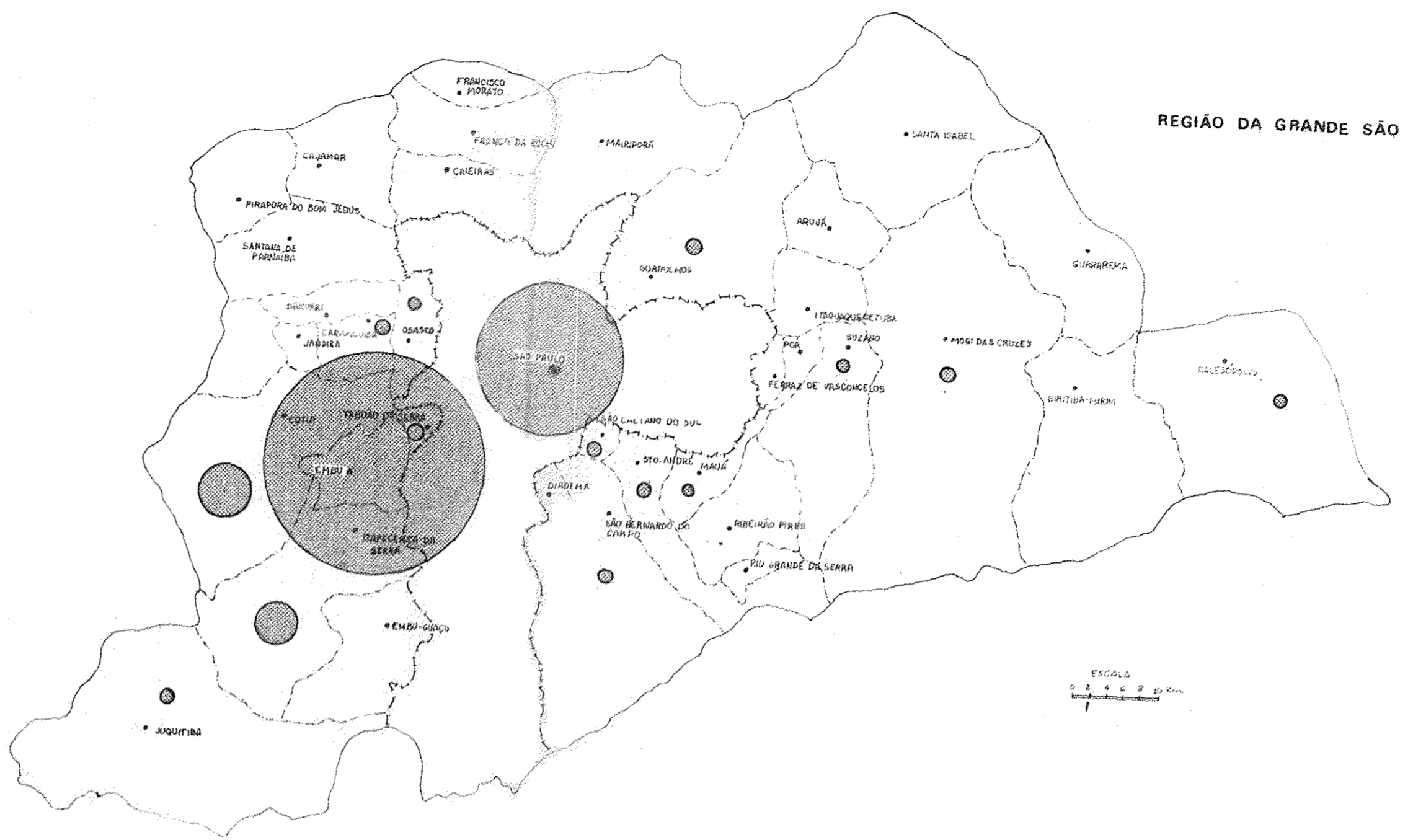
Fonte: Questionário Domiciliar

Agosto/Setembro 1970

Assim é que 44,90% da população de origem paulistana residente em Embu tem idade inferior a 10 anos e se se considerar a faixa etária até 19 anos completos este percentual se eleva a 69,25% do total. Parece viável, portanto, a hipótese levantada, sobretudo, se somada a outro dado, o da ausência de maternidade na área.

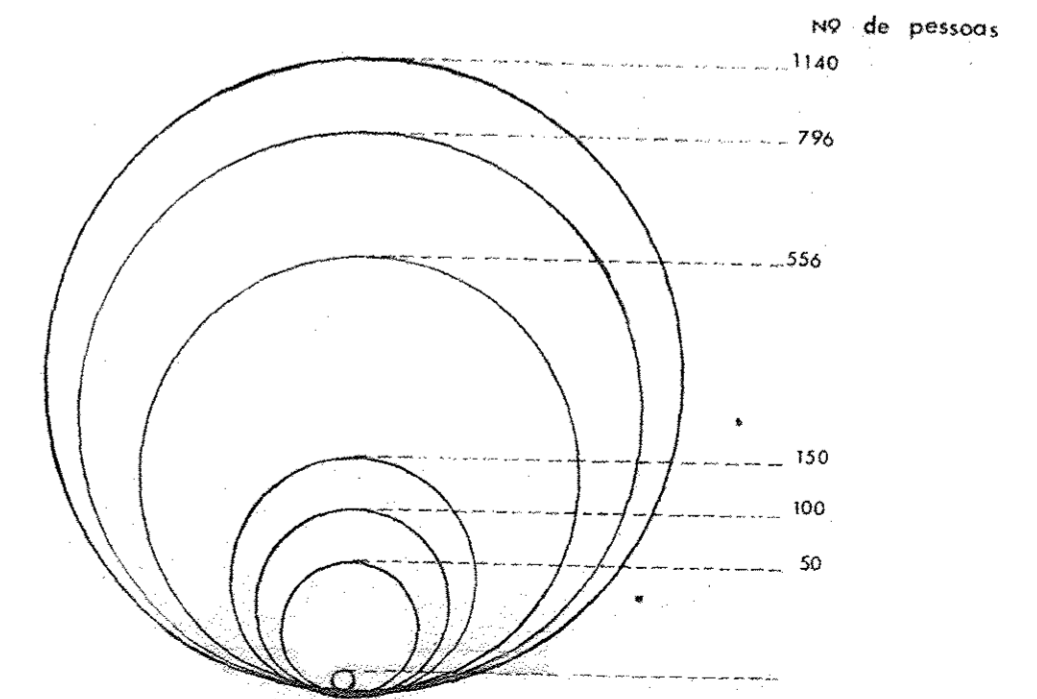
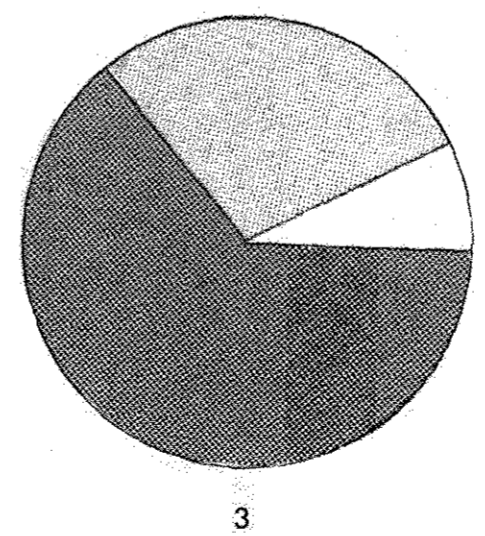
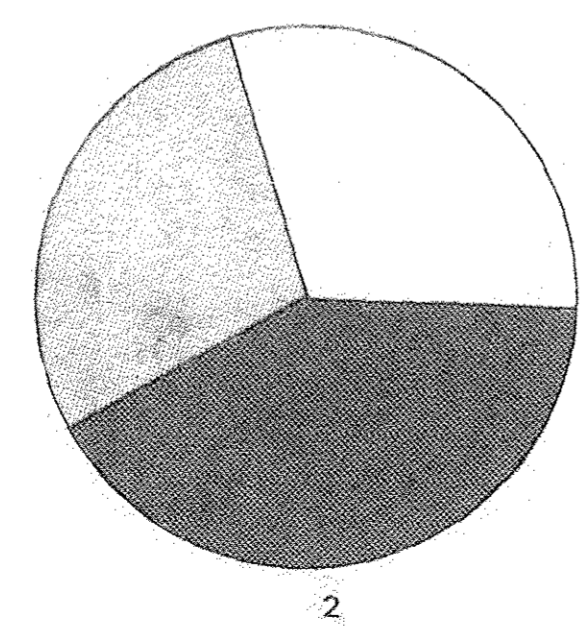
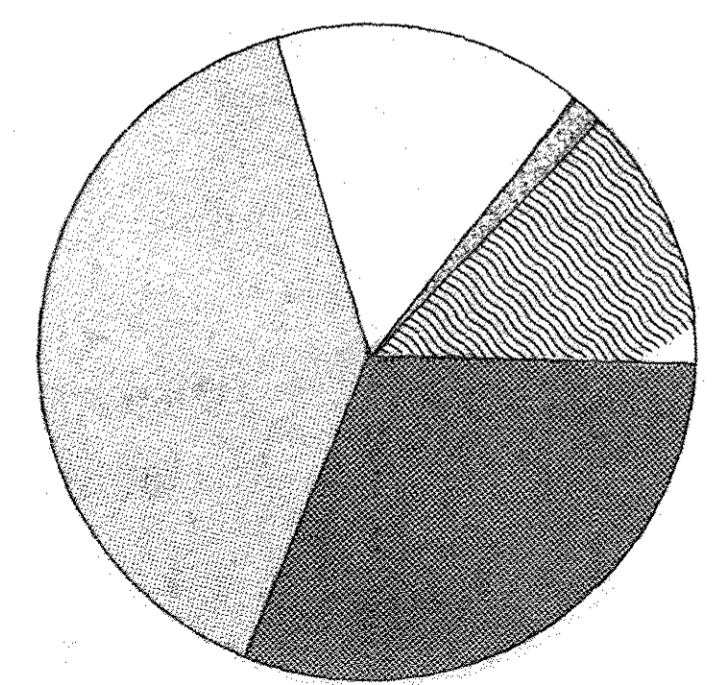
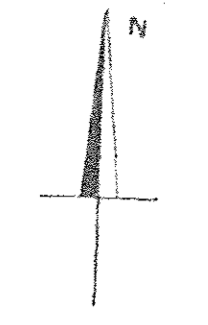


- 1 - Região da Grande São Paulo
- 2 - de Sorocaba
- 3 - de São João do Rio Preto
- 4 - de São João do Araguaia
- 5 - de Presidente Prudente
- 6 - de Marília
- 7 - de Bauria
- 8 - de São João do Rio Preto
- 9 - de São João do Araguaia
- 10 - de Presidente Prudente
- 11 - de Marília



LEGENDA

- Cartogramas
- NO de pessoas
- Gráficos
- 1
- NO de pessoas
 - Embu
 - Outros Municípios de SP
 - Minas Gerais
 - Outros Estados
 - Estrangeiro
- 2
- Embu
 - Outros Municípios da Cde SP
 - Outras Regiões de SP
- 3
- Embu
 - Mun. de São Paulo
 - Outros Municípios da Cde SP



**EMBU
NATURALIDADE**

FONTE:
LEVANTAMENTO DOMICILIAR EM
AGOSTO/1970

TOTAL DA AMOSTRA : 1140 PESSOAS

ORGANIZAÇÃO E DESENHO : NIEDJA

Dentro ainda da região considerada merecem referência os municípios de Cotia e Itapeçerica da Serra , que pela proximidade da área e os vínculos existentes entre eles, justifica a relativa representatividade encontrada (1,31 e 0,87% respectivamente).

Os demais municípios da Grande São Paulo / constituem casos isolados, denotando porém, a possível mobilidade dos grupos humanos que atraídos pela metrópole se deslocam entre os núcleos da periferia, em função de uma indeterminação no tipo de trabalho, ou mesmo face às condições de habitação.

De significação expressiva é a procedência de habitantes das demais regiões do Estado de São Paulo , destacando-se dentre as regiões administrativas do Estado, as de Campinas e Ribeirão Preto.

No plano interestadual se sobressai o Estado de Minas Gerais, com uma contribuição de 13,15% do total da população do núcleo de Embu. Tal fato vem ratificar um processo que de há muito se verifica neste Estado, que é a emigração crescente de sua população, principalmente em direção a São Paulo. Já na década de cinquenta ele figurava como o de maior emigração absoluta no conjunto do país (1). Também de procedência mineira são 8,35% do total da população do núcleo de Barueri, confirmando a presença destes contingentes na periferia paulistana.(2)

- (1) CAMARGO, J.F.de - Características e Tendências principais das migrações internas no Brasil, nas suas relações com a urbanização e a industrialização "in" Boletim Paulista de Geografia nº 33, A.G.B. 1959.
- (2) CAVALCANTE, T.C. - Barueri e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana. São Paulo, FFLCL da USP (em fase de conclusão).

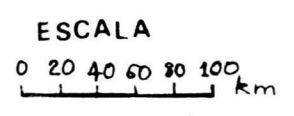
Dada a importância do contingente de origem achou-se conveniente a construção do cartograma 2. Como se pode observar, a maioria dos municípios que contribuem com contingentes demográficos para Embu está situada na porção sul do Estado mineiro, onde a influência da metrópole paulistana se faz sentir com mais intensidade, consequentemente exercendo maior atração sobre a população aí residente.

É digno de consideração dentre os demais o município de Ervália, com 20,00% do total de pessoas de procedência mineira. Além da expressividade numérica, é interessante observar a maneira como se processou esta emigração. Trata-se na quase totalidade, de pessoas com laços de parentesco, tendo o primeiro grupo que saiu mandado convidar outros e assim sucessivamente, tanto que apenas 2 dos 7 chefes de família desta localidade passaram primeiro por São Paulo, tendo os demais se deslocado diretamente para Embu. A escolha de local de moradia também reflete os laços existentes, tendo ido todos eles, instalar-se em locais comprados no Jardim Sílvia.

O caso de Ervália é apenas um exemplo dos diferentes matizes que envolvem o fenômeno de uma maneira geral, denotando que, embora inicialmente, o processo migratório seja isolado ou mesmo individual, ele tende a abarcar um maior número de pessoas, dando assim maior amplitude ao problema.

A procedência de elementos da Região Nordeste é também elevada, sobressaindo-se entre os demais, o Estado da Bahia, com 25,00% do total regional.

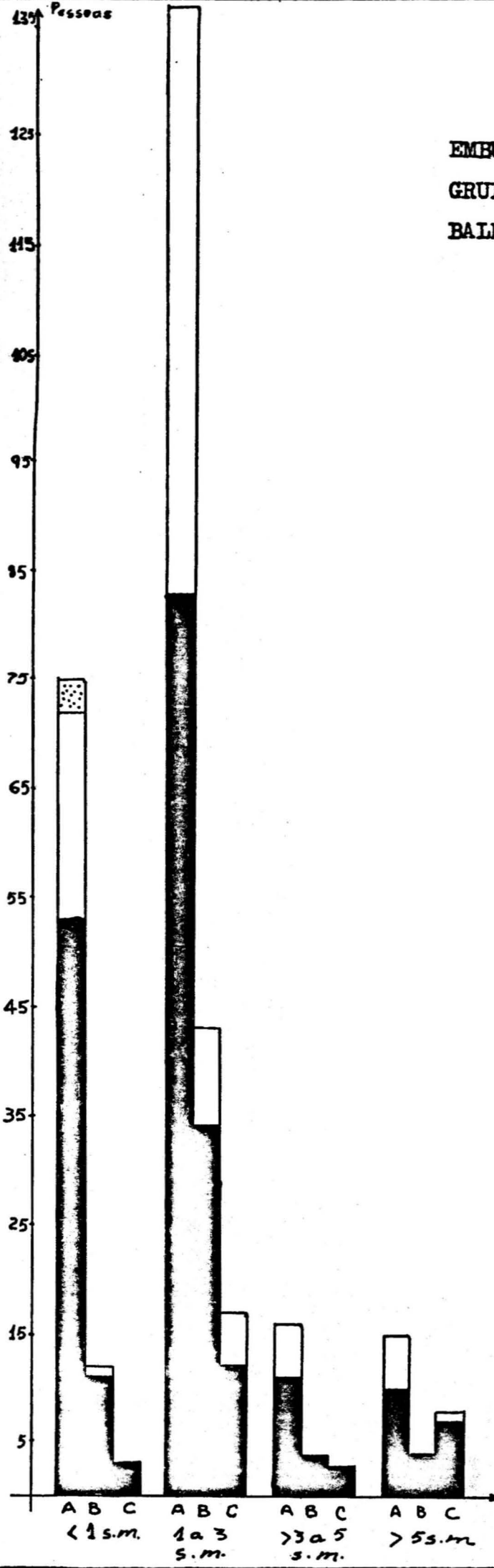
EMBU POPULAÇÃO DE ORIGEM MINEIRA



ORG. E DESENHO: NIEDJA
FONTE: QUESTIONÁRIO DOMICILIAR
AGO./SET./ 70

EMBU

GRUPOS DE SALÁRIOS POR LOCAL DE TRABALHO E SETOR DE ATIVIDADE



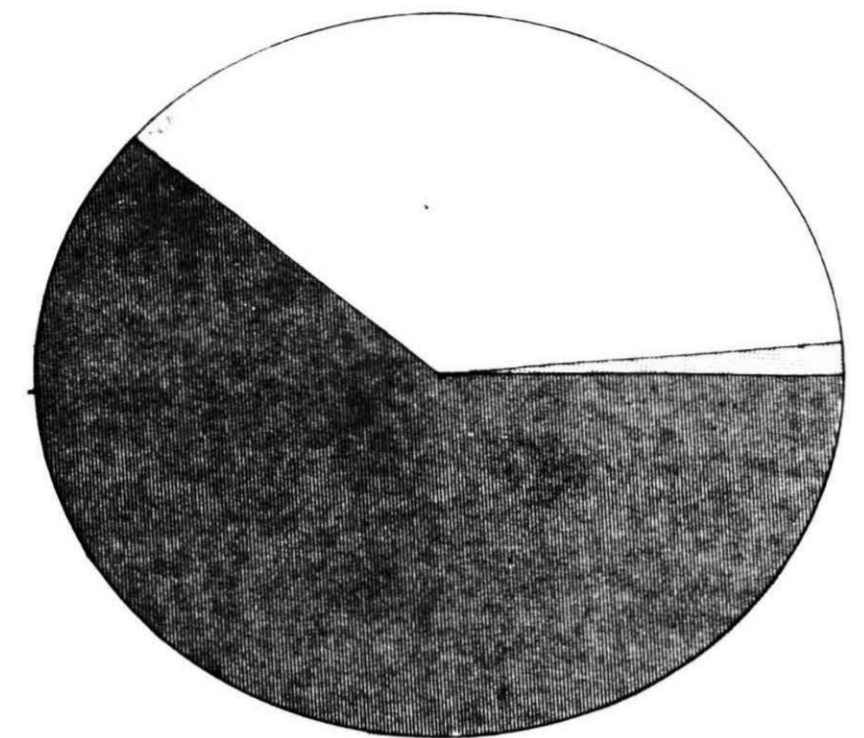
LEGENDA:

- Setor primário
- Setor secundário
- Setor terciário

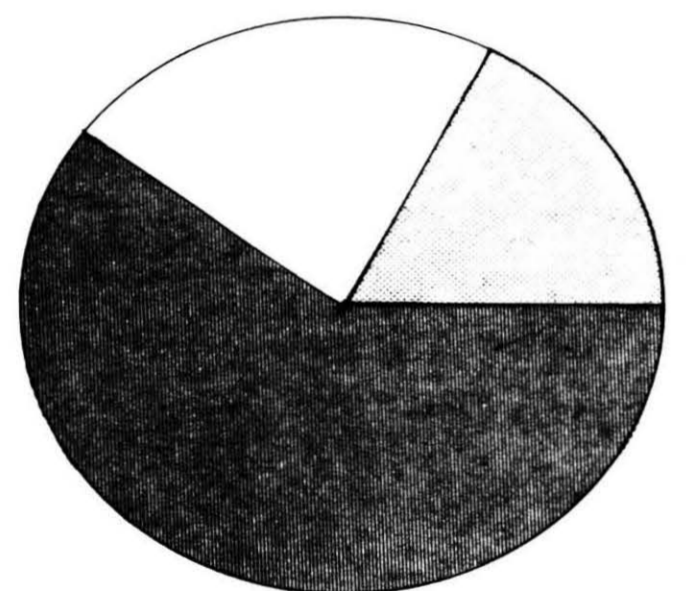
- Embu A
- São Paulo B
- Outros C

s.m. = salário mínimo

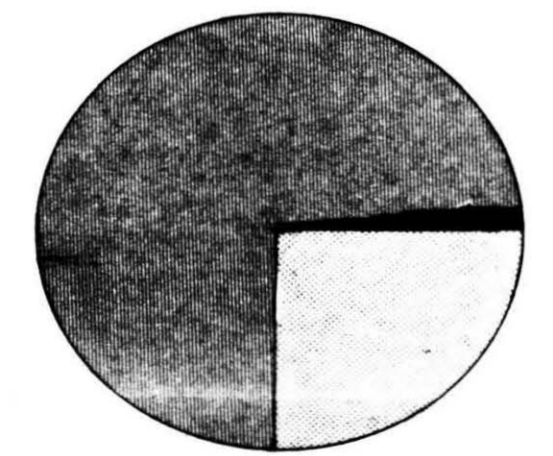
Fonte: Questionário domiciliar - Ago./set./70



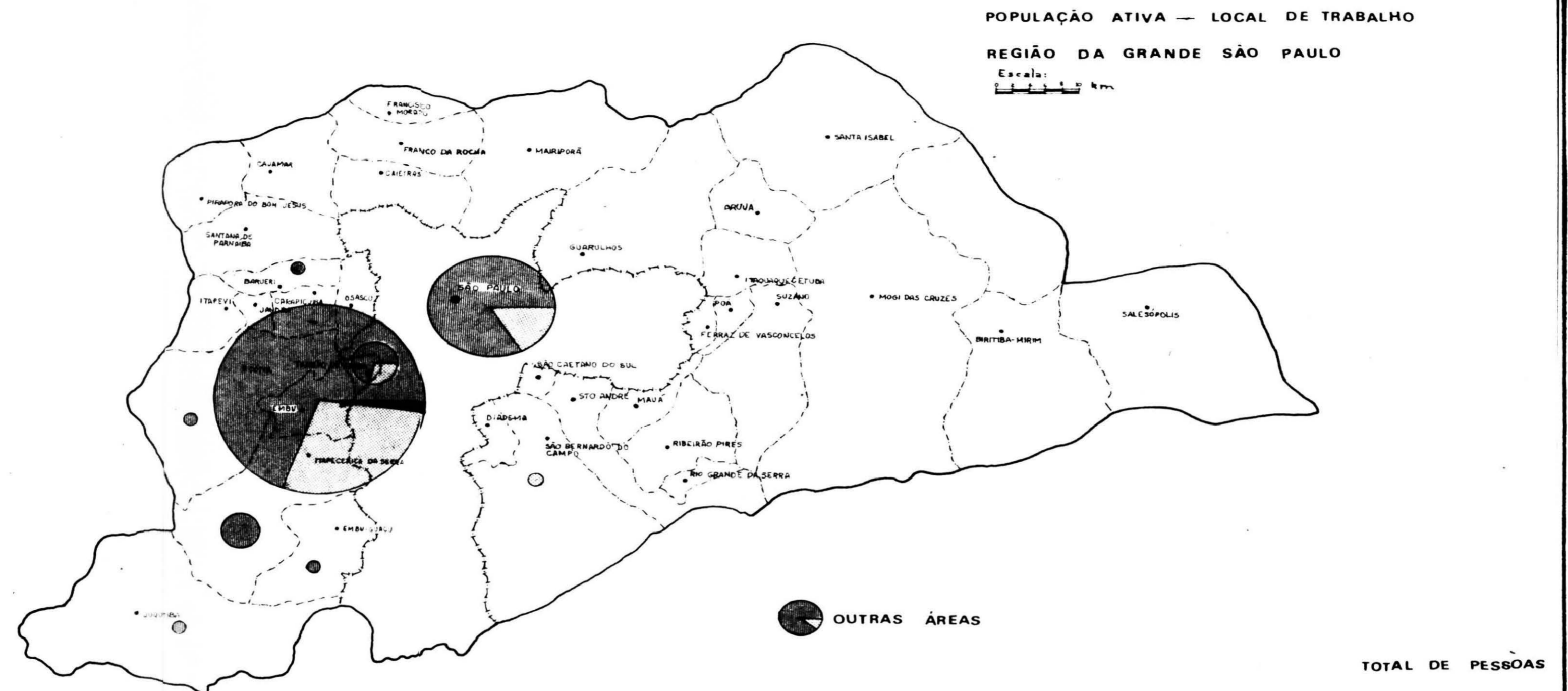
1 POPULAÇÃO TOTAL



2 POPULAÇÃO POTENCIALMENTE ATIVA



3 POPULAÇÃO ATIVA



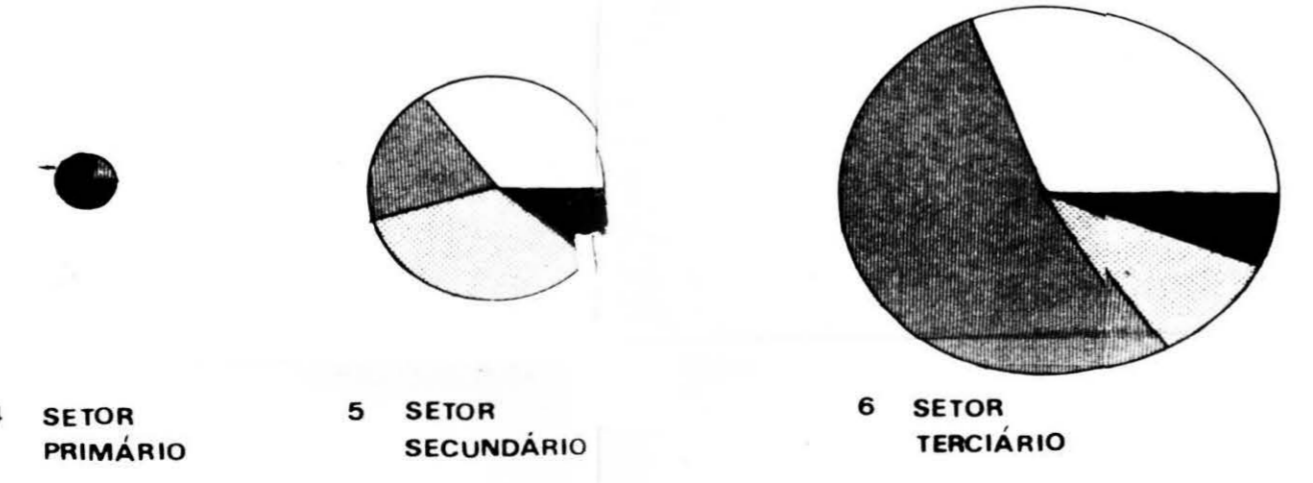
POPULAÇÃO ATIVA — LOCAL DE TRABALHO

REGIÃO DA GRANDE SÃO PAULO

Escala: 0 5 10 km

- LEGENDA:
- 1 POP. POTENCIALMENTE ATIVA
 - POP. INATIVA
 - APOSENTADOS
 - 2 POP. ATIVA
 - POP. ATIVA NÃO REMUNERADA
 - DESOCUPADOS
 - 3 SETOR PRIMÁRIO
 - SETOR SECUNDÁRIO
 - SETOR TERCIÁRIO
 - 4-5-6 ATIVIDADE ANTERIOR
 - SETOR PRIMÁRIO
 - SETOR SECUNDÁRIO
 - SETOR TERCIÁRIO
 - SEM INFORMAÇÃO

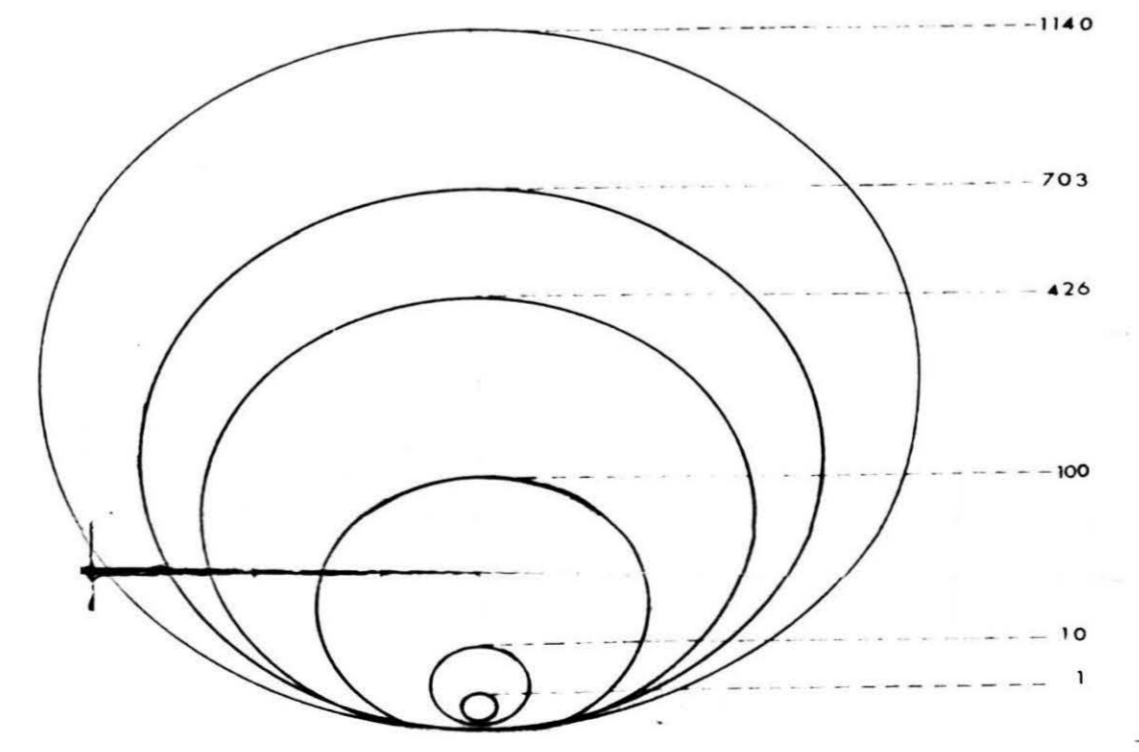
POPULAÇÃO ATIVA — ATIVIDADE ANTERIOR



4 SETOR PRIMÁRIO

5 SETOR SECUNDÁRIO

6 SETOR TERCIÁRIO



TOTAL DE PESSOAS

EMBU ATIVIDADE DA POPULAÇÃO

FONTE:
LEVANTAMENTO DOMICILIAR EM
AGOSTO/1970

TOTAL DA AMOSTRA: 1140 PESSOAS

ORGANIZAÇÃO E DESENHO: NIEDJA

Na Região Sul, o Estado do Paraná é o que apresenta maior número de habitantes residentes em Embu (49,00% da Região).

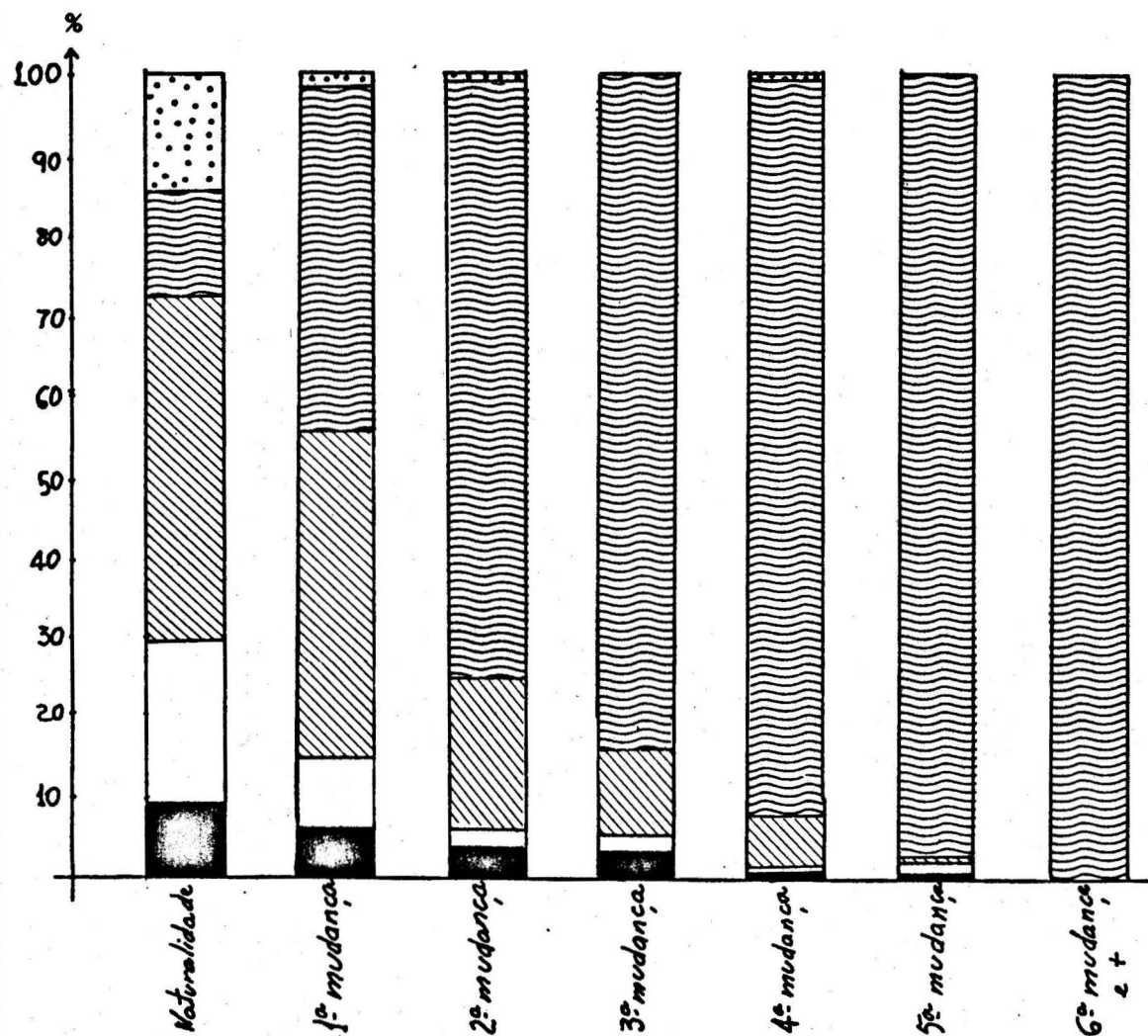
Agrupando-se as diversas áreas de procedência por Regiões do País tem-se: o Sudeste com 84,80%; o Nordeste com 8,50%; o Sul com 4,50%; o Centro - Oeste com 0,17%. A procedência de estrangeiros é pouco significativa constituindo tão somente 1,20% do total da população do núcleo, embora exista na área rural uma coletividade japonesa.

A existência dessa diversidade de origem dos habitantes do total da amostra, mas dos chefes de família em particular, pois são eles elementos de significação primordial no processo de migrações.








Nesta perspectiva, buscou-se não só a sua origem, mas os deslocamentos efetuados, a fim de que se pudesse ter dados sobre as direções e intensidades das mudanças realizadas.

Como fica evidenciado na tabela VII e gráfico 4, apenas 13,55% dos chefes de família, são naturais do Município de Embu. O maior índice de procedência destes chefes se dá no próprio Estado de São Paulo, destacando-se mais uma vez as Regiões de Campinas, Ribeirão Preto e Bauru. Mesmo assim, se se comparar com os dados de naturalidade do total da amostragem, percebe-se que nela o Estado em pauta contribue com 69,90% do total considerado, enquanto que para os chefes de família este total é de apenas 56,00%.

EMBU PROCEDÊNCIA DO CHEFE DE FAMILIA



LEGENDA:

- Região Nordeste 
- Região Sudeste: 
- São Paulo: 
- Embu 
- Demais Municípios 
- Outros Estados 
- Demais Áreas 

Fonte: Questionário domiciliar - Ago/Set. 1970

O processo inverso ocorre com o Estado de Minas Gerais que eleva o seu percentual de 13,15 para 17,75%, embora no conjunto da região Sudeste este percentual al des cre ça de 84,80% para 76,15%

A região sul apresenta praticamente os mesmos resultados, enquanto que na região nordeste, para o total geral da amostra sua participação é de apenas 8,50%, no que se refere a chefes de família ela é de 14,50%.

O número de chefes de família procedentes do estrangeiro já é mais significativo, correspondendo a 3,75% do total .

A apresentação dos dados acima evidencia u ma acentuação na diversidade de origem da população de Embu, denotando que parte dos habitantes do núcleo, e mesmo os do Estado de São Paulo como um todo, são filhos de nor destinos ou mineiros aí radicados após sucessivas mudan ças.

O gráfico traz ainda a intensidade destas mudanças embora não dê duas direções. Infelizmente, não se encontrou uma maneira expressiva de cartografá-las. Mesmo assim, é possível constatar que apenas 22,90% dos chefes de família da amostragem considerada se deslocaram direta mente para Embu. Os demais perseguiram uma trajetória de duas, três ou mesmo até dez mudanças, até se radicarem no núcleo em pauta. Os que efetuaram maior número de mudanças foram exatamente nordestinos e mineiros, embora seja expressiva também a participação de paulistas de diversas regiões.

TABELA VII

Embu - Procedência do Chefe de Família

REGIÕES	Naturalidade	%	1ª Mu dança	%	2ª Mu dança	%	3ª Mu dança	%	4ª Mu dança	%	5ª Mu dança	%	6ª Mu dança	%
NORDESTE	31	14,50	3	1,40	1	0,47	-	-	1	0,47	-	-	-	-
SUDESTE	163	76,15	198	92,50	205	95,78	207	96,70	211	98,69	213	99,53	-	-
ESTADO DE SÃO PAULO	120	56,00	185	86,50	200	93,43	203	94,80	210	98,13	210	98,13	-	-
EMBU	28	13,55	99	46,50	159	74,28	180	84,06	197	92,12	208	97,17	214	100,00
DEMAIS MUNICÍPIOS	92	42,45	86	40,00	41	19,15	23	10,74	13	6,10	2	0,96	-	-
DEMAIS ESTADOS SE	43	20,15	13	6,00	5	2,35	4	1,90	1	0,47	3	1,40	-	-
SUL	9	4,20	10	4,70	3	1,40	3	1,40	1	0,47	-	-	-	-
CENTRO- OESTE	-	-	3	1,40	5	2,35	4	1,90	1	0,47	1	0,47	-	-
EXTERIOR	8	3,75	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
SEM INFORMAÇÃO	3	1,40	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	214	100,00	214	100,00	214	100,00	214	100,00	214	100,00	214	100,00	214	100,00

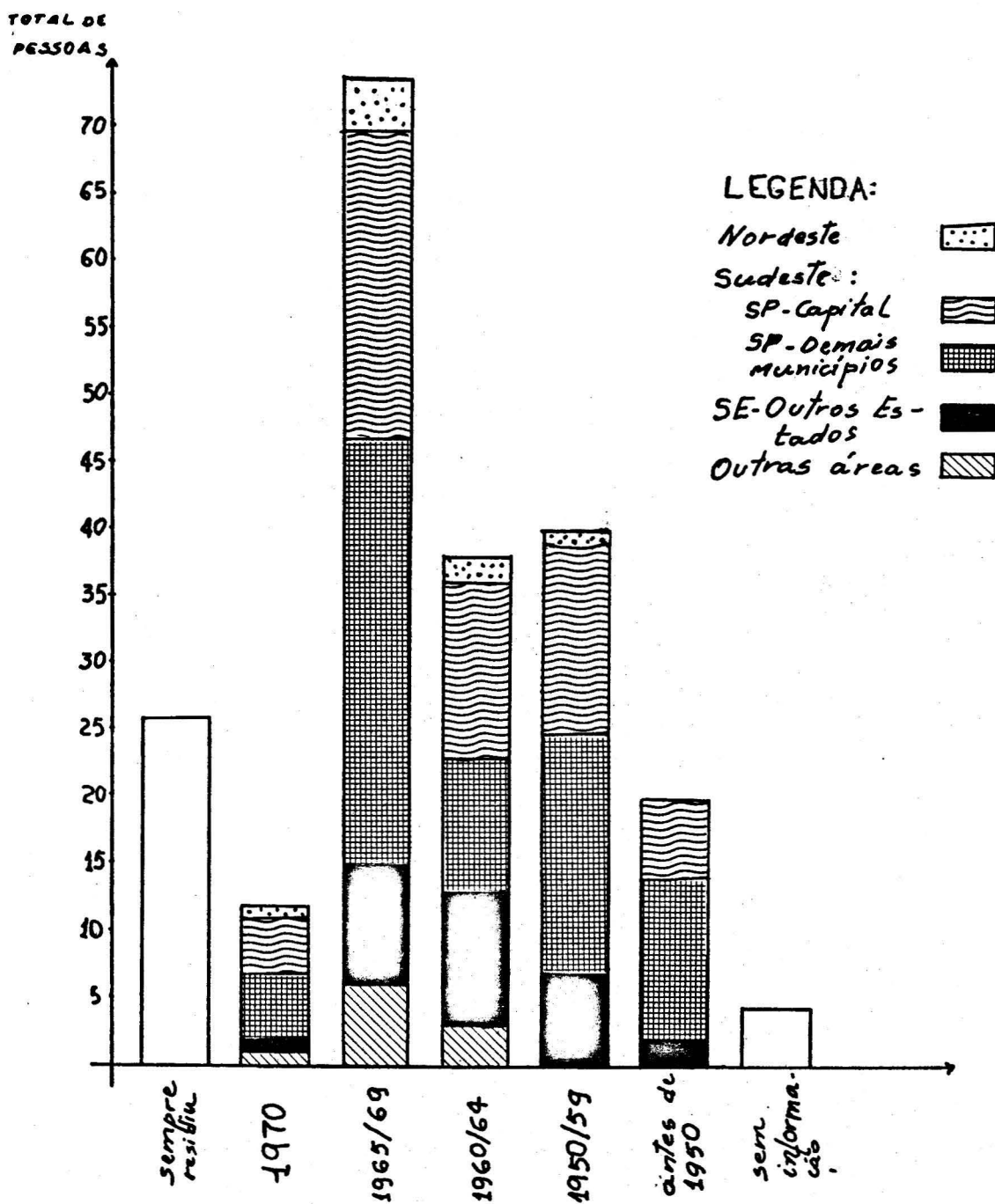
Fonte: Questionário domiciliar.
Agosto/Setembro 1970.

A elaboração do gráfico de última moradia - do chefe relacionando com o ano de instalação no núcleo , permite verificar a expressiva participação do município de São Paulo, vindo confirmar a atração exercida pela metrópole e a participação de Embu como núcleo periférico de recepção desses grupos que saem da capital à procura de mor radias mais baratas.

É interessante constatar também que 66,48% desse contingente se deslocou para o núcleo nos últimos dez anos, principalmente a partir de 1965. Esses dados vêm con firmar a hipótese levantada anteriormente com relação ao número de pessoas de origem paulistana e respectivas idades, supondo-se tratar-se de filhos de migrantes que por aí passaram ou se fixaram.

A diversidade de origem da população do núcleo de Embu é um fato de inestimável significação na caracterização da área e na sua definição como periferia de metrópole, à medida que participa em um dos aspectos que envolve o processo de metropolização. Confirma, enfim, a grande atração exercida por São Paulo sobre populações de áreas as mais diversificadas do país.

EMBU

ULTIMA MORADIA DOS CHEFES DE FAMILIA
E ANO DE INSTALAÇÃO NO NUCLEO

Fonte: Questionário domiciliar - Ago./set. 70

As atividades

Na análise das atividades, considerou-se o critério oficial para delimitação da população em idade de trabalhar, ou seja, de 14 a 65 anos para mulheres, e para os homens, a faixa de idade compreendida entre 14 e 70 anos.

De acordo com esse critério, a população potencialmente ativa do núcleo considerado representa 61,65% do total. Desse contingente, apenas 60,50% trabalha efetivamente em atividades remuneradas. O restante é compreendido por desempregados ou desocupados (17,70%) e pelas donas de casa (21,80%).

Se se considerar a distribuição por sexo, notar-se-á que a maioria da população ativa é constituída / por elementos do sexo masculino, abrangendo 70,20% do total. Inversamente, o número de desocupados é maior com relação aos do sexo feminino, representando 67,20% dos que estão neste caso. A maior representatividade do sexo masculino na faixa dos desocupados ocorre no grupo etário entre 14 e 19 anos, o que pressupõe tratar-se de uma parcela da população estudantil ou de pessoas sem qualificação profissional definida, tornando-se assim mais difícil arranjar trabalho.

Ainda com relação às faixas de idades, observa-se que 53,00% dos homens que trabalham têm entre 20 e 39 anos, havendo, entretanto, casos em que pessoas com mais de 70 anos ainda exercem atividade remunerada, quando teoricamente já deveriam estar aposentadas. A distribuição da população ativa na pirâmide de idades evidencia bem estes aspectos.

Vejam-se agora as diferentes ocupações a que se dedica esta população ativa. Utilizando a classificação do I.B.G.E. agruparam-se estas atividades em dez itens.

TABELA VIII

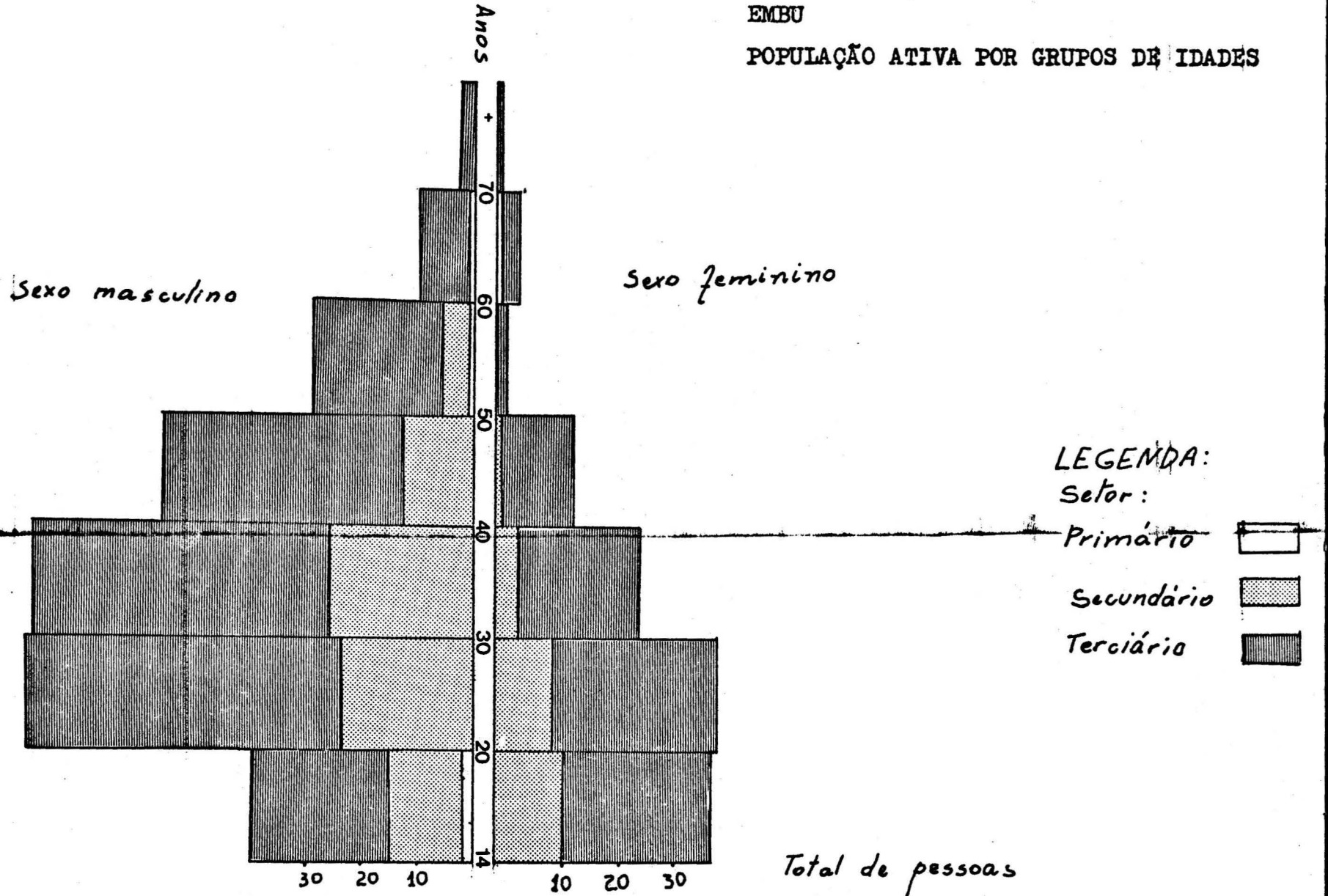
Embu - População ativa por grupos de atividades

Grupo de atividade	SEXO MASCULINO		SEXO FEMININO		TOTAL	
	Nº de pessoas ocupadas	% por sexo	Nº de pessoas ocupadas	% por sexo	Nº de pessoas ocupadas	% sobre os grupos de atividades
Agricultura, pecuária, silvicultura	4	80,00	1	20,00	5	1,17
Indústria extra-urbana	8	100,00	-	-	8	1,87
Indústria de transformação	73	73,00	27	27,00	100	23,50
Comércio de mercadorias	41	78,80	11	21,20	52	12,20
Imóveis, valores, seguros, crédito	2	40,00	3	60,00	5	1,17
Serviços	93	62,40	56	37,60	149	35,02
Transporte, comunicação, armazenagem	22	95,65	1	4,35	23	5,40
Profissões liberais	4	28,58	10	71,42	14	3,27
Atividades sociais	1	100,00	-	-	1	0,23
Administração Pública, legislativo, justiça	24	88,80	3	11,20	27	6,31
Defesa nacional e segurança pública	2	100,00	-	-	2	0,46
Atividade não compreendida nos demais ramos, mal declaradas ou não definidas	26	65,00	14	35,00	40	9,40
Total	300	70,20	126	21,80	426	100,00

Fonte: Questionário domiciliar
Agosto/Setembro 1970

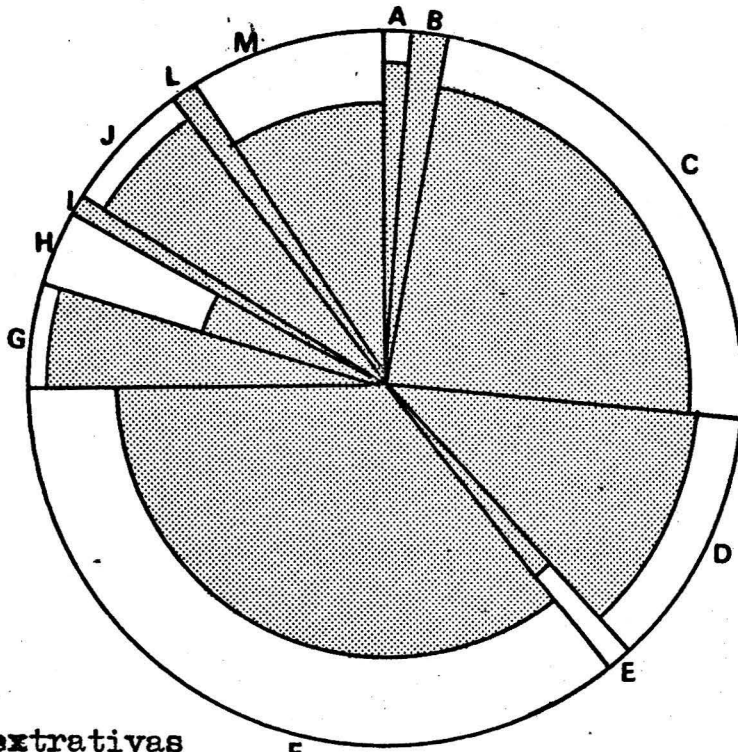
EMBU

POPULAÇÃO ATIVA POR GRUPOS DE IDADES



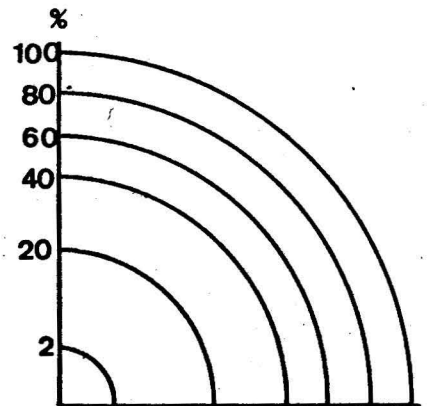
Fonte:
Questionário domiciliar
Ago./Set/70



EMBU
 POPULAÇÃO ATIVA POR GRUPOS DE
 ATIVIDADES



Grupos de
 atividades:

- A-Agricultura
- B-Indústrias extrativas
- C-Indústrias de transformação
- D-Comércio de mercadorias
- E-Comércio de imóveis, valores, créditos e capitalização
- F-Prestação de serviços
- G-Transportes, comunicações
- H-Profissões liberais
- I-Atividades sociais
- J-Administração pública, legislativo, justiça
- L-Defesa nacional e segurança pública
- M-Atividades mal declaradas ou não compreendidas nos demais ramos



Sexo:
 masculino 
 feminino 

A maior representatividade é encontrada na prestação de serviços, com 35,02% do total, seguindo-se a indústria de transformação com 23,40% e, em terceiro plano, as atividades comerciais com 12,20%.

O sexo masculino predomina na maior parte dos grupos, exceção feita às profissões liberais, face ao número de professoras, sobretudo, do curso primário. Para o maior número de bancárias não se encontra explicação, já que esta profissão parece atrair principalmente indivíduos do sexo masculino.

É interessante ressaltar o elevado número de empregadas domésticas e operárias, constituindo 30,15% e 21,45% respectivamente, do total da população ativa feminina.

O número de pessoas dedicadas só às atividades artísticas, tais como pintura e escultura, representa 4,50% do total da população ativa, percentagem esta bastante significativa em se tratando de um núcleo como o de Embu, que tem parte de sua função turística apoiada no movimento artístico que aí se desenvolve.

Num plano mais geral agruparam-se os diferentes grupos de atividades em três grandes setores: o primário, o secundário e o terciário.

O setor primário, que engloba atividades ligadas à agricultura, pecuária e silvicultura, é pouco representativo, já que se trata de um núcleo urbano periférico à metrópole. A percentagem deste setor no conjunto da população ativa é de apenas 1,20% e é constituído em geral por pessoas que tem uma pequena horta no próprio quintal

(sobretudo os mais idosos) ou pelos que cuidam de chácaras próximas ao núcleo (os mais jovens).

A percentagem de população ativa no setor secundário é de 25,35%, índice já representativo, embora a maior expressão esteja no setor terciário, com 73,45% do total das pessoas com ocupação remunerada. Entretanto, essa maior expressividade do setor terciário não significa que Embu desempenhe uma função de destaque no que se refere à prestação de serviços ou comércio (atividades que registram maiores índices neste setor).

O engrossamento do setor terciário parece e resultar mais das diversas formas de sub-emprego aí registradas, como também da falta de qualificação profissional da população, problema este levantado inclusive pela maior parte das indústrias locais.

Há que registrar ainda, o problema da instabilidade de profissão, embora sua análise esteja de certa forma prejudicada pela elevada percentagem de pessoas que não responderam a questão sobre profissão anterior. Apesar disso, percebe-se uma mobilidade muito grande da população ativa, quer seja apenas por mudança de emprego envolvendo atividades dentro de um mesmo setor (mobilidade horizontal) ou passando de um setor para outro (mobilidade vertical).

Das pessoas compreendidas no setor primário, 80,00% trabalhavam anteriormente no mesmo ramo de atividade, enquanto 20,0% provinham do setor terciário.

Cerca de 34,25% do pessoal enquadrado no setor secundário não respondeu sobre a atividade anterior . Dos que responderam, 16,00% vieram diretamente do setor primário, 32,40% do setor terciário e os 53,60 restantes já pertenciam ao próprios setor secundário:

No que se refere à atividade anterior do pessoal ocupado no setor terciário cerca de 75,00% dos que responderam, permaneceram no próprio ramo de atividade ou um outro dentro do mesmo setor; 10,15% vieram diretamente do setor primário e 14,5% desempenharam atividades compreendidas no setor secundário.

A percentagem de respostas prejudicadas, relativas a atividade anterior, atinge 30,35% do total considerado para a população ativa. Mesmo assim seria interes - sante completar as observações feitas verificando-se a mu - dança a partir da atividade anterior. Nesta diretriz, constata-se que das pessoas que anteriormente pertenciam ao setor primário, apenas 11,4% permaneceram no mesmo setor, , tendo 56,00% se deslocado para o setor terciário e os 32,0 % restantes, para o setor secundário.

Já as pessoas que antes trabalhavam no setor secundário, cerca de 55,00% permaneceram no mesmo se - tor de atividade e 45,00% mudaram para o setor terciário.

Quanto aos que pertenciam anteriormente ao setor terciário, constatou-se que 74,8% permaneceram neste mesmo setor, 24,0% passaram a pertencer ao setor secundário e apenas 1,2% ao setor primário.

Os dados apresentados demonstram uma significativa instabilidade profissional, característica de uma mão de obra de baixo nível de instrução e fraca especialização. Não é de mais lembrar, também, que a grande proporção de imigrantes existentes na área, nas suas sucessivas etapas de migração podem ter contribuído ainda mais para uma diversificação em relação às atividades anteriores, o que tornaria muito mais expressivo os dados, se se dispusesse de um histórico de atividades.

O local de trabalho da população ativa é outro aspecto que deve ser ressaltado desde já, pois um pouco mais de 1/4 desse total trabalha fora do município: em São Paulo e outras áreas da Grande São Paulo ou mesmo fora dela.

O cartograma de atividade da população dá uma boa idéia dessa distribuição por setor de atividade. O setor primário só aparece no município de Embu, enquanto que o secundário está distribuído entre São Paulo, Taboão da Serra, São Bernardo do Campo e áreas fora da Grande São Paulo.

A proporção do setor terciário é sempre preponderante nas diversas áreas, exceto em São Bernardo do Campo.

A existência de pessoas residindo no núcleo e trabalhando fora dele, é mais um elemento que vem confirmar o seu caráter de periferia de metrópole, definindo uma relação a mais dentre as diversas que envolvem as duas áreas. Não se pretende desde já discorrer sobre as implicações de deslocamento advindas de tal fato, mas ele se faz importante nas diferenças de salários resultantes dessa distribuição.

Condições sócio-econômicas

Os fatos analisados anteriormente dão alguns indicadores das condições de vida da população enfocada. Assim é que uma população constituída essencialmente de migrantes de regiões brasileiras sócio-econômicamente mais problemáticas, apresentando um baixo índice de escolaridade, sem especialização profissional, provenientes em boa parte de áreas rurais, agrupadas em famílias numerosas, apresentam poucas possibilidades de ocupar cargos de destaque e conseqüentemente, de ter um bom salário.

Veja-se, então, de quanto dispõe esta população para viver. Consideraram-se níveis de salários com base no salário mínimo vigente na época (outubro de 1970), isto é, Cr\$187,00. Convém ressaltar que 20,90% da população ativa não informou sobre os respectivos salários, tornando assim a amostragem menor, mas ainda válida.

De modo geral as maiores concentrações de salários estão nas faixas de mais de um a dois salários mínimos (24,80%) e em menos de um salário mínimo (21,20%).

Os que recebem menos de um salário mínimo / constituem 24,45% da população ativa que trabalha em Embu,, 15,20% da que desloca para São Paulo e 10,71% da que se dirige aos demais municípios da Grande São Paulo. A maior par

te das pessoas que estão nesta faixa de salário pertence ao setor terciário, sobretudo, ao grupo de prestação de serviços. Estão ainda nesta faixa as pessoas que se dedicam às atividades do setor primário.

É, pouco expressiva a faixa dos que recebem exatamente um salário mínimo, com cerca de 9,20% do total da população ativa. São os municípios da Grande São Paulo que apresentam maior índice nesta faixa de salário (17,85% do total da população de Embu que trabalha nessas áreas), representado sobretudo, por pessoas que trabalham em indústrias de transformação e prestação de serviços.

A faixa de salário compreendida entre um e dois salários mínimos é representativa nas diferentes áreas. Em Embu constitui 24,45%, em São Paulo 30,30% e nos municípios da Grande São Paulo, 21,42% da população ativa que para aí se desloca. É na indústria de transformação / que esta faixa de salários predomina, seguindo-se a administração pública e a prestação de serviços.

As pessoas que recebem entre dois e cinco salários mínimos aparecem em diferentes grupos de atividades e nos vários locais de trabalho, embora que menos expressivas no município de Embu. Representam 17,55% da população ativa e correspondem em geral ao pessoal mais especializado, daí decorrendo um forte contraste de salários num mesmo grupo de atividades. Caso semelhante se dá com os 6,35% da população ativa que ganham acima de cinco salários, correspondendo a chefes de empresa ou alguns profissionais liberais, enquadrados no mesmo setor de atividade de um operário não especializado ou de uma empregada doméstica, respectivamente.

O gráfico 8 evidencia bem os aspectos retrocitados.

O que se percebe através da análise dos salários é que o nível de vida da população de Embu é bastante diferenciado, predominando condições de vida precárias, já que a maioria da população ativa recebe no máximo até dois salários mínimos (cerca de 55,15% do total).

Como se sabe, o número de jovens é aí elevado acarretando para a população ocupada oneroso encargo, expresso no fato de que ante os baixos salários, a distribuição da renda na família é baixa, sendo voltada a maior porção do salário para a própria subsistência.

Relacionando a renda familiar (soma dos salários por família) com o equipamento doméstico, pode-se ter uma idéia mais clara das condições de vida da população estudada.

Verifica-se que, mesmo somados os salários, é ainda significativo o número de casos em que a própria renda familiar atinge no máximo dois salários mínimos (35,20%). As rendas consideradas médias (entre dois e cinco salários) constituem a maior parte, ou seja, 41,40%.

Ora, a existência de tão poucos orçamentos familiares terão, seguramente, consequência direta no padrão de vida da população, sobretudo considerando a média de pessoas por família, na área. Os gastos com alimentação, transporte e moradia absorvem a quase totalidade da renda da família, decorrendo daí problemas de acesso à escola, condições de tratamento de saúde ou mesmo de lazer.

Com relação ao equipamento doméstico, convém ressaltar que mesmo nas famílias que têm até dois salários mínimos de renda, o número de televisões existentes é significativo (28,62%), sem falar no rádio que atinge 65,70% dos casos. Enquanto isso o equipamento que se relaciona mais de perto com padrões alimentares, tais como, geladeira ou liquidificador, são pouco representativos. Isso denota a grande penetração dos meios de comunicação de massa até nas classes menos favorecidas, em detrimento de melhores condições de subsistência.

Nas famílias de rendas até cinco salários essa diferença é menor, embora ainda evidente, pois se observa que, enquanto 70,20% possui televisão, apenas 27,0% tem liquidificador, por exemplo. As famílias compreendidas nesta faixa de renda apresentam padrões de vida ainda modestos, boa parte delas comprando o próprio vestuário na feira, a maioria com nível de instrução primária e habitando casas simples, em geral construídas em lotes adquiridos à prestação pagos em vários anos.

A distribuição do equipamento doméstico nas famílias com rendas superiores a cinco salários mínimos é mais equilibrada, aparecendo uma gama de aparelhos eletrodomésticos, característicos de padrões de vida mais elevados, embora apenas 38,0% dessas famílias disponham de carro próprio.

O núcleo de Embu apresenta assim uma população com padrões de vida bem diferenciados, embora a grande maioria seja formada por famílias que dispõem de baixas rendas e conseqüentemente baixo nível de educação, alimen-

TABELA IX

Embu - Renda familiar e equipamentos domésticos

Renda Familiar	Nº de domicílios	%	TV	%	Rá- dio	%	Gela- deira	%	Liqui- difi- cador	%	Encera- deira	%	Maq. de Costu- ra	%	Maq. de Lavar	%	Bate- deira	%	Radio- la	%	Aspi- rador de pó	%	
Baixa (-1 a 2s.m.)	63	35,20	18	28,62	41	65,20	12	19,08	6	9,54	3	4,77	7	11,13	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Média (2 a 5s.m.)	74	41,40	52	70,20	61	82,35	29	39,15	20	27,00	9	12,15	7	9,45	1	1,35	3	4,05	7	9,45	-	-	-
Alta (+ 5 s.m.)	42	23,40	36	85,68	37	88,06	30	71,40	26	61,88	16	38,08	6	14,28	3	7,14	7	17,66	6	14,28	2	4,76	4,76
Total*	179	100,00	106	58,10	139	77,60	71	39,63	52	28,50	28	15,60	20	11,20	4	2,22	10	5,60	13	7,30	2	1,11	1,11

Obs.: s.m. = salário mínimo; * Este total exclui as respostas prejudicadas, tendo estas atingido 16,34 do total geral.

Fonte: Questionário domiciliar
Agosto/Setembro 1970.

tação deficiente, condições de moradia insatisfatórias, sem atividades de lazer, enfim; mantendo um padrão de vida que bem caracteriza as áreas periféricas metropolitanas já atingidas pela especulação imobiliária.

A consideração dos fatos relativos à composição e dinamismo da população do núcleo em pauta dão assim os elementos básicos à compreensão do grupo humano que organiza o espaço em estudo. Os diferentes aspectos estudados refletem sempre o vínculo existente entre Embu e a metrópole paulistana, conforme ficou caracterizado.

A preocupação que se segue, será portanto, a de analisar como se processam esses vínculos, através do estudo da vida de relações mantida entre este núcleo e as demais áreas consideradas.

2. A VIDA DE RELAÇÕES

Sob o título "a vida de relações" procurou-se dar enfoque aos vínculos que o núcleo de Embu mantém com outras áreas, a natureza desses vínculos e como eles se processam.

Nesta perspectiva tentou-se focalizar o núcleo de Embu como um centro que comporta uma série de atividades e serviços que se destinam não só ao grupo humano que aí reside, mas que atinge um conjunto espacial mais am plo, como também a relação inversa, isto é, que serviços / ou atividades são demandados pela população residente no núcleo e outras áreas. Finalmente, quais os deslocamentos advindos deste processo:

2.1. As funções urbanas

Considerando como funções urbanas o conjunto de atividades desempenhadas pela população de uma cidade, voltadas para o consumo externo - a chamada função básica - constata-se que o núcleo de Embu soma à sua modesta dimensão, funções igualmente pouco expressivas.

Função turística

Na análise da atividade da população cha - mou-se atenção para o fato de 4,50% da população ativa de Embu dedicar-se a atividades artísticas, tais como pintura e escultura. Considera-se esta percentagem elevada para um núcleo de proporções modestas como ora se estuda, principalmente se se atentar para o fato de que na realidade a população que direta ou indiretamente vive de tais atividades é muito mais numerosa, já que grande parte dos bares, restaurantes, casas de comércio e postos de gasolina estão estreitamente vinculados à função turística.

É a função que mais destaca e individualiza o núcleo, função essa destinada essencialmente a uma faixa de população externa, de fora dos próprios limites municipais, constituída na maior parte por pessoas que habitam São Paulo, a Grande São Paulo, turistas de outros Estados e do exterior.

Mas, o que o núcleo oferece a esta "cliente la"?

O marco artístico inicial se deve aos jesuítas, pela capela e convento que construíram em fins do século XVII e início do XVIII no antigo aldeamento de M'Boy, representando hoje verdadeiro patrimônio artístico e histórico.

O conjunto arquitetônico do Embu é, há bastante tempo, motivo de visita dos que apreciam a arte colonial. O pátio quadrangular que emoldura, e uma ou outra / construção que subsistiu ao tempo, dão ao largo da Matriz

um ambiente que testemunha a sua condição de aldeamento do passado, embora tendo recebido alguns melhoramentos, em época recente (calçamento, energia elétrica, arborização).

Mas, o início da atividade artística da atualidade veio com a presença de Cassio de M'Boy, "santeiro popular e pintor ingênuo", que juntamente com outros valores que aí se estabeleceram, propiciou o aparecimento do movimento artístico de escultura e pintura. Este movimento foi liderado inicialmente por Sakay de Embu (discípulo de Cássio de M'Boy) e Solano Trindade, resultando na realização do 1º Salão de Artes Plásticas do Embu em 1964, quando o núcleo já contava com a presença de valores como Assis, Azteca e outros.

Em seguida, este movimento contou com o apoio das autoridades públicas, que contribuíram na divulgação da atividade artística do núcleo, fomentando assim o desenvolvimento do turismo na área, sendo atualmente conhecido pelo adjetivo de "terra das artes".

Um outro fato veio intensificar o fluxo de artistas na área: a realização, a partir de 1969, da feira "hippie" no largo da Matriz aos domingos, no período da tarde. Esta feira que se realiza em São Paulo no período da manhã dos mesmos dias, na Praça da República, propiciou uma regularidade na vinda dos turistas, pois é numerosa a quantidade de pessoas que para aí se deslocam nestas ocasiões.

Os "ateliers" de arte existentes no núcleo são em número superior a trinta, e aí é possível adquirir ou pelo menos apreciar, trabalhos artísticos de escultura

(em madeira, terracota ou cobre) e pintura, na maior parte primitivistas.

A maioria desses artistas reside no próprio núcleo, embora haja casos de pessoas residentes em São Paulo e com "atelier" em Embu. Neste caso, trata-se de artistas não muito vinculados ao movimento que dá unidade artística ao núcleo. Mesmo assim, são raros os que embora aí residindo, sejam naturais do próprio núcleo.

Em entrevista realizada com boa parte deles (cerca de 50,0%) constatou-se que apenas 5,55% dos entrevistados são naturais de Embu. Os demais, procedem de outras áreas do Estado de São Paulo (22,0%), de Minas Gerais (22,0%) e do exterior (22,0%). Aparecem alguns casos isolados de procedência da região Nordeste, Sul e outros Estados do Sudeste.

A clientela destes "ateliers" é constituída de uma faixa de população de níveis de vida médio e alto, procedente, sobretudo de São Paulo, sendo também muito numerosas as aquisições de obras de arte por turistas estrangeiros.

O maior movimento de turistas em Embu se dá aos domingos, embora a venda efetiva dos trabalhos se verifique sobretudo durante a semana, pois é comum o fato de pessoas que vêm passear no domingo, ao se interessar por algum trabalho, aí retornarem durante a semana para efetivar a compra.

Já a feira "hippie" apresenta um ritmo diferente, visto que só se realiza no domingo. Nela são expostos trabalhos de pessoas que se dedicam mais ao artesanato

em couro (72,70% do total, em levantamento efetuado em 23.05.71), embora se registre uma variedade considerável de artigos, tais como, trabalho em metais, juta, vidro, artigos de decoração, etc. São encontrados também, em escala reduzida, trabalhos de pintura, escultura e desenho.

Há que ressaltar que apenas 7,00% destes "feirantes" residem em Embu. O percentual dos que moram em São Paulo atinge 83,60%, estando os demais distribuídos em áreas da Grande São Paulo (Taboão da Serra, Guarulhos) e mesmo no Rio de Janeiro.

Todos eles expõem seus trabalhos na Praça da República em São Paulo, deslocando-se para Embu no período da tarde.

Constitue esta feira fator de atração preciosa do núcleo, que aos domingos apresenta uma movimentação excepcional de turistas. Este maior movimento se reflete nas casas de lanche em volta das pracinhas, nos restaurantes não só do próprio núcleo, mas também ao longo da rodovia (de 250 a 300 refeições neste dia, num só estabelecimento, conforme declaração colhida em um dos restaurantes), ou mesmo nos postos de gasolina, que abastecem um maior número de veículos.

É fácil perceber, entretanto, que o movimento artístico do núcleo difere bastante da feira que aí se realiza, embora estas duas se completem no desempenho da função turística. Há uma corrente de artistas, inclusive, que discorda da realização da feira, alegando baixo nível artístico nos trabalhos aí expostos, com finalidade puramente lucrativa, indo de encontro com os ideais do movimento

artístico de Embu, estas divergências têm sido motivo de polêmicas, registradas inclusive em jornais paulistanos (reportagens no Jornal da Tarde de 13.06.72 e O Estado de São Paulo de 1º.10.72).

Existem no núcleo algumas casas de comércio especializadas em objetos antigos de valor artístico. Tais casas entretanto, não funcionam aos domingos, alegando movimentação excessiva neste dia, sem finalidade de aquisição de seus artigos. A clientela, também de São Paulo, já tendo conhecimento de sua existência, quando interessada, se desloca até aí, nos dias úteis da semana.

Há que salientar ainda a existência de dois museus: o Museu Histórico, Folclórico e Artístico, e o Museu Sacro (este último nas dependências do antigo convento), ambos incluídos como visita obrigatória no roteiro / dos que se dirigem a Embu.

O desenvolvimento da função turística em Embu, está portanto, estreitamente vinculado à condição histórica que lhe dá feição particular e ao movimento artístico que aí se iniciou. Por outro lado a proximidade da área em relação à metrópole foi determinante, pois de outro modo, seria inviável o deslocamento frequente dos turistas. Vale ressaltar o incremento dado pelas autoridades governamentais, no sentido de valorizar áreas de recreio à população paulistana.

Embu, por abrigar em seu sítio os elementos retrocitados, enquadrou-se de maneira salutar nas necessidades recreativas de uma faixa da população paulistana, tornando assim possível o desenvolvimento desta função na área em estudo.

Função industrial

Na caracterização da função industrial, foram consideradas não só as indústrias localizadas no próprio núcleo, como também as que se situam em seus arredores e ao longo da BR-116 (cerca de 50,0% do total), nos limites do município.

O desenvolvimento desta função na área é relativamente recente, mas bastante significativo, face ao ritmo com que vem se processando. Guardadas as proporções, é uma das funções de maior destaque na área, não só pelo número de estabelecimentos industriais existentes, mas sobretudo, pelo destino da produção totalmente alheio ao âmbito local.

Como é fácil de observar na tabela que se segue, não se registra a predominância de um tipo apenas / de indústria, mas sim uma diversificação expressiva. Apenas nas indústrias de papel e papelão e de produtos químicos, a representação atinge 16,0% para cada um destes gêneros, tendo sido apresentado como fator de localização na área, dessas indústrias, a abundância de água, elemento / necessário à implantação de tais ramos de atividades.

Quanto ao destino da produção, o próprio Estado de São Paulo aparece como o maior consumidor dos bens produzidos, estando presente em todas as indústrias da área. Cabe ressaltar, entretanto, que as cidades maiores e, sobretudo, a capital funcionam como centros redistribuidores destes produtos, tornando maior, em última análise, a

participação dos outros Estados. Mesmo assim, é significativa a presença direta de outros Estados do Sudeste e Sul. A distribuição direta para Estados do Norte e Nordeste alcança menores proporções, enquanto que apenas as indústrias alimentares atingem diretamente o exterior (principalmente países europeus).

TABELA X

Embu - Generos de indústrias por local de distribuição da produção

Genero de indústria (*)	Nº de estabelecimentos	Locais de distribuição da produção
1. Ind. extrativas de produtos miner.	2	Est. S. Paulo: SO, Gde SP, Santos.
2. Ind. de transfor.		
- Metalúrgica	2	Est. SP, GB, RS e outros
- Mecânica	1	
- Mat. Elétrico	1	Est. SP, RJ, PR, RS, Norte e NE
- Madeira	1	Est. SP: SP e Gde SP
- Papel e papelão	4	Est. SP, MG, PR, SC, DF, RJ, e outros
- Borracha	1	Est. SP; SP, Gde SP
- Química	4	Est. SP, RJ, PR, MG, SC, outros
- Produtos farmacêuticos e medicinais	1	Est. SP, MT, MG, PR
- Textil	1	Est. SP, RS, PR, MG, RJ, PE, CE
- Produtos alimentar.	3	Est. SP, RJ, SC, RS, Norte e NE, exterior
- Bebidas	1	Est. SP: SP, Gde SP e outros
- Edit. e gráfica	1	Est. SP: SP, Gde SP
- Diversas	2	Est. SP, MG, SC, outros
TOTAL	25	

Fonte: Entrevista realizada em maio de 1971.

(*) Foram excluídas de consideração nesta classificação as olarias e portos de areia localizados no município em foco, em virtude de apresentarem características e localização predominantemente rurais. Podem - se apontar, dentre estas características, a pouca expressividade do capital empregado, a existência de intermediários efetuando a compra da produção no local, a residência da mão-de-obra no local de trabalho e, especialmente no caso das olarias, pagamento por produção e não por um salário / fixo. Os trabalhadores dos portos de areia recebem por dia ou semana.

A localização destes estabelecimentos industriais na área em estudo se prende ao fator proximidade da capital e à existência de terrenos mais baratos em relação a outras porções mais valorizadas da periferia da metrópole paulistana, conforme foi declarado por estas empresas. Em escala bem mais modesta foram citadas condições locais, tais como, água abundante, ocorrência de jazidas minerais e fonte radioativa, isenção de impostos pela Prefeitura Municipal.

A abertura da rodovia Regis Bittencourt teve papel decisivo, pois além de intensificar a especulação imobiliária na área, tornou mais fácil e rápido o acesso à área em questão. A data de instalação das indústrias reflete bem esta importância.

TABELA XI

Embu - Estabelecimentos industriais por data de instalação

Data de instalação	nº de estabelecimentos	% sobre o total de estabelecimentos
1949	1	4,00
1959	1	4,00
1960/65	8	32,00
1966/70	11	44,00
1971	2	8,00
sem inform.	2	8,00
Total	25	100,00

Fonte: Entrevistas realizadas em maio de 1971.

Assim é que 84,00% das indústrias aí existentes se instalaram a partir de 1960, coincidindo, inclusive com o grande incremento populacional que se verificou

na área no último decênio. A indústria mais antiga (1949) obedece a razões essencialmente locais, face a existência / de uma fonte de água mineral, "Fonte dos Jesuítas", que passou a ser explorada desde então.

Os dados permitem ainda a constatação da maior expressividade do último quinquênio, já que cerca de 52,0% dessas indústrias se instalaram na área a partir de 1965. Este fato é significativo, pois, apesar do grande incremento demográfico e especulação imobiliária terem-se verificado a partir de 1960, a maior intensificação destes fatos se deu, sobretudo, a partir também de 1965.

No que se refere à dimensão dessas indústrias, verifica-se uma diversidade considerável, não se podendo especificar a maior ou menor importância de um determinado ramo industrial. Os dados das tabelas XII e XIII sobre capital registrado das empresas e pessoal ocupado nesses estabelecimentos, evidenciam melhor a afirmação feita.

Como se pode constatar, as diferenças de capital registrado têm uma amplitude que varia de Cr\$1.000,00 a Cr\$7.500.000,00, aparecendo um mesmo gênero de indústria em diferentes classes de capital, denotando que a dimensão da empresa não está na dependência do gênero em si.

Esta não dependência também se verifica no quadro do pessoal ocupado, onde se observa num mesmo gênero de indústria, estabelecimentos ocupando desde 10 a 19 pessoas até 320. Há, portanto, uma variação considerável de indústria para indústria, mesmo dentro de um só gênero de atividade.

Tal diversidade permite levantar a hipótese de que a atividade industrial que aí se está instalando , não decorre de um desenvolvimento próprio da área e sim , que seja consequência do crescimento da metrópole paulista

TABELA XII

Embu - Capital registrado na indústria

Generos de indústria	1 a 10.000 Cr\$	100 a 500.000 Cr\$	500 a 1.000.000 Cr\$	4 a 7.500.000 Cr\$	sem inform.
1.ind.extrativ.prod. min.				1	1
2.ind.de transforma- ção:					
2.1.Metalurgica	2				1
2.2.Mecânica					1
2.3.Material elétrico				1	
2.4.Madeira	1				
2.5. Papel e papelão			3	1	
2.6.Borracha		1			
2.7.Química	1	1	1		1
2.8.Prod.farm.e medic.					1
2.9.Textil			1		
2.10.Produtos aliment.		2		1	
2.11.Bebidas		1			
2.12.Editorial e grá- fica	1				
2.13.Diversas		1	1		
Total	5	6	6	4	4

Fonte: Entrevistas realizadas em maio de 1971.

TABELA XIII

Embu - Pessoal ocupado na indústria

êneros de indústria	1a4	5a9	10a19	20a49	50a99	100a249	320	sem inf.
.ind.extrativ.prod. min.						1		1
.ind.de transforma- ção:								
.1.Metalúrgica	1				1			
.2.Mecânica								1
.3.Material elétrico					1			
.4.Madeira	1							
.5.Papel e papelão				1	2	1		
.6.Borracha				1				
.7.Química			1	3				
.8.Prod.farm.e medic.	1							
.9.Textil					1			
.10.Produtos aliment.			1		1			1
.11.Bebidas			1					
.12.Editorial e grá- fica		1						
.13.Diversas				1	1			
total	3	1	3	6	7	2	1	2

onte: Entrevistas realizadas em maio de 1971.

na, que com seu parque industrial já muito intensificado / em áreas como o ABCD, Guarulhos ou Osasco, propicia a localização de novas indústrias em áreas menos absorvidas por este processo e que contam com terrenos disponíveis e le menor valor imobiliário (já que a especulação imobiliária aí é mais recente), como também, com via de acesso rápido.

Acredita-se que a área em estudo esteja enquadrada nestas características, pois apenas 36,0% das indústrias aí existentes, tiveram instalação inicial já em Embu. As demais, localizaram-se anteriormente no município de São Paulo, daí se deslocando por necessidade de expanção ou por desapropriação das respectivas áreas de localização.

São na maioria estabelecimentos únicos, sendo a condição de filial observada apenas em três casos, dois dos quais com matriz em São Paulo e um no Rio Grande do Sul.

O surgimento da função industrial na área / está, pois, estreitamente vinculado ao seu caráter de periferia da metrópole paulistana, como pode ser observado através dos dados levantados.

Cabe ainda destacar a residência do pessoal ocupado em atividades industriais, onde é bastante significativa a participação de outras áreas, conforme demonstram os dados que se seguem.

TABELA XIV

Embu - Residência da mão-de-obra ocupada na indústria:

Local de residência	nº de pessoas	%
Munic. de Embu	927	66,85
Munic. São Paulo	228	16,42
Mun. Taboão da Serra	114	8,21
Mun. Itapecerica S.	64	4,60
Mun. Osasco, Carapic. e Barueri	15	1,07
Outros	40	2,85
Total	1138	100,00

Fonte: Entrevistas realizadas em maio de 1971.

Como pode ser observado, cerca de 34,0% da mão-de-obra ocupada nas indústrias de Embu reside fora do Município.

Desse contingente alóctone, o município que mais se destaca é o de São Paulo, seguindo-se Taboão da Serra e Itapecerica. A participação de São Paulo se explica pelo fato de boa parte destas indústrias terem-se instalado aí, anteriormente. Já a participação de Taboão da Serra e Itapecerica da Serra parece se explicar pela proximidade da área e pela circulação, já que ambos os municípios estão no eixo da BR-116 e são servidos por linhas de ônibus que passam por Embu.

Estes aspectos vêm complementar os dados levantados anteriormente, ratificando a hipótese da estreita vinculação da função industrial com a metrópole paulistana.

Função comercial

A função comercial exercida por Embu é por demais modesta, haja visto que absorve tão somente 12,90 % da população ativa local.

A oferta de mercadorias é pouco diversificada e a grande maioria das vendas se destina ao varejo, fato que denota o pequeno extravasamento da função enfocada. Vejam-se os dados.

TABELA XV

Embu - Tipos de comércio e natureza das vendas

Tipo de comércio	Natureza	Nº de estabelecimentos	%	Nº de entrevistas
Açouge	Varejo	3	6,00	3
Bar, mercearia, botequins	Varejo	22	44,00	5
Bazar, armarinho, empórios	Varejo	5	10,00	3
Comércio de antiguidades	Varejo	2	4,00	1
Comércio de móveis	Varejo	1	2,00	1
Comércio de secos e molhados	Var/atacado	4	8,00	3
Depósito de bebidas	Atacado	1	2,00	1
Farmácia	Varejo	3	6,00	1
Material de Construção	Var/atacado	3	6,00	2
Padaria	Varejo	2	4,00	2
Papelaria	Varejo	1	2,00	1
Restaurante, churrascaria	Varejo	3	6,00	2
Total		50	100,00	25

Fonte: Prefeitura Municipal e Entrevistas Abril/Maio 1971.

Como se observa na tabela XV, a maior concentração se verifica no comércio relacionado a bares, casas de lanches, mercearias e botequins, que se destinam na sua maioria ao consumo dos habitantes do próprio núcleo. Alguns destes bares, entretanto, sobretudo os localizados em torno das praças principais, recebem nos fins de semana uma clientela essencialmente de áreas externas ao município. Tal fato decorre do fluxo de turistas que se dirige ao núcleo neste período e, portanto, da função turística em última análise. Aliás, tem base também nesta função, as atividades de comércio de antiguidades, restaurantes e churrascaria, conforme foi evidenciado nas entrevistas aí realizadas.

Além do comércio visando o turismo, portanto destinado em sua maior parte a uma clientela alheia ao núcleo, destacam-se ainda alguns casos isolados de casas de venda por atacado, em que a clientela abrange um conjunto espacial mais amplo.

O comércio de secos e molhados tem esta expressão em apenas uma das três casas existentes no gênero, onde além da distribuição feita no próprio núcleo, recebe uma clientela procedente de Itapecerica da Serra, Juquitiba e Cotia.

Já o depósito de bebidas funciona com uma rede de distribuição em circuito fechado nos municípios de Embu, Itapecerica da Serra, Taboão da Serra, Embu-Guaçu, Juquitiba e Miracatu.

As casas de materiais de construção extravasam os limites do município, com clientes em Itapecerica /

da Serra, Taboão da Serra e mesmo em São Paulo - em Vila Sônia e Campo Limpo.

Os demais ramos de comércio discriminados na tabela apresentada, constituem atividades pouco expressivas, destinadas tão somente à população do próprio núcleo e à zona rural do município, sobretudo os bairros mais próximos, a exemplo de Itatuba, Ressaca e Pinheirinho.

Convém registrar também as pessoas que nos fins de semana se destinam às chácaras situadas nos arredores do núcleo e que, embora com menor regularidade, se servem do comércio local, nos setores de padarias e quitandas principalmente(*)

Convém salientar a fundação recente da maioria das casas comerciais existentes em Embu, datando de 1965 para cá cerca de 75,00% do total.

São, em geral, estabelecimentos de pequeno porte, comportando somente o emprego de elementos da própria família ou de um ou dois balconistas. Estão fora deste caso, as casas atacadistas, em que a mão-de-obra empregada varia de 7 a 23 pessoas (estão excluídos deste total as pessoas da família).

A feira livre que se realiza em Embu, aos sábados, no período da tarde, abastece essencialmente a população urbana e das áreas rurais mais próximas.

(*) As padarias constituem, na realidade, grandes mercearias, apresentando uma variedade de produtos considerável, que não são de produção própria, motivo pelo qual, optou-se por classificá-las como de atividade comercial, apenas.

É importante observar que, enquanto o pessoal ocupado nas casas comerciais reside quase totalmente no núcleo, cerca de 86,70% dos feirantes moram em São Paulo e outros municípios da Grande São Paulo, a exemplo de Carapicuíba, Osasco e Barueri.

Tal fato demonstra que a feira livre realizada em Embu, está estreitamente vinculada a esta atividade no conjunto do abastecimento da região metropolitana de São Paulo. Assim é que a grande maioria destes feirantes realizam outras feiras em diversos bairros do município de São Paulo (Aeroporto, Campo Limpo, Capão Redondo, Ferreira e outros), como também em vários municípios da Grande São Paulo (Osasco, Carapicuíba, Cotia, Taboão da Serra, Jandira, entre outros).

A análise de todos estes elementos vem confirmar a pouca expressão da função comercial exercida pelo núcleo de Embu, adquirindo esta maior significação nos ramos ligados ao comércio de secos e molhados, materiais de construção e turismo e que mesmo assim, representam casos isolados, sem peso quantitativo na caracterização de atividades básicas importantes.

Função de prestação de serviços

À semelhança da função comercial, a função de prestação de serviços é bem modesta. O equipamento existente no núcleo, via de regra, é insuficiente para atender à sua própria população, criando relações de dependência com a metrópole, como de resto, ocorre em parte com a função comercial.

Dentre os serviços disponíveis à população, pode-se destacar o serviço educacional, de saúde, a assistência social, os serviços bancários.

O serviço educacional é prestado através de dois grupos escolares - o Grupo Escolar "Eulália Malta" e o Grupo Escolar "Maria Auxiliadora" - e um ginásio, o Ginásio Estadual de Embu.

Os grupos escolares contam com 1.335 alunos matriculados em 1971, provenientes na quase totalidade do próprio município (núcleo, bairros rurais mais próximos e loteamentos ao longo da BR-116), ocorrendo alguns casos isolados de procedência de Taboão da Serra.

Estes estabelecimentos de ensino primário datam respectivamente de 1959 e 1964, com ensino ministrado no período diurno. À cargo do SESI, funciona uma classe suplementar de alfabetização de adultos no período da noite.

Os elementos do quadro docente residem na maioria em São Paulo, cerca de 72,50%, deslocando-se diari

amente para Embu, sendo os 27,50 restantes habitantes do próprio núcleo.

Os estabelecimentos de ensino primário não contam com assistência médica, já que a assistência ocorre apenas nos setores de alimentação e dentário.

O curso ginasial, instalado em 1964, possui três turnos, dois no período diurno e um no noturno, para um total de 571 alunos matriculados em 1971. A maioria destes reside no próprio núcleo e arredores, embora 18,70% seja proveniente de outros municípios. Dos 107 alunos que aí estudam e residem fora do município, 75 são de Taboão da Serra, 19 de Itapecerica da Serra, 12 de São Paulo e 1 de Cotia.

Acredita-se que esta diversidade de procedência seja fruto, sobretudo, de problemas relacionados à falta de vagas e perda de matrícula no município de origem, já que o ginásio local não apresenta características especiais que justifiquem uma atração por ele mesmo e, face à proximidade do núcleo e facilidade de condução, não são acarretados grandes problemas de deslocamento.

O corpo docente, a exemplo do do curso primário, reside principalmente em São Paulo (85,70%) e os demais, em Itapecerica da Serra (9,55%) e Embu (apenas 4,76%)

O ginásio não conta com qualquer tipo de assistência, quer seja médico-dentária ou alimentar.

Estes são os únicos serviços prestados no setor educacional, aliás todos eles patrocinados pelo poder público estadual, sendo necessário um deslocamento pa-

ra outras áreas - principalmente São Paulo - para cursos a cima do primeiro ciclo, bem como para cursos de preparação profissional, o que dificulta ainda mais o encaminhamento de mão-de-obra especializada, deficiência por demais citada na análise da composição da população ativa.

Os serviços de saúde limitam-se a dois consultórios particulares de dois médicos aí residentes, dois consultórios dentários e um posto estadual de saúde.

Quanto aos consultórios médicos, são eles de clínica geral, sendo mais frequente o atendimento de casos relacionados à ginecologia e verminoses em geral. Suas instalações datam respectivamente de 1965 e 1968, tendo a clínica mais antiga um número significativo de clientes / procedentes de outras áreas, como Itapecerica da Serra e Juquitiba.

Estes consultórios, embora particulares, mantêm convênios com as fábricas instaladas em Embu, de onde provém boa parte da clientela, já que o poder aquisitivo da população é muito baixo, não permitindo que boa parcela possa pagar consultas particulares.

O Posto de Saúde mantém um atendimento di' ario (dias úteis) de 8 às 12 horas, atendendo principalmen- te casos ligados à pediatria e clínica geral. Este posto a tende uma média diária de 25 a 30 pacientes por setor, promovendo também, campanhas de vacinação (tríplice, anti-variólica, etc) em todo o município.

Foi instalado em 1959 e serve a uma boa parcela da população rural (70 a 80% do pessoal atendido), so

bretudo às faixas de baixo padrão de vida. É comum, inclusive, o fato de mães que levam as crianças para consultar, com o único objetivo de ganhar do leite que é distribuído, já que muitas vezes não dispõem de meios para comprar a alimentação dos filhos.

O posto mantém, através da Prefeitura Municipal, um serviço de ambulância para transporte de doentes em casos graves e de internamento. Conforme dados obtidos na prefeitura de Embu para um período de um mês (17/4/71 a 17/5/71) em uma das duas ambulâncias, foram atendidos 78 casos, 47 dos quais destinados ao Hospital das Clínicas e os demais distribuídos entre 16 hospitais e casas de saúde de São Paulo.

Destes doentes, apenas 13 residiam em Embu, sendo o restante dos bairros rurais Ressaca, Itatuba, e Engenho Velho, e de loteamentos ao longo da BR-116.

A assistência dentária compreende dois consultórios particulares e tem âmbito ainda mais restrito, procedendo cerca de 80 a 90% da clientela do próprio núcleo de Embu.

São clínicas de atendimento mais geral, não executando serviços especializados. Como não há convênio / das fábricas com este setor, a clientela é ainda mais escassa, já que boa parte da população não dispõe de meios para fazer uso deste serviço.

A atividade bancária se restringe a dois estabelecimentos de crédito, ambos instalados em 1962 - uma agencia da Caixa Econômica Estadual e uma filial do Banco Bamerindus do Brasil S/A.

O raio de ação destes estabelecimentos se limita ao município de Embu e os serviços prestados são variados, embora a maior movimentação se deva aos setores de depósitos e descontos. A maior parte da clientela advém do comércio e da indústria e em menor escala, de particulares, cabendo à zona rural uma participação mínima.

O extravasamento do serviço bancário a porções fora dos limites municipais, se dá indiretamente, através de títulos protestados no cartório de Embu. Neste caso, as áreas mais frequentemente envolvidas são Itapecerica e Taboão da Serra.

O pessoal ocupado neste setor de atividade reside em grande parte no próprio núcleo, observando-se apenas um percentual de 25,0% para moradia em outra área (Taboão da Serra).

A assistência social é representada no núcleo por um Departamento de Serviço Social criado pela Prefeitura Municipal em 1965 e que se destina à prestação de serviços de assistência econômica (alimentação, leite, medicamentos), educação de base e encaminhamentos a médicos, hospitais e mesmo, em alguns casos, empregos. A maior parte das pessoas atendidas procede da zona rural, principalmente das olarias. Este serviço é coordenado por uma assistente social e três estagiárias, todas de São Paulo.

A consideração dos diferentes serviços revela a insuficiência do equipamento de prestação de serviços à população, denotando a modéstia desta função no núcleo, já que atinge essencialmente a zona urbana e áreas rurais mais próximas, mesmo assim com serviços quantitativamente e pouco diversificados.

A ausência de um hospital ou mesmo de um pronto-socorro, cria total dependência deste serviço em relação a São Paulo, para onde recorre a população necessitada deste atendimento, como se verá quando da análise da dependência de Embu no que se refere à prestação de serviços.

Função administrativa

A função administrativa desempenhada por Embu se tornou mais efetiva a partir de sua elevação a município, com a aprovação da lei nº 5.285 em 18 de fevereiro de 1959, desmembrando-se assim de Itapeçerica da Serra.

Até então, o núcleo era sede de distrito, dispondo já de alguns serviços públicos básicos, tais como, uma Agência de Correios e Telégrafos, um Cartório de Registro Civil e Tabelionato e uma Sub-Delegacia de Polícia.

A autonomia municipal proporcionou então a instalação de uma série de novos serviços. Estão neste caso todos os estabelecimentos de ensino público, o Posto de Saúde, o Departamento de Assistência Social, a Caixa Econômica Estadual e o Escritório da Casa da Lavoura (de duração efêmera), ampliando assim de maneira considerável os serviços oferecidos à população da área.

A antiga dependência administrativa com relação a Itapeçerica da Serra se reflete ainda hoje em alguns setores. O escritório da "Light" e a Agência do I.B.

G.E., por exemplo, estão em Itapeçerica, já que esta é sede de Comarca.

É a administrativa talvez, a única função que abrange a totalidade do município, pois no que concerne à função comercial e de prestação de serviços, a porção oriental fica praticamente excluída, visto que as pessoas que aí residem só se dirigem ao núcleo quando em relação / aos setores diretamente ligados à sua condição de sede (pagar impostos ou registrar filhos, por exemplo).

A função turística tem-se refletido na esfera administrativa, tendo sido criado, inclusive, um Conselho Municipal de Turismo, em 1971, com a finalidade de coordenar as atividades deste setor.

A administração Municipal tem tido a preocupação de disseminar alguns serviços fora da sede, a exemplo da distribuição de água em caminhões em alguns loteamentos fora da área urbana, ou mesmo da solicitação de instalação de um grupo escolar na porção oriental do município (Jardim Santo Eduardo), criado pelo Estado em fevereiro de 1967.

A função administrativa é, portanto, uma função que resulta essencialmente da condição de sede de município, cuja centralidade não ultrapassa os limites municipais, já que não conta com nenhum órgão público de alcance mais regional.

Na análise funcional de Embu é importante lembrar que este núcleo que há até 20 anos atrás não passava de um modesto vilarejo com apenas 421 habitantes, teve um incremento demográfico intimamente vinculado às tendências recentes do crescimento de São Paulo, daí decorrendo uma orientação das funções que iriam presidir o seu crescimento.

Ora, o comércio e a prestação de serviços / centralizados na capital (centro e sub-centros), só foram extravasados para áreas onde o forte contingente demográfico propiciou o aparecimento de novos sub-centros. A prestação de serviços, só em alguns casos isolados provocou o surgimento de alguma função especializada nos arredores paulistanos (serviço hospitalar em Franco da Rocha ou militar em Quitaúna, por exemplo).

É no setor industrial que se verifica com mais intensidade o extravasamento funcional de São Paulo, propiciando assim o surgimento desta função nas áreas periféricas. Tal fato, entretanto não parece ter-se incluído / necessariamente no domínio dos núcleos pré-existentes à instalação dos estabelecimentos industriais. Assim é que, caso de Embu, por exemplo, a localização dos estabelecimentos industriais tem-se verificado não só no núcleo, mas também nos arredores, sobretudo, ao longo da BR-116.

No conjunto das funções analisadas, pode-se destacar que, as atividades da população do núcleo que estão voltadas essencialmente para o consumo externo, são sobretudo, as ligadas à indústria e ao turismo, constituindo assim as funções básicas de maior importância.

As demais atividades - comércio, prestação de serviços e administração - têm um raio de ação mais limitado, destinando-se em boa parte ao consumo da própria população urbana, tornando estas funções menos significativas no núcleo.

2.2. A dependência de Embu em relação a outras áreas

Absorção da mão-de-obra

Um primeiro aspecto, já citado anteriormente, se refere à atividade de uma parcela da população urbana. Com efeito, 27,45% da população ativa do núcleo trabalha em outros municípios. O cartograma de atividades da população dá uma boa idéia desta distribuição.

A maior participação cabe ao município de São Paulo, absorvendo 68,10% do contingente que se desloca para trabalhar. Destes, embora 45,60% não tenham dado informação precisa sobre o bairro onde trabalham, verifica-se que 30,40% se dirigem a Pinheiros; 15,10% para bairros no eixo da BR-116, tais como, Caxingui, Vila Sônia e Ferreira, e 8,90% apenas para a área central de São Paulo.

Tais dados demonstram a estreita vinculação do núcleo em estudo com o bairro de Pinheiros, em virtude mesmo da posição ocupada por este bairro em relação à via de comunicação que liga Embu à metrópole. Decorre também /

deste fator a representatividade dos bairros de Vila Sonia, Ferreira e Caxingui.

Seguindo-se a São Paulo aparece o município de Taboão da Serra com 12,08% e Itapecerica da Serra com 7,76% do total considerado. As demais áreas da Grande São Paulo participam, cada uma apenas com 0,86% (Embu-Guaçu, Barueri, Cotia, Juquitiba e São Bernardo do Campo).

Há que ressaltar ainda 7,76% desse contingente que trabalha em municípios fora da Grande São Paulo. Tal parcela, entretanto, é representada em boa parte por motoristas de caminhão que não tem local fixo de distribuição, dependendo sempre do destino da mercadoria. Os outros se destinam a Santos e algum caso isolado como ao Rio de Janeiro, por exemplo.

A representatividade de Taboão da Serra parece se explicar pelo mesmo fator que justifica a participação de Vila Sônia ou Ferreira, isto é, sua localização / no eixo da BR-116. Quanto a Itapecerica da Serra, a condição de Embu como distrito deste município até 1959, parece ser responsável pelos laços que unem as duas áreas, como também a facilidade de comunicação entre elas já que parte dos ônibus que se destinam a Itapecerica passam por Embu. Na maioria dos casos em que se aplicaram questionários, as pessoas que trabalham nesse município vizinho exercem cargos administrativos.

As demais áreas da Grande São Paulo que constam dessa relação, aparecem como casos isolados e sua participação parece resultar mais do caráter metropolitano que envolve as áreas enfocadas, do que de uma vinculação parti

cular com o núcleo em si. Uma pessoa que trabalha em São Bernardo do Campo, por exemplo, o faz em última análise em São Paulo, o que altera esta relação é muito mais o aspecto administrativo que o geográfico.

Aliás, é o caráter de periferia de metrópole que dá a Embu esse contingente de população com atividades fora do município, pois, como foi analisado anteriormente, a população do núcleo é em boa parte alóctona, devendo-se sua fixação na área a fatos que envolvem muito / mais a especulação imobiliária, do que uma atração exercida pelo núcleo em si.

Suprimento de mercadorias e matéria-prima

Uma questão se coloca ao desempenho das atividades comercial e industrial: onde se efetua o suprimento da matéria-prima para a indústria e de mercadorias para o comércio? Um núcleo de proporções modestas como o de Embu não reúne condições para fornecer este suprimento, criando, portanto, relações de dependência com as áreas supridoras.

O quadro de procedência da matéria-prima / por ramo de atividade industrial caracteriza claramente esta vinculação.

TABELA XVI

Embu - Procedência da matéria-prima nas indústrias

Gênero de indústria	Procedência da matéria-prima
1. Ind. extrat. de prod. min.	Embu
2. Ind. de transformação:	
2.1. Metalúrgica	São Paulo (Capital)
2.2. Mecânica	...
2.3. Material elétrico	São Paulo, São Caetano, Exterior
2.4. Madeira	Litoral paulista
2.5. Papel e papelão	São Paulo, Mogi-Guaçu, Jacareí, Paraná, Rio de Janeiro
2.6. Borracha	São Paulo
2.7. Química	São Paulo, Cubatão, R. Janeiro
2.8. Prod. farmac. e medic.	São Paulo, Exterior
2.9. Têxtil	Santo André
2.10. Produtos Alimentares	São Paulo, RS, BA, Exterior
2.11. Bebidas	Embu
2.12. Editorial e gráfica	São Paulo
2.13. Diversas	São Paulo, RS, MG, Exterior

Fonte: Entrevistas realizadas em maio de 1971

É fácil observar que Embu só participa como fornecedor de matéria prima nos ramos de atividades que dependem exclusivamente de condições locais, tais como, as indústrias extrativas de produtos minerais e a de bebidas.

Predomina a procedência da capital, para a matéria-prima dos demais gêneros de indústria, ou desta como instrumento de relações, à medida em que muitas vezes ela funciona apenas como redistribuidor.

A presença de outros Estados e mesmo do exterior como fornecedores diretos de matéria-prima, é consequentemente bem modesta, já que são raros os casos em que a metrópole não pode suprir diretamente.

Não menos significativa é a procedência das mercadorias do comércio local, conforme demonstram os dados da tabela que se segue.

TABELA XVII

Embu - Procedência da mercadoria para o comércio

Tipo de comércio	Procedência da mercadoria
Açougue	Santos, Itapevi
Bar, mercearia, botequins	São Paulo, representantes no local
Bazar, armarinhos, empório	São Paulo
Comércio de antiguidades	Variado (BA, MG, etc)
Comércio de móveis	São Paulo
Com. de sêcos e molhados	São Paulo, representantes no local
Depósito de bebidas	São Paulo, Piracicaba, Jundiá, ^{SP} Ribeirão Pires, Caxambu
Farmácia	Representantes no local
Material de construção	São Paulo e representantes no local
Padaria	São Paulo, representantes no local
Papeleria	São Paulo
Restaurante, churrascaria	São Paulo, Embu

Fonte: Entrevistas realizadas em maio de 1971

Como demonstra a tabela acima, a quase totalidade das mercadorias é fornecida por São Paulo. São vários os bairros procurados, dependendo do tipo de mercadoria.

Os mais citados são: Pari, Bom Retiro e Pinheiros. Os dois primeiros pela especialização em gêneros alimentícios, vestuário e armarinho em geral, que apresentam e Pinheiros pela sua posição em relação a Embu e por sua importância como sub-centro diversificado.

Há que ressaltar a presença do representante que se desloca para o núcleo com certa regularidade oferecendo os produtos. Este elemento atua nos mais diferentes ramos de comércio e há casos (como o das farmácias, por exemplo), em que ele é o único veículo de fornecimento do produto.

A inclusão de outras áreas se deve a fatores específicos, como no caso dos frigoríficos de Santos e Itapevi, ou como no do depósito de bebidas, onde a mercadoria vem diretamente dos locais de produção.

Prestação de serviços e comércio

Na análise da função comercial e de prestação de serviços, ficou demonstrada a insuficiência quantitativa e qualitativa destas atividades no núcleo de Embu. Como elas não satisfazem as necessidades da população do próprio núcleo, é natural que os que aí residem procurem áreas capazes de supri-las.

No cartograma que se segue, propõe-se dar uma idéia dessa distribuição. Assim é que, no que concerne a abastecimento, discriminaram-se os locais de abastecimento nos setores de alimentação, vestuário, eletrodomésticos e outros. É fácil verificar que as necessidades primárias, como a alimentação, são em grande parte supridas no próprio núcleo. É mínima a parcela dos que recorrem a São Paulo ou outras áreas, e mesmo assim quando o fazem, é em função de vínculos empregatícios e conseqüente locomoção que facilitam esse suprimento.

Cabe lembrar, todavia, o papel desempenhado pela feira livre nesse abastecimento, fato que vem dar maior significado à participação de São Paulo, já que a maioria dos feirantes daí se deslocam, para abastecimento da população de Embu.

Já na compra de vestuários, a participação de São Paulo e, sobretudo, Pinheiros, é mais direta, visto que Embu possui apenas uma casa de venda de tecidos, embora o papel da feira livre seja ainda significativo, principalmente nas faixas de população menos favorecidas.

No que se refere a eletrodomésticos, a participação de Pinheiros é preponderante. A insignificante atuação de Embu se explica pela ausência de uma casa de comércio nesse gênero (alguns eletrodomésticos só recentemente passaram a ser oferecidos na casa de móveis), sendo mais comum a compra, no núcleo, de objetos usados.

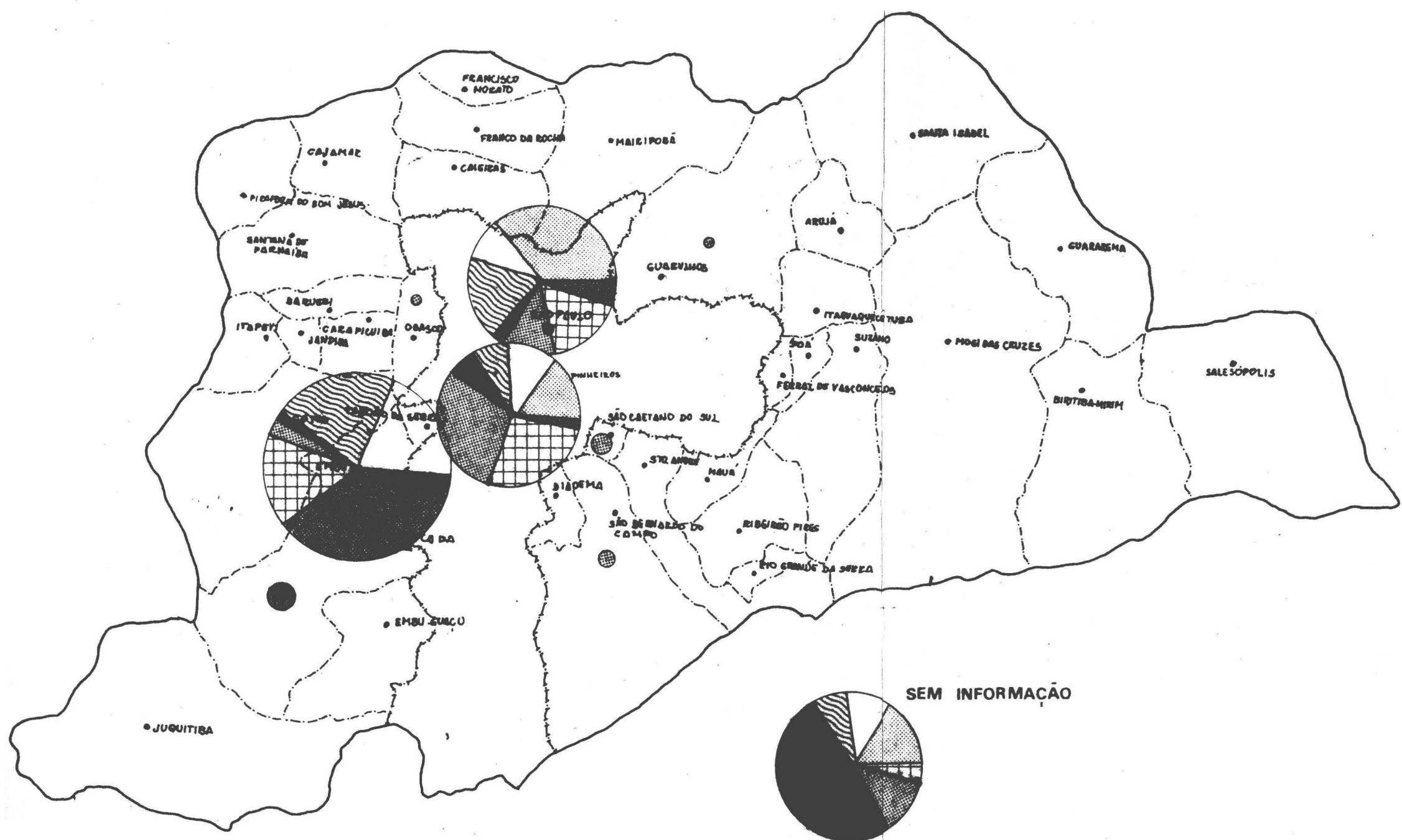
Aparecem para este tipo de produto alguns casos isolados de compra em áreas da Grande São Paulo, tais como São Caetano do Sul e Osasco, vinculados mais uma vez às características de região metropolitana que particularizam o espaço em estudo.

A não discriminação no questionário domiciliar de outros tipos de produtos prejudicou a obtenção de dados relativos a este item.

Quanto aos serviços, pode-se constatar:

- boa parcela da população procura os serviços médicos do próprio núcleo, em geral, face aos convênios firmados entre as empresas e os médicos locais, buscando este atendi-

REGIÃO DA GRANDE SÃO PAULO



- LEGENDA**
- ABASTECIMENTO:**
- ALIMENTOS
 - VESTUÁRIO
 - ELETRDOMÉSTICOS
 - OUTROS
- SERVIÇOS:**
- MÉDICOS
 - DENTISTAS
 - HOSPITAIS

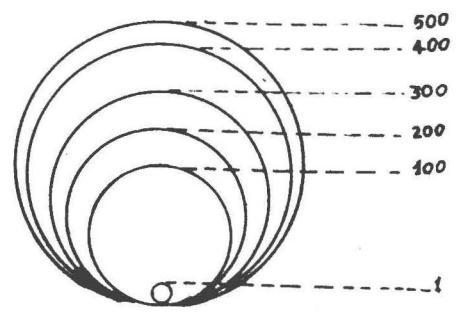


EMBU LOCAL DE SERVIÇOS E ABASTECIMENTO DA POPULAÇÃO

FONTE:
LEVANTAMENTO DOMICILIAR EM
AGOSTO/1970

ORGANIZAÇÃO E DESENHO:
MNLO

Nº DE INFORMAÇÕES



mento em São Paulo para os casos mais especializados ou de emergência, que não podem ser resolvidos em Embu;

- os serviços dentários englobam uma parcela menor da população, visto que as pessoas de baixo poder aquisitivo - e estas como foi visto, são bem representativas no núcleo de Embu - só recorrem a estes serviços em casos mais graves. Os que dispõem de meios procuram os dentistas locais, deslocando-se ainda uma boa parte para São Paulo, principalmente para Pinheiros;

- a não existência de hospitais ou pronto-socorros cria total dependência deste atendimento em relação a São Paulo, a participação de Pinheiros se deve aos que se dirigem ao Hospital das Clínicas, constituindo cerca de 30,0% dos que procuram assistência hospitalar. É bastante diversificada a relação dos hospitais procurados, em número de 16, não atingindo nenhum outro as proporções do Hospital das Clínicas. Mesmo assim, podem ser citados o Hospital dos Servidores, a Santa Casa de Santo Amaro e o Hospital Matarazzo;

- quando da análise dos serviços educacionais, constatou-se não dispor o núcleo de cursos em grau acima do ginasial. Tal fato provoca a necessidade de deslocamento de uma pequena parcela da população estudantil para outras áreas. Registrou-se a ocorrência de 20 casos de deslocamento para estudo, dos quais 12 cursavam o colegial ou frequentavam cursinho pré-vestibular, 4 pessoas no curso primário (correspondendo a famílias de padrão de vida elevado), 2 casos para o curso ginasial e dois para o superior. O local visado pelo deslocamento é essencialmente São Paulo, sendo vários os bairros procurados (Pinheiros, Consolação,

Ferreira, Vila Sônia e Cidade Universitária), tendo sido / registrado apenas dois casos de deslocamento para Itapece- rica da Serra.

A análise do cartograma deixa assim bem evi- dente que a participação de Embu é mais efetiva no abaste- cimento de gêneros alimentícios e insignificante nos ramos de comércio mais especializado.

Mostra também, a importância de Pinheiros na relação de Embu com a metrópole, ratificando o papel e- exercido por este sub-centro no atendimento das necessida - des da população de Embu.

Em relação a outras áreas da Grande São Pau lo, apenas as que se situam no eixo da BR-116 apresentam / maior participatividade no relacionamento com Embu, constitu- indo a participação das demais casos isolados sem maior ex- pressividade na definição dos fatos que interessam a este assunto.

2.3. Os deslocamentos decorrentes da vida de relações

As relações mantidas entre Embu e outras á- reas determina fluxos de população que se deslocam em dife- rentes sentidos.

Num primeiro plano está a parcela dos que se deslocam com periodicidade determinada, face a vínculos empregatícios ou de estudo fora do núcleo enfocado. Consi- dera-se aqui não só os que trabalham em outros municípios, como também os que necessitam tomar condução para trabalhar no próprio município, sobretudo ao longo da BR-116.

TABELA XVIII

Embu - Deslocamento da população

Local de deslocamento	Motivo %		Periodicidade				Transporte utilizado				
	trabalho	estudo	trabalho %			estudo%	trabalho %			estudo %	
			diária	semanal	outra		diária	ônibus	partic.	outro	ônibus
Embu-arredores	8,65	-	91,9	-	9,1	-	81,7	9,1	10,2	-	-
São Paulo	62,20	90,00	82,0	6,5	11,5	100,0	86,0	14,0	-	53,4	46,6
Grande São Paulo	22,05	10,00	78,5	7,2	14,3	100,0	71,4	28,6	-	100,0	-
Outros	7,10	-	33,3	11,1	55,6	-	33,4	22,1	44,5	-	-
Total	88,2	11,80	78,8	6,3	14,9	100,0	77,7	17,0	5,3	58,8	41,2

Fonte: Questionário domiciliar
Agosto/Setembro 1970.

Com base nos questionários domiciliares, organizou-se a tabela XVIII, e que dá uma idéia de como se processam estes deslocamentos.

Como pode ser observado na referida tabela, a maioria dos deslocamentos se destina a São Paulo, seguindo-se outras áreas da Grande São Paulo, arredores de Embu e municípios fora da Grande São Paulo.

O local de trabalho parece determinar a periodicidade dos deslocamentos. Assim é que a turbulência / diária atinge percentuais mais elevados para os arredores do núcleo, é ainda muito significativa para os que trabalham em São Paulo (82,0% e 78,50%, respectivamente), enquanto que para localidades fora da Grande São Paulo, este percentual cai para 33,3%.

Contrariamente, os movimentos semanais e de outras modalidades (mensal ou sem ritmo determinado) são progressivamente mais representativos, quanto maiores são as distâncias que separam os locais de trabalho das residências.

A parcela da população estudantil que se desloca para São Paulo e Itapeverica da Serra, faz este trajeto diariamente, não tendo sido registrados casos de periodicidade de deslocamento mais prolongada.

Ressalte-se ainda o transporte utilizado / nestes deslocamentos. A maior parte dos que se dirigem a outras áreas para trabalhar utilizam o ônibus como veículo de locomoção, registrando-se os maiores percentuais de uso deste veículo para as pessoas que se dirigem a São Paulo, arredores de Embu e Grande São Paulo.

Dos que se destinam a outras áreas, parte o fazem no próprio veículo de trabalho (caminhões) ou em carros particulares, sendo pouco representativo o percentual dos que utilizam o ônibus.

Esta proporção entre local de trabalho e transporte utilizado tem certa vinculação com os níveis de salários percebidos nas diferentes áreas, pois como já foi lembrado, o maior índice de salários médio e alto são registrados em áreas fora da Grande São Paulo.

Quanto à significativa representação de carros particulares como meio de transporte dos estudantes, o nível de vida da população parece também explicar este fato, já que nas classes menos favorecidas as possibilidades de ingresso a níveis de instrução mais elevados são bem / menores, sobretudo, quando o próprio núcleo não oferece os meios de acesso.

Com regularidade no fluxo dos deslocamentos, estão também os que residem fora do núcleo e aí desempenham atividades.

No que concerne à parcela dos que trabalham nas indústrias locais, o deslocamento é feito diariamente, usando em geral o ônibus como meio de transporte, excessão feita a 3 das 25 indústrias existentes, que dispõem de veículo próprio para transporte do pessoal que reside fora do município. Tais veículos têm pontos de partida no município de São Paulo.

Quanto aos profissionais liberais que trabalham no núcleo e aí não residem, cerca de 70,0% têm condução própria, sendo o ônibus utilizado para o restante desse contingente.

Há que lembrar também os comerciantes da feira livre e os "artesãos" da feira "hippie" que se dirigem regularmente ao núcleo no dia das respectivas feiras. Dos que comerciam na feira livre, dois terços(2/3) dos entrevistados possuem condução própria, que serve de transporte à mercadoria a ser vendida. O restante, paga uma mensalidade aos que possuem condução, utilizando seus veículos não só para a feira de Embu, como para as demais realizadas em outras áreas da Grande São Paulo. Em relação ao pessoal da feira "hippie", apenas 18,0% possui condução particular. A grande maioria se serve dos ônibus ou, em grupos aluga taxi.

Afora o movimento periódico, o fluxo é acrescido pelo contingente que se desloca em busca de serviços oferecidos por outras localidades, principalmente São Paulo, num sentido como também pelos turistas que se dirigem a Embu, sobretudo nos fins-de semana, utilizando para isso meios de transporte particular ou coletivo. Também em fins-de-semana ocorre o afluxo de pessoas que se destinam às chácaras localizadas nos arredores.

Os dados obtidos na empresa de ônibus que serve o município apontam o grande movimento de população/entre Embu e São Paulo.

Como se pode notar, na grande maioria dos meses, nos anos considerados, os totais de deslocamento / são superiores à população do próprio município.

TABELA XIX

Embu - Número de passageiros que viajaram entre
Embu - São Paulo (1968/70)

Meses	Anos		
	1968	1969	1970
Janeiro	2055	28019	25384
Fevereiro	14705	24747	27537
Março	15772	26745	32169
Abril	14556	30326	31626
Maio	26988	16120	31991
Junho	25912	28324	29197
Julho	25737	20780	31571
Agosto	26033	23331	31429
Setembro	27410	22395	30945
Outubro	28966	23747	33326
Novembro	28225	...	32028
Dezembro	28687	27692	40586
Total Anual	265026	272226	377789
Média Mensal	22076	24747	31469

Fonte: Auto Ônibus JSoamin Ltda.
Junho 1971

Ressalte-se que estes dados dizem respeito, tão somente, à linha que sai ou passa pelo núcleo e atinge a capital pela Regis Bittencourt. Existem ainda três linhas de ônibus que fazem o percurso Jardim Santa Tereza - São Paulo,, Jardim Presidente Kennedy-São Paulo, e Jardim Santa Emília-São Paulo, através das quais escoam boa parte da população do município situada na sua porção oriental. Há também, duas linhas intra-municipais que ligam áreas rurais - Itatuba e Ressaca - ao núcleo, mas não são registrados os dados a elas referentes.

Os ônibus que servem de ligação entre Embu e São Paulo, mantêm um horário de partida das respectivas localidades em intervalos de 15 minutos, sendo este de 10 minutos no horário de entrada e saída de trabalho, isto é, entre 5 e 8 horas e entre 16,30 e 19 horas, denotando a importância deste veículo no transporte da população que se desloca para trabalhar.

Cabe lembrar, a importância do sub-centro / de Pinheiros, já que é só até lá que se destinam os ônibus de Embu, fator este que favorece ainda mais o estreitamento dos vínculos entre as duas porções.

A análise da vida de relações mantida pela população do núcleo em foco, permite assim a definição da natureza dos vínculos que caracterizam a área como integrante da região metropolitana de São Paulo.

As funções mais importantes desempenhadas pelo núcleo - a função industrial e turística - resultam, sobretudo, da proximidade da capital, já que, como se viu, foi a metrópole, em última análise, a responsável pelo desencadeamento do processo.

Por outro lado todas as necessidades da população de Embu não podem ser supridas no núcleo, são dirigidas a São Paulo fundamentalmente, sendo a participação / das áreas vizinhas pouco significativas e ligadas mais a problemas de posição em relação à circulação, do que a uma atração exercida por elas em si.

A mobilidade decorrente destas relações é bem expressiva, registrando-se numerosos casos de deslocamentos periódicos, ritmicidade característica de regiões

metropolitanas, e, ao que parece, com tendência a ser intensificada, pois, se se observar a evolução em apenas três anos do número de passageiros que utilizam a linha de ônibus a que se referem os dados, ver-se-á que houve um aumento sensível. Assim é que a média mensal de passageiros nos anos de 1968, 1969 e 1970 foi de respectivamente 22.076 , 24.747 e 31.469, cifras estas que demonstram a intensificação do processo.

3. A CIDADE

Posição

A condição de núcleo à margem de uma via de comunicação importante, vem sendo desfrutada por Embu há apenas, pouco mais de uma década. Efetivamente, até 1960 a ligação entre São Paulo e o Sul do país era feita pela via Raposo Tavares.

Se se remontar ao passado, notar-se á que a área em estudo sofreu um certo isolamento em relação aos meios de comunicação que se foram definindo no espaço paulista.

O traçado da ferrovia deixou de lado esta porção do espaço paulista, marginalizando-a, assim, do principal meio de transporte a partir do último quartel do século ^{XIX} até meados do nosso século.

As primeiras rodovias importantes ligando São Paulo a outras regiões do país seguiram de perto o traçado das ferrovias, não favorecendo, mais uma vez, à área em que se encontra Embu.

Esta marginalização parece estar vinculada a pelo menos duas ordens de fatores: os físicos e os econômicos.

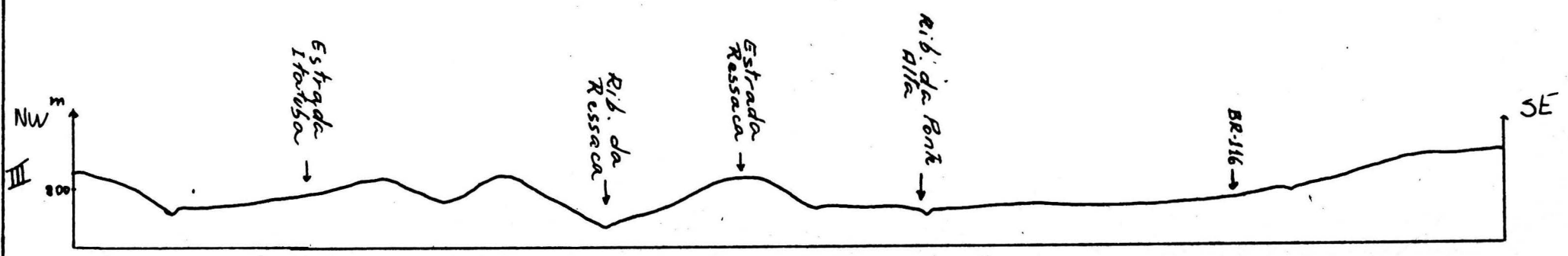
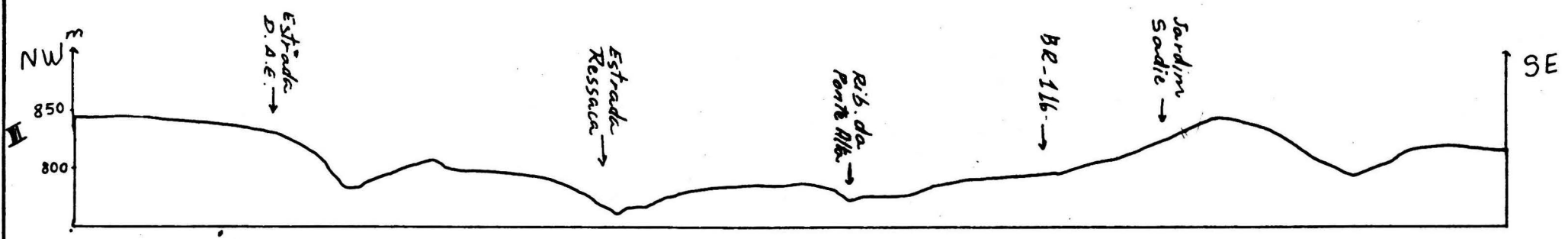
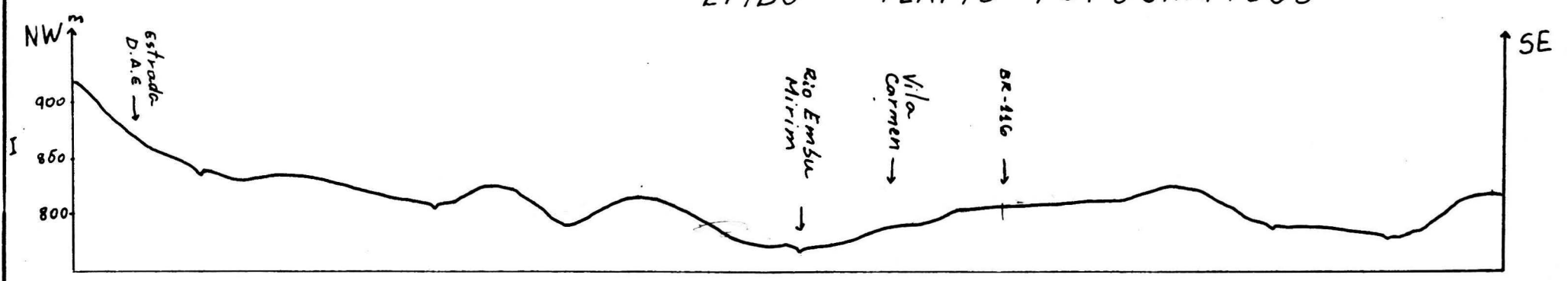
Por um lado, a presença da topografia acidentada da Serra de Paranapiacaba não favorecia o traçado de vias de comunicação e, como lembra Caio Prado, o relevo foi responsável pelo traçado das primeiras vias de expansão da colonização paulista(3). Por outro lado, numa fase seguinte, a instabilidade do clima paulistano e a pobreza / dos solos não propiciaram a implantação da cultura cafeeira nesta região e, como se sabe, o café foi em grande parte responsável pela definição de traçados do sistema ferroviário paulista.

Essa marginalização com relação à circulação influenciou de maneira considerável o desenvolvimento da área, já que a metropolização paulistana (sobretudo a partir de 1940), e a conseqüente valorização dos seus arredores, deu-se principalmente ao longo dos principais eixos / de comunicações - a ferrovia, e em seguida, a rodovia.

A posição atualmente desfrutada por Embu / tem permitido a introdução de uma série de mudanças na área, principalmente no que concerne à atividade industrial e especulação imobiliária.

(3) PRADO Jr, C. - O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo. "in" Geografia nº 3, ano 1, São Paulo. 1935

EMBU - PERFIS TOPOGRAFICOS



ESCALA HORIZONTAL : 1:10000
EXAGERO VERTICAL : 2x

Sítio

O sítio original de Embu reflete as condições históricas que marcaram o seu surgimento - a de aldeamento indígena dirigido por padres jesuítas. Assim é que o bedeceu a uma tendência frequente entre os demais aldeamentos de São Paulo, quanto ao sítio - em acrópole - a exemplo de Itaquequetuba, Itapecerica e Queluz; que denotavam sempre a preocupação defensiva existente nos aldeamentos. (4)

É o autor supra-citado quem primeiro define as condições de sítio do núcleo em estudo: "O aldeamento de Embu sediou-se na extremidade de um esporão formado por uma colina alongada entre os ribeirões da R_essaca e Ponte Alta, formadores do rio M'boy Mirim. Estando a cêrca de 800 metros de altitude, eleva-se de forma pronunciada em relação aos fundos de vales que contribuem para formar o esporão; as vertentes são relativamente íngremes, especialmente em direção ao Ponte Alta, o que contribue para mais destacar o sítio original do núcleo. A presença de planícies alveolares, uma das quais localiza-se logo à jusante da confluência do R_essaca e Ponte Alta, no M'boy Mirim, a outra parte no próprio Ponte Alta, atualmente ocupada por uma lagoa rasa, logo à montante da confluência, permite que o destaque da ponta do esporão se torne mais nítido". (5)

(4) PETRONE, Pasquale - Os ^{aldeia} elementos paulistas e sua função na valorização dos arredores paulistanos. FFCL da USP, 1964, p.100 (inédito).

(5) PETRONE, Pasquale : op.cit.,pg.101.

O sítio em que se insere Embu, inscreve-se assim numa topografia bastante acidentada, dominando colinas com níveis que variam entre 800-850 metros e mesmo 900 metros, bastante entalhadas pela drenagem do Embu-Mirim.

Mesmo com o domínio do relevo colinar na paisagem, é possível identificar pequenas secções de planície alveolares ao longo dos ribeirões. Na área que abriga o núcleo estas secções são visíveis no ribeirão da Ponte Alta quando já próximo à sua junção ao Ressaca e logo após esta. Mais à montante do ribeirão da Ressaca e aí já não mais na área urbana, percebe-se também a presença de tais alvéolos.

Descrivendo o relêvo desta região Ab'Saber sugere possíveis processos que teriam marcado a evolução da área: "O relevo se movimenta gradualmente na região cristalina, assistindo-se a um amorreamento progressivo das encostas, enquanto os níveis do topo demonstram sinais iniludíveis de uma peneplanização regional, provavelmente plio-pleistocênica. As planícies aluviais restringem-se aos pontos de concentração de dois ou mais córregos ou rios, adquirindo conformação alveolar". (6)

Quanto à constituição geológica da área, encontram-se gnaisses e granitos até a altura do cotovelo do rio Embu-Mirim e a partir deste verifica-se a ocorrência de micaxistos. (7)

Esta diferença de estrutura acarreta feições distintas na conformação das vertentes, visto que o manto

- (6) AB'SABER, A.N. - O sítio urbano de São Paulo "in" A Cidade de São Paulo, volume I, cap.5, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958, p.232.
- (7) ALMEIDA, F.F.M. de - O Planalto Paulista "In" A Cidade de São Paulo, volume I, cap.4 S.Paulo. Cia. Editora Nacional. 1958, p.131.

Esta diferença de estrutura acarreta feições distintas na conformação das vertentes, visto que o manto de decomposição nas áreas de gnaisses e micaxistos é mais espesso, enquanto que sob o domínio do granito é comum o afloramento de matações.

A drenagem da área apresenta feição particular, registrando-se uma mudança brusca em sua direção. É ainda Ab'Saber quem se reporta ao fato: "nas proximidades do vilarejo de Embu(M'Boy) existe uma das mais complexas anomalias de drenagem de toda a rede do Alto Tietê: os ribeirões da Ressaca e Ponte Alta, após caminharem de SSW para NNE, passando por Embu infletem bruscamente para o S, e, depois para L até encontrar o rio Guarapiranga na região de Santo Amaro. Trata-se de riachos de vales maduros, perfeitamente definidos e hierarquizados, sendo que o cotovêlo situado a 2km a NE de Embu se encontra encaixado através de epiciclos erosivos iniciados a partir do nível 800-830 m".(9)

A hipótese de captura como explicação de tal anomalia de drenagem é rejeitada tanto por Ab'Saber(10) quanto por Almeida(11):

Os perfis elaborados permitem distinguir alguns dos aspectos levantados, tais como: o amorreamento do relevo; o progressivo rebaixamento do interflúvio dos ribeirões formadores do rio Embu-Mirim (perfis I e II); o caráter mais modesto da feição alveolar do Embu-Mirim, logo dando lugar ao aparecimento de vertentes colinares do cris

(9) AB'SABER, A.N. - op.cit., 1957, p.81

(10) Idem - p.81-83

(11) ALMEIDA, F.F.M. de - op.cit., p.157

(12) AB'SABER - op.cit., 1957, p.81-83

talino (perfil III); a planície alveolar do ribeirão da Ponte Alta; os níveis topográficos encontrados na área (perfis I, II, III).

No seu conjunto o relevo da área se enquadra na superfície de São Paulo (800-820m), principalmente na porção em que se localiza o núcleo propriamente dito, embora se registrem níveis que constituem resíduos rebaixados da superfície das cristas médias - a superfície Itapequerica-Cotia (920-950m) nas porções a W e NW do núcleo (12)

A topografia acidentada, que caracteriza o sítio de Embu, acarreta uma série de dificuldades para a expansão da cidade.

Assim é que, conforme se pode observar na carta de declividade, predominam no conjunto da área declividades compreendidas na classe de 20 a 40%. Tais áreas, somadas às enquadradas na classe acima de 40%, constituem porções que não favorecem a expansão da cidade em direção a elas.

Praticamente, todo o organismo urbano se assenta sobre áreas com vertentes acima de 10% de declividade. As porções compreendidas em declividades abaixo desta classe, são representadas pelas várzeas dos cursos d'água, vertentes superiores e topos de colinas, não tendo portanto, maior aproveitamento urbano.

Podem ser distinguidas, no organismo urbano, duas áreas bem individualizadas: a área central de crescimento espontâneo e a área urbana que resultou da abertura de loteamentos. Com relação à primeira, verifica-se que ela

(12) AB'SABER - op.cit.1957,p.81-83.

já ocupa totalmente as vertentes de 10 a 20% de declividade, tendendo agora a atingir as vertentes acima desta classe, como é o caso da vila Salim e Vila Maranhão, localizadas sobre vertentes com declividades entre 20 e 40%. As áreas loteadas estão situadas, parcialmente, sobre vertentes enquadradas na classe de 20 a 40% de declividade, a exemplo da Vila Cercado Grande e Jardim Sadie. Estes fatos podem ser melhor evidenciados na carta de declividade e na tabela XX.

A tabela XX permite a constatação da observação feita a respeito localização do organismo urbano, já que cerca de 75% do total está situado sobre encostas acima de 10%. A localização abaixo desta classe se refere, em grande parte aos topos das colinas e a uma pequena parcela da área central que se situa na parte rebaixada do esporão próximo à confluência dos ribeirões.

O que se verifica, na prática, é que face à inadaptação dos traçados dos loteamentos em relação à topografia, estas áreas só apresentam traçados regulares e definidos, nas porções em que a declividade é pelo menos da ordem de 10 a 20% (Caso característico da vila Cercado Grande). A vila Carmen e a Vila Embuema, embora com seus traçados melhor definidos, pois estão em grande parte assentados sobre vertentes com declividade de 10 a 20%, apresentam mesmo assim algumas rampas de acesso difícil, virtude do tipo de traçado imposto ao loteamento.

O núcleo de Embu está, pois encravado sobre as encostas de vertentes abruptas do relevo cristali-

TABELA XX

Embu - Distribuição das declividades na área urbana

Localização	Área aproximada m ² (*)	Classes de declividade %				% total	
		5 a 10%		10 a 20 %	20 a 40%		40% e +
		a.	b.				
Área central	202.500	19,7	7,3	45,5	27,5	-	100,0
Área loteada	295.000	-	20,5	40,3	33,2	6,0	100,0
Total	497.500	8,30	15,0	42,6	30,5	3,6	100,0

Fonte: Cf. medidas efetuadas em superposição da carta de declividade e da malha urbana

(*) Dados obtidos em planimetria

a. Declividades referentes à base de encostas

b. Declividades referentes às vertentes superiores e topos de colinas

no, entre vales profundamente encaixados. A presença dos cursos d'água e do tipo de relevo predominante na área orientaram a maioria das vias de circulação, à exceção da BR-116, em que foram efetuados cortes e aterros, que por sua vez serviram de diretriz ao crescimento urbano que o núcleo vem conhecendo.

A organização do espaço urbano

É sobre este quadro morfológico, apresentado em linhas gerais, que se localiza o núcleo de Embu. A maneira como se distribuem os fatos urbanos neste espaço decorre de fatores ligados de perto à topografia, às condições históricas e à circulação.

Como já foi salientado, sua origem remonta a um aldeamento indígena, com sítio em acrópole. Sobre o esporão já descrito, o núcleo inicial se definiu pela presença do convento e capela e pelo casario em torno do pário, como de resto ocorria na maioria dos aldeamentos.

Com o marasmo que se verificou na evolução do núcleo e até meados de 1950, não se tornava necessário extravasar os limites dos ribeirões que o circundavam. Na planta que se segue e que data de 1946, é fácil verificar essa modéstia no crescimento. Observar-se-á aí que o núcleo tinha, então, seus limites bem próximos à porção em que se originou.

É na década de 1950/60 que se verifica o maior crescimento espacial de Embu, distinguindo-se em seu traçado geral duas porções distintas: a de crescimento por



LEGENDA

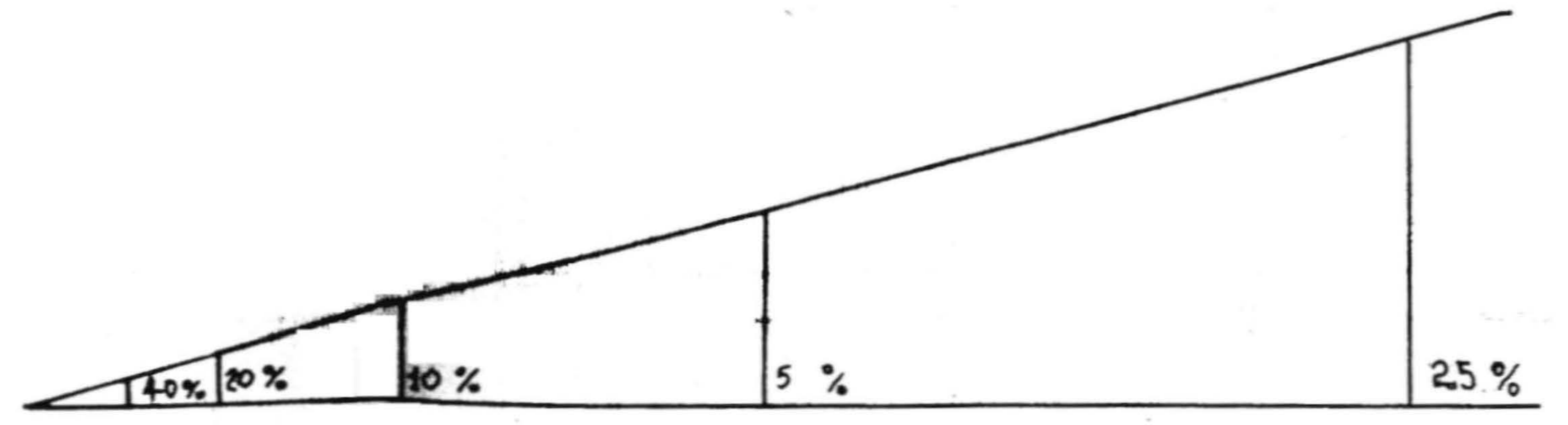
- < 2,5 %
- 2,5 - 5 %
- 5 - 10 %
- 10 - 20 %
- 20 - 40 %
- > 40 %
- LAGOA

EQUIDISTÂNCIA DAS CURVAS DE NIVEL: 10 m

EMBU - CARTA DE DECLIVIDADE

ORG E DESENHO: NIEDJA

ESCALA : 0 100 200 300 m



contiguidade e a decorrente da abertura de loteamentos, já citadas quando da análise do sítio urbano.

A primeira compreende a parte da área assentada sobre o interflúvio dos ribeirões da Ressaca e Ponte Alta, abrangendo a porção situada entre as ruas Nossa Senhora do Rosário (Capelinha) e Maranhão, que constituem vias de acesso às estradas da Ressaca e Itatuba, ligando o núcleo aos bairros rurais homônimos (vide planta).

A segunda, representa a maior porção do crescimento espacial de Embu, sobretudo a superfície loteada no período de 1950/60, que marca o início da especulação imobiliária na área, conforme será analisado em outra parte deste trabalho. Tais loteamentos vão-se instalar principalmente no eixo da estrada velha de Itapecerica (tornada pequena variante ligada à BR-116). O mais antigo deles é a vila Cercado Grande que data de 1954, seguindo-se os jardins Sílvia e Embuema, respectivamente de 1955 e 1956.

Apenas dois dos loteamentos desta fase - os Jardins Novo Embu e Arabutan, procuraram instalar-se sobre o esporão do núcleo inicial. O Novo Embu sofre uma certa solução de continuidade em relação à área edificada do núcleo, e o Arabutan, embora aprovado há mais de 10 anos, tem sua ocupação restrita tão somente à área contígua ao núcleo.

Mais recentemente, registrou-se a abertura de outros loteamentos contíguos à área urbana e a ela incorporados - o Jardim Sadie na BR-116 e o Jardim Sílvia, entre a Vila Cercado Grande e a estrada da Fonte, datando ambos de 1965.

Obedecendo a fatores de ordens tão variadas, sem normas pré estabelecidas o plano da cidade é caótico e fragmentário, não se enquadrando, atualmente, em nenhum / dos tipos clássicos conhecidos, aproximando-se, quando muito do linear, mesmo assim com eixos distintos, ou seja, o da estrada velha de Itapeverica e o esporão dos ribeirões Ressaca e Ponte Alta.

A estrutura do núcleo resulta da interação dos fatores apresentados.

A conservação do conjunto arquitetônico da capela e convento e de algumas poucas construções coloniais, associadas a algumas reconstruções esse estilo, tais como o "coreto" da praçinha e parte da iluminação pública lembrando os lampiões a gás, somadas por fim, à presença de inúmeros ateliers de arte, sobretudo em torno do centro, dão à área central do núcleo, um toque de "Aconchego" artístico e histórico.

Esta fisionomia estética, entretanto, não se estende às áreas loteadas, não só pela ausência dos detalhes urbanístico - arquitetônicos de que se reveste a área do centro, como também pela predominância de construções populares, que assemelham esta porção a tantas outras da periferia de São Paulo.

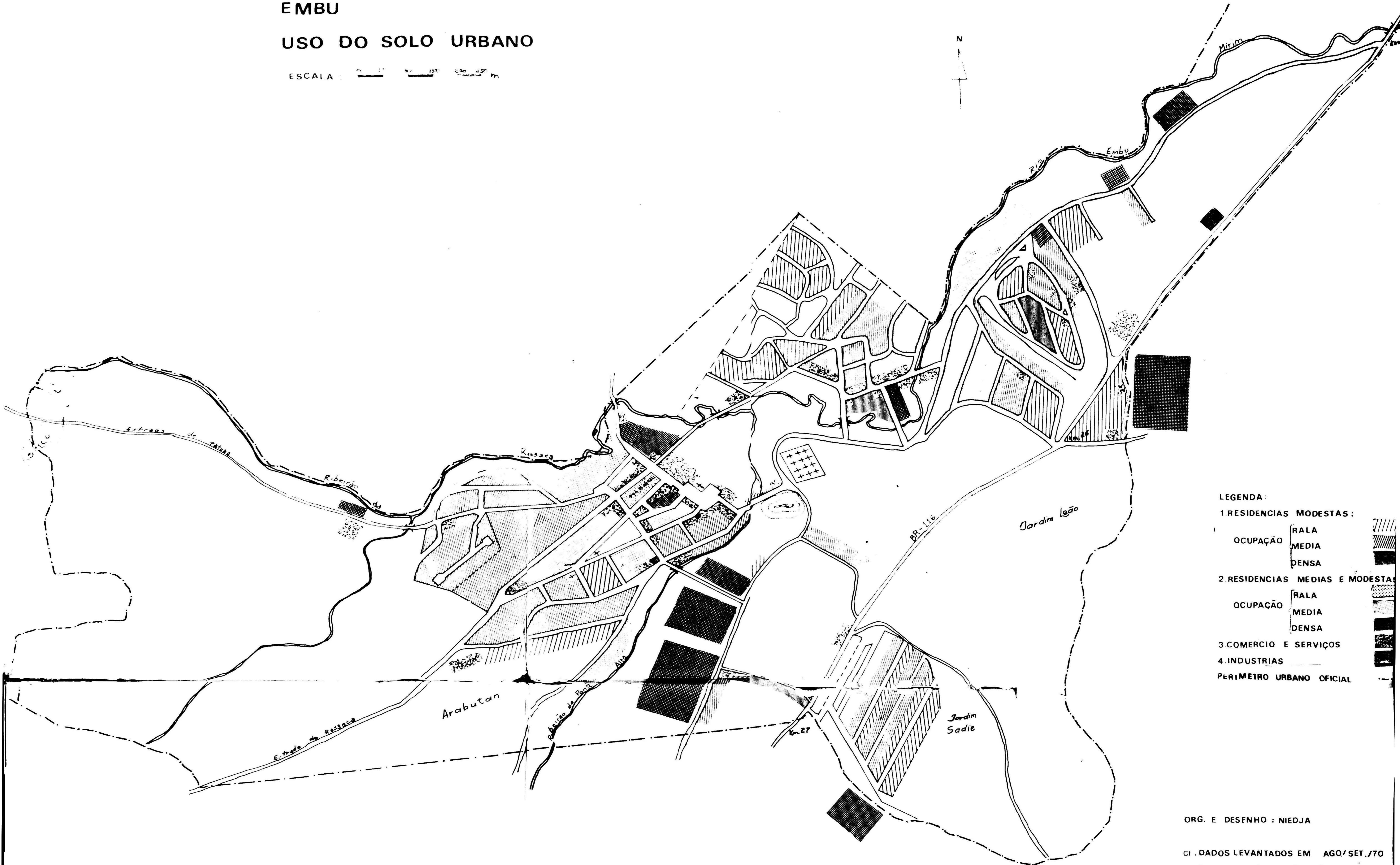
Observando a planta de densidade de uso do solo urbano e a planta funcional da parte central, distinguem-se as diferentes formas de ocupação deste espaço.

A concentração das casas de comércio e de prestação de serviços, como se pode constatar, se dá em

EMBU

USO DO SOLO URBANO

ESCALA 1:5000



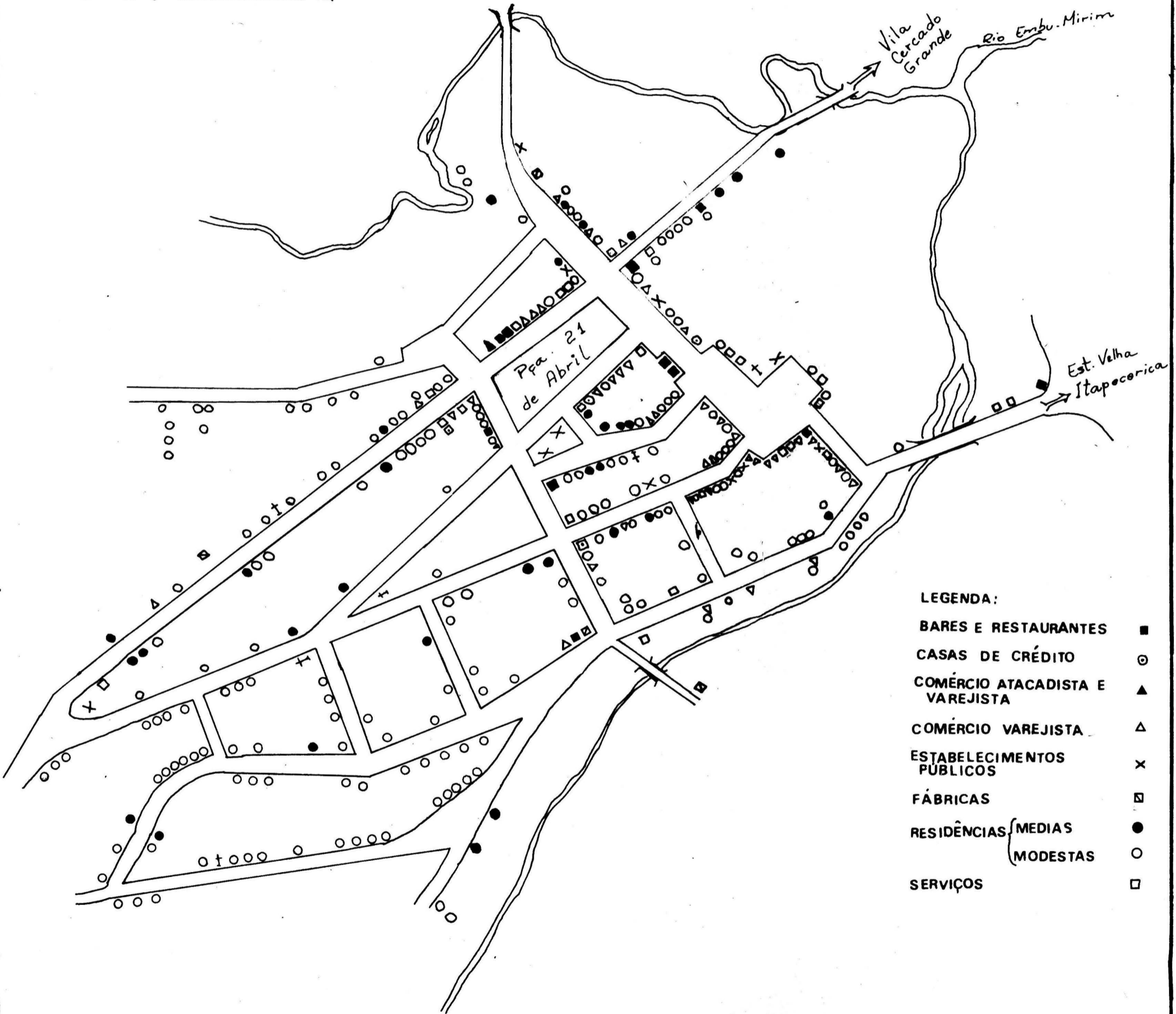
- LEGENDA:
- 1. RESIDÊNCIAS MODESTAS:
 - OCUPAÇÃO RALA
 - MEDIA
 - DENSA
 - 2. RESIDÊNCIAS MÍDIAS E MODESTAS:
 - OCUPAÇÃO RALA
 - MEDIA
 - DENSA
 - 3. COMÉRCIO E SERVIÇOS
 - 4. INDÚSTRIAS
- PERÍMETRO URBANO OFICIAL

ORG. E DESENHO : NIEDJA
CI. DADOS LEVANTADOS EM AGO/SET./70
ATUALIZADOS EM FEV./72

EMBU - ÁREA CENTRAL

FUNÇÕES

ESCALA : 0 25 50 75 m



- LEGENDA:**
- BARES E RESTAURANTES ■
 - CASAS DE CRÉDITO ⊙
 - COMÉRCIO ATACADISTA E VAREJISTA ▲
 - COMÉRCIO VAREJISTA △
 - ESTABELECIMENTOS PÚBLICOS ×
 - FÁBRICAS ◻
 - RESIDÊNCIAS {
 - MEDIAS ●
 - MODESTAS ○
 - SERVIÇOS ◻

ORG. E DESENHO : NIEDJA
 Cf. DADOS LEVANTADOS EM AGO./SET./70
 ATUALIZADOS EM FEV./72

torno dos largos da Matriz e 21 de Abril. É também aí que se localiza a maior parte dos órgãos administrativos do município. Uma segunda concentração surge, sobretudo no que se refere à atividade comercial, ao longo da rua Cândido Portinari, na vila Cercado Grande,. Nas demais porções aparecem estabelecimentos isolados e que em sua maioria constituem a pequenas casas comerciais (botecos).

As quadras ocupadas por estas atividades apresentam uma edificação compacta de construções geminadas, térreas, aparecendo um ou outro sobrado, sendo este mais utilizado na prestação de serviços especializados (consultório médico, gabinete dentário ou escritório de contabilidade).

A localização das indústrias no núcleo está estreitamente ligada à circulação, conforme já se ressaltou na parte dedicada às funções. Assim é que estas se situam, em sua maioria, ao longo da BR-116 ou na estrada velha de Itapeçerica. Um outro elemento interferiu de perto na localização de algumas destas indústrias (papel, papelão e químicas): a presença do rio como supridor da água abundante por elas requisitada.

Destacou-se em cartograma especial a distribuição espacial dos fatos interessando à função turística, já que conforme foi visto é uma das funções de maior destaque no núcleo. Como é fácil de constatar, a maior parte dos ateliers de arte e casas de comércio de antiguidades e objetos de arte em geral, está concentrada na área central / do núcleo e sobretudo, nas imediações da igreja e convento. Em escala mais reduzida registram-se "ateliers" também na vila Cercado Grande. Fora da área urbana há que ressaltar

ainda a "Cibana do Gama" e o "Mercado das Pulgas", ambos no km 22 da BR-116.

As residências predominam nas demais porções do espaço urbanizado, distinguindo-se dois aspectos:

- a densidade de ocupação: consideraram-se áreas de forte densidade, as quadras residenciais sem terrenos baldios e, como se nota na planta, estas constituem a minoria. Predominam as áreas de densidades médias (quadras com razoável número de construções mas com alguns terrenos baldios), sobretudo, em torno do núcleo central e nas áreas loteadas mais próximas à estrada de Itapeçerica. A ocupação se torna gradualmente mais rarefeita nas quadras mais distantes desta via, interferindo neste caso as condições de sítio, visto que elas ocupam as porções mais elevadas e de maior declividade das vertentes em que se localizam os loteamentos. Exemplos destes aspectos são nítidos na vila Cercado Grande, vila Carmen e Jardim Sadie.

- o tipo de habitação: no conjunto do núcleo pode-se dizer que predominam residências do tipo popular, bastante modestas, embora intercalem-se em algumas áreas, residências / que denotam um padrão de vida mais elevado. Em algumas destas porções, tais residências constituem casas de fins-de-semana, como é o caso de algumas chácaras na estrada velha de Itapeçerica e entre as ruas Andronico dos Prazeres Gonçalves e Jandira Sodré. O tipo de habitação reflete o nível sócio-econômico predominante na área, ao qual já se fez referência em capítulo anterior. Não se pode, ante o exposto, delimitar espacialmente porções do núcleo em que predomine um só tipo de habitação. Tanto no centro quanto

na periferia, encontram-se casas médias e modestas. Ressal-te-se ainda que, salvo um ou dois casos, não se registram no núcleo tipos extremos de habitações, ou seja, casebres de madeira ou casas muito finas (tipo palacete).

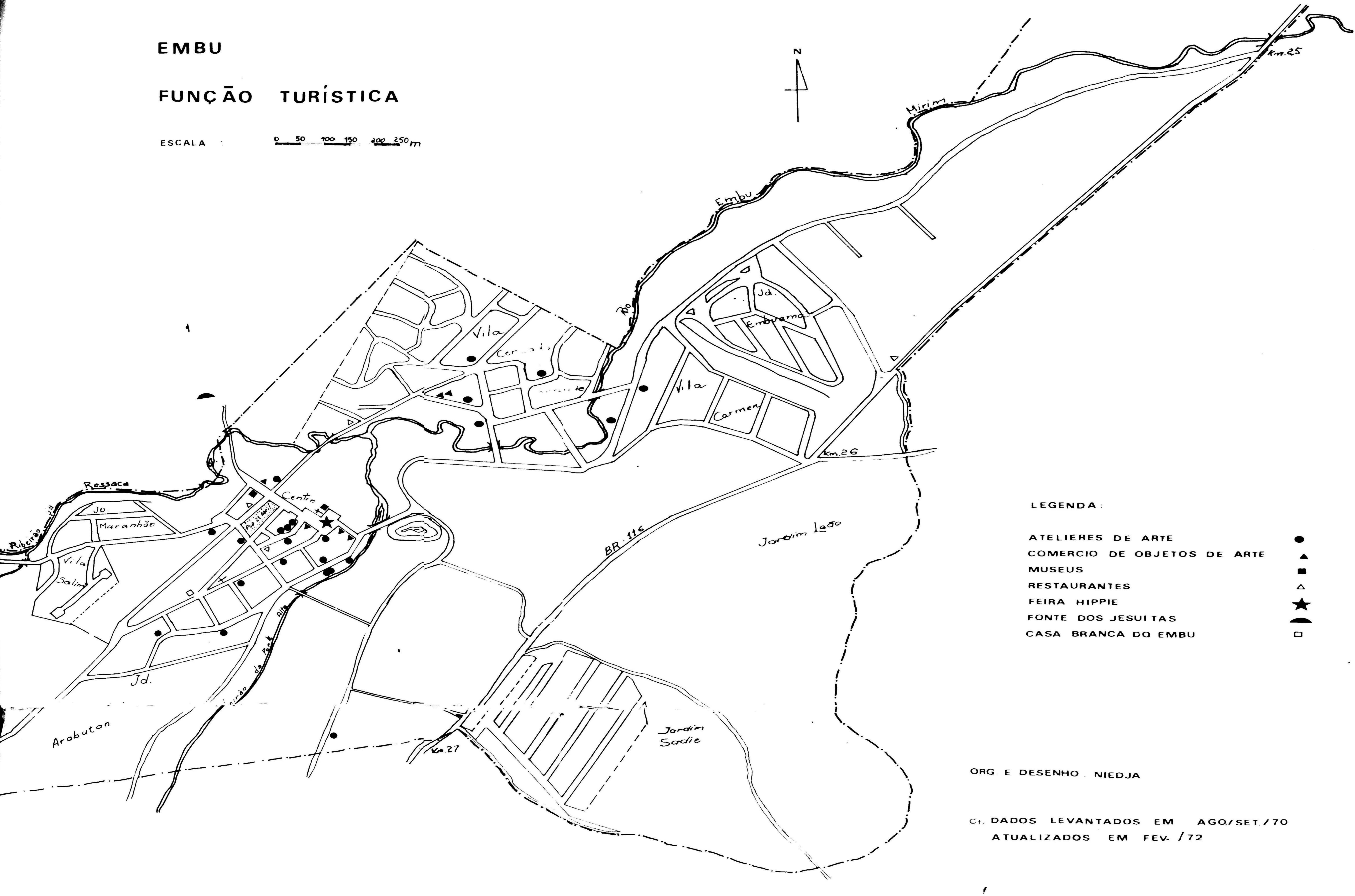
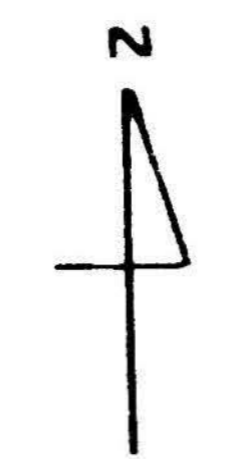
O cartograma 7 permite ainda identificar os espaços vazios que se intercalam entre as áreas edificadas. Tais espaços resultam essencialmente, das condições de sítio e são constituídos ou por várzeas sujeitas à inundações ou por colinas de vertentes íngremes e, conseqüentemente, de ocupação mais problemática. No primeiro caso, tem-se o exemplo da área da lagoa e confluência dos ribeirões, e, no segundo, a porção compreendida entre o cemitério e vila Carmen - o Jardim Leão áreas, em que só recentemente tem sido executados trabalhos de terraplanagem, visando sua ocupação efetiva.

Convém ressaltar, por fim, a maneira como se distribuem as construções no espaço em estudo. Também neste caso percebe-se uma diferença entre as porções de crescimento por contiguidade e as áreas loteadas. Naquelas, as construções se apresentam geminadas, alinhadas, com guias e sarjetas e calçadas definidas e, na maioria dos casos sem a presença de jardins, embora, todos os casos (mesmo / no das casas comerciais) registrem a presença de quintais na porção central das quadras. Já nas áreas loteadas, a distribuição é mais anárquica: são poucas as porções que possuem guias e sarjetas e conseqüentemente, calçadas padronizadas; as residências em geral possuem jardins cercados / por muros ou cercas de arame) e, face à maior presença de terrenos baldios, os quintais não são tão bem definidos como no caso anterior. Outra coisa que se observa, neste caso, é que as casas não se dispõem em uma linha de distânci

EMBU

FUNÇÃO TURÍSTICA

ESCALA : 0 50 100 150 200 250m



LEGENDA:

- ATELIERES DE ARTE
- ▲ COMERCIO DE OBJETOS DE ARTE
- MUSEUS
- △ RESTAURANTES
- ★ FEIRA HIPPIE
- ◐ FONTE DOS JESUITAS
- CASA BRANCA DO EMBU

ORG. E DESENHO NIEDJA

OS DADOS LEVANTADOS EM AGO/SET./70
ATUALIZADOS EM FEV./72

a definida em relação às ruas, mesmo porque a declividade do terreno nem sempre favorece tal alinhamento. É comum a existência de residências de acesso problemático, que possuem escadas íngremes para se as atingir: Foram raros os casos de constatação de aproveitamento dos quintais, registrando-se apenas uns dois casos de plantio de hortaliças.

Serviços de urbanização e saneamento

Um outro aspecto que se faz necessário analisar neste capítulo é o que se refere aos serviços de urbanização e saneamento não só por ser uma forma de uso do solo, como também por constituir-se elemento indispensável na inferência do grau de urbanização da área.

O cartograma que se segue, elaborado a partir de informações obtidas na Prefeitura do Município, evidencia a distribuição desse equipamento no núcleo:

Numa ligeira análise, constata-se:

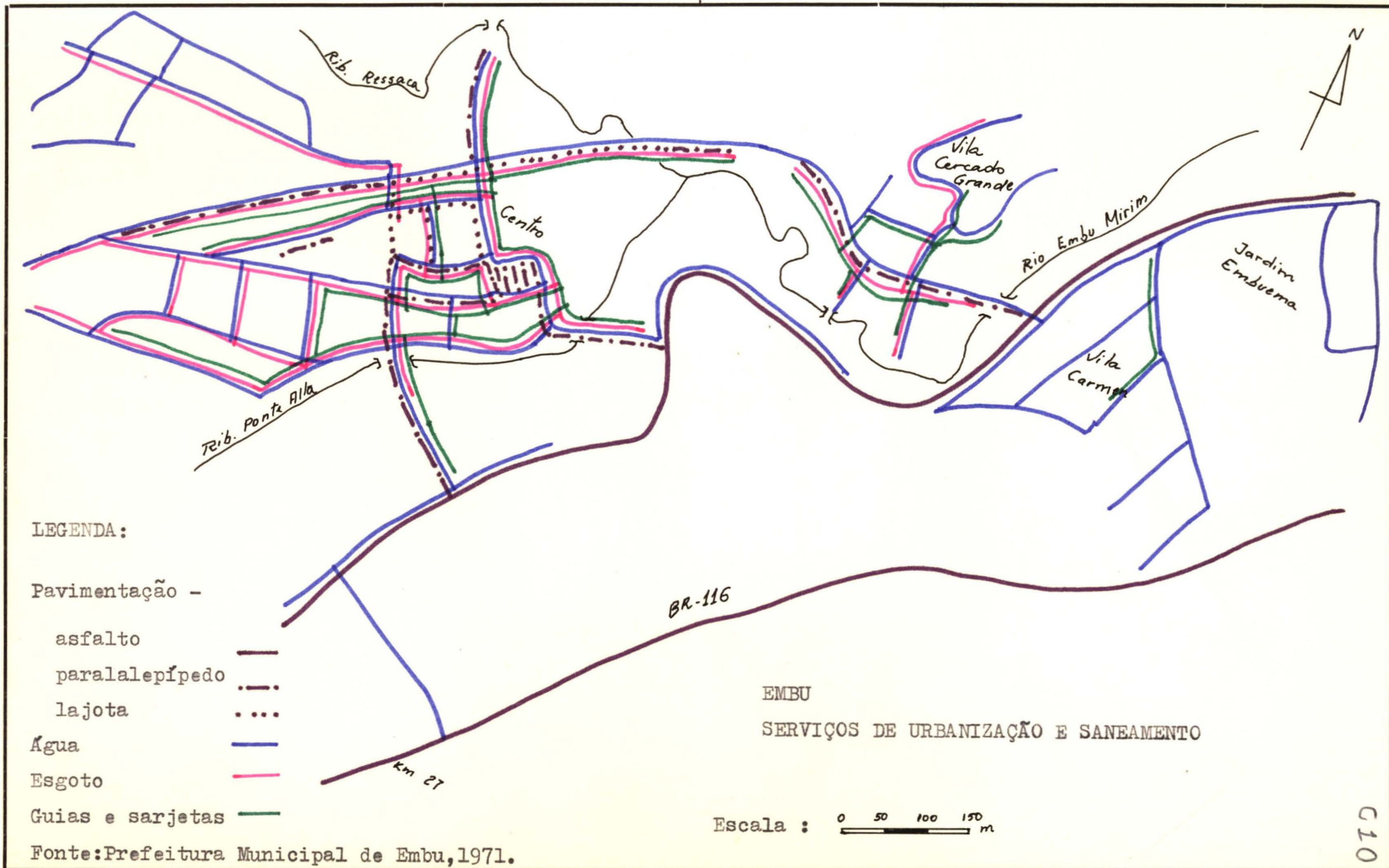
a) a pavimentação é bastante precária no conjunto do espaço urbano, predominando o arruamento em barro batido. Os benefícios deste setor restringem-se ao asfalto da BR-116 e estrada velha de Itapecerica; calçamento com paralelepípedos na praça da Matriz e nas ruas que dão acesso ao núcleo central, e com lajotas circundando o largo 21 de abril.

As guias e sarjetas, como já foi lembrado, recobrem apenas parte da área central e uma pequena extensão da vila Cercado Grande.

b) dos serviços de abastecimento de água, e coleta de esgoto sanitário, o que abrange maior extensão é o de distribuição de água. Esta rede foi instalada em 1963, contando em 1971 com 617 ligações, recobrando toda a área central, parte da vila Cercado Grande e vila Carmen, e uma pequena parcela do Jardim Embuema. Já a rede de esgotos, instalada em 1964, abrange tão somente o núcleo central e parte da vila Cercado Grande.

c) o único serviço que se estende a todo o espaço urbano é a rede de distribuição de energia elétrica, embora a iluminação pública seja inexistente nos loteamentos mais recentes (Jardins Sadie, Sílvia) e o Novo Embu, embora este último date ainda da década de cinquenta. Aliás, estes loteamentos não contam com qualquer um dos demais equipamentos urbanos, sendo a distribuição de água, efetuada através de um caminhão da Prefeitura, e mesmo assim, somente nas casas cujos moradores pagam uma quota mensal.

A apresentação destes fatos demonstra que apenas a parte central desfruta de todos os serviços oferecidos pela administração, seguindo-se a vila Cercado Grande e a vila Carmen, em menor escala. O Jardim Embuema já é bem menos favorecido, visto que mesmo a distribuição de água só atinge uma pequena parcela da área.



Em síntese, pode-se dizer que Embu se localiza sobre colinas que bordejam o rio Embu-Mirim e seus / formadores, apresentando duas porções distintas que refletem as tendências de crescimento nestas duas direções: a de crescimento por contiguidade e a resultante da abertura de loteamentos, registrando-se em ambas, problemas de declividade acentuada que dificultam essa expansão.

Possui o núcleo uma fisionomia modesta, com tipos de construções que se assemelham as de outras porções periféricas de São Paulo que foram atingidas pela especulação imobiliária, exceção feita ao caráter colonial e ambiente artístico em torno do conjunto arquitetônico que lhe dá feição especial.

A pobreza de recursos urbanísticos para o conjunto da área urbana é uma característica marcante, já que estes, quando existem, se situam somente na porção central. Assim é, que a praça 21 de Abril, por exemplo, é a única do núcleo que merece este nome, já que as demais teoricamente existentes nas áreas loteadas, não passam de barrancos nas porções de acesso mais difícil.

É, enfim, um espaço que reflete suas condições naturais, históricas e sobretudo, a proximidade da metrópole paulistana, através de funções que lhe dão uma feição particular e individualizada no conjunto periférico de São Paulo.







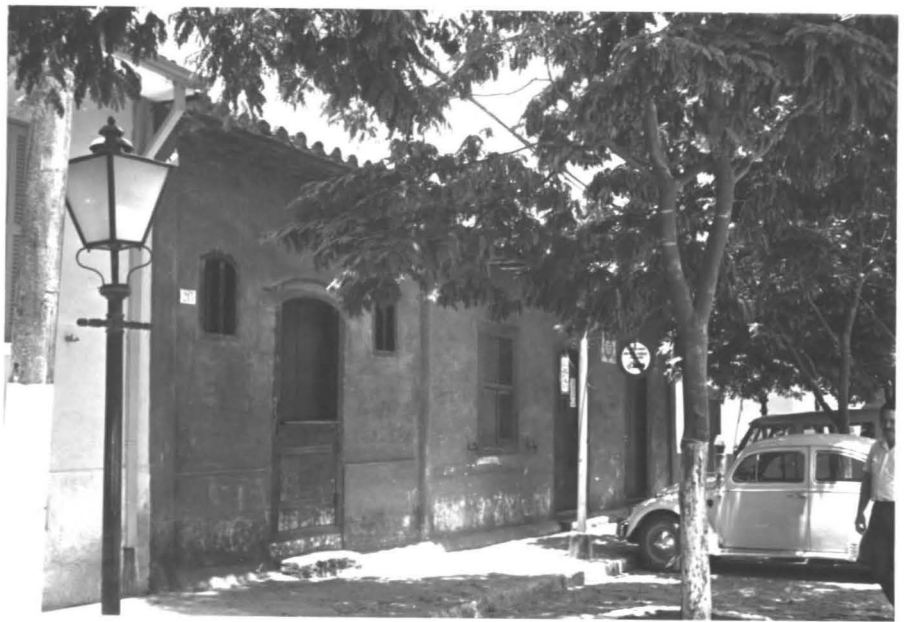


Foto 11. A atividade comercial se concentra ao redor dos dois principais largos, em construções geminadas, algumas delas reconstituídas em estilo colonial.

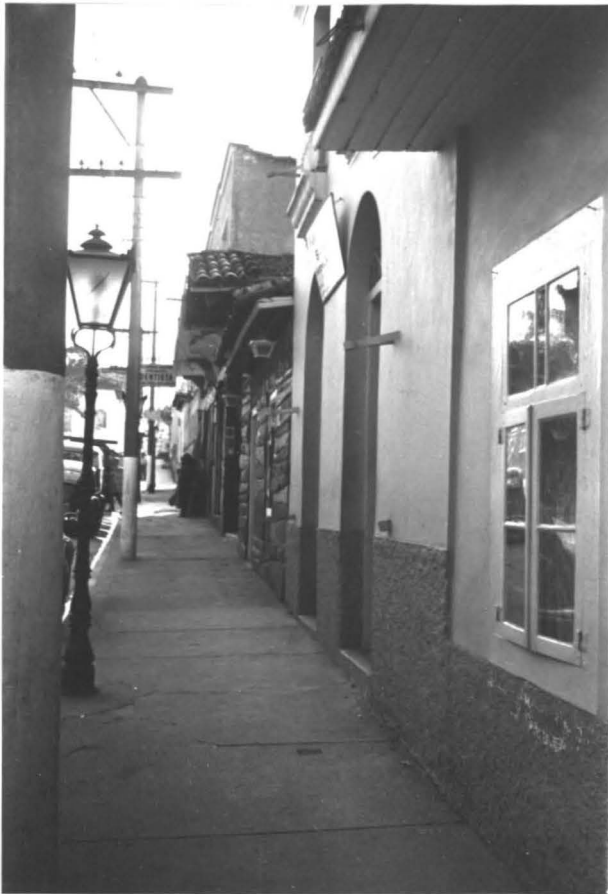


Foto 12. Aspecto da área central, destacando-se o restaurante "Patação", em estilo colonial, à Praça 21 de Abril. O terreno não ocupado serve de estacionamento, para turistas.



Fotos 13, 14 e 15.
A feira "hippie",
realizada aos do -
mingos no Largo da
Matriz, constitui
fator de grande mo -
vimentação no nú -
cleo.



Foto 16. A atividade artística desenvolvida no núcleo torna comum a presença de "ateliers", sobretudo na parte central. Na foto, o "Barraço do Pascoal".



Foto 18. A "Casa Branca do Embu" é fator de atração e curiosidade dos que visitam o núcleo.



Foto 17. O núcleo de Embu é marcado pela presença de inúmeras setas, indicando locais ligados à função turística. (Vide também a foto 4).

Foto 19. A "Caba-
na do Gama" é um
dos principais "a
teliers" localiza-
dos fora do núcleo
(Km 22 da BR-116).

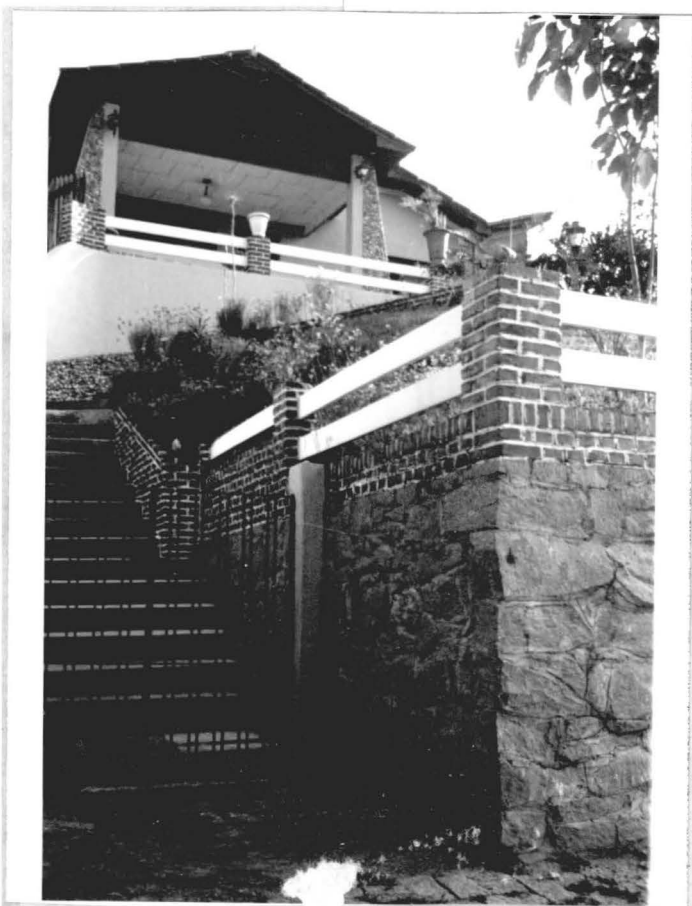


Foto 20. Um dos ra-
ros exemplos de re-
sidências finas, já
que predominam ca-
sas de tipo popular.



4. A EVOLUÇÃO E OS PROCESSOS RECENTES DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Caracterizado o quadro atual, resta a análise dos processos que o definiram. Remontar-se-á às origens e às sucessivas fases porque passou a área e que permitiram, condicionaram ou conduziram à organização espacial que hoje caracteriza a porção em estudo.

Origem

De fundação antiga, a origem de Embu está estreitamente ligada aos fatores que interessaram o início do povoamento e colonização do planalto paulistano. Com efeito, dois elementos marcaram o início do povoamento: o europeu colonizador voltado para a exploração econômica da área e o jesuíta, preocupado, sobretudo, com a catequese do elemento indígena.

Essas duas forças, em geral contraditórias, marcaram profundamente o início da colonização, orientando e definindo os primeiros núcleos da Província de São Paulo.

É como reflexo desse jogo de forças que surge Embu, aldeamento indígena, fruto da doação das terras

de Fernão Dias e sua mulher Catarina Camache aos jesuitas do Colégio de São Paulo, no primeiro quartel do século XVII (13)

Definido oficialmente a partir de então, cabe lembrar todavia, a hipótese levantada por Jordão, aventando a possibilidade da transferência dos indígenas do antigo aldeamento de Maniçoba (primeira tentativa frustrada de aldeamento indígena no sertão, seguindo a trilha do Peabiru), para o aldeamento de Bohi, ficando assim mais próximo do núcleo do Colégio e ainda, à margem de Peabiru. (14)

Tal hipótese é também comentada por Petrone (15), afirmando o autor que, de qualquer maneira, a definição completa do aldeamento só se dá com a doação das terras aos jesuitas.

Embu e o "cinturão dos aldeamentos"

O aldeamento de Embu, entretanto, não constituía um fato isolado, a ele se somavam vários outros, dispostos nas imediações do principal reduto jesuítico: o Colégio de São Paulo nos Campos de Piratininga. Tais aldeamentos resultaram da iniciativa oficial da Colonia - as Aldeias de Padroado Real (Barueri e Pinheiros, por exemplo) ou de Fazendas Jesuitas em terras em geral doadas por colonizadores europeus. Pertenciam a este caso, além do pré-

(13) Documentos Interessantes para a História e os Costumes de São Paulo - volume 44, São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, 1915, p. 368

(14) JORDÃO, M.F. - O Embu na História de São Paulo, Prefeitura Municipal, 1960, p. 28

(15) PETRONE, P. - op.cit., pg. 73, 96.

do próprio aldeamento de Embu, os de Carapicuíba, Itaquaque, Cetuba, São José e Itapeçerica.

Em ambos os casos, esses aldeamentos tinham por objetivo sustar a intensa mobilidade que caracterizava o elemento indígena, já que ele deveria constituir-se, como de fato o foi, importante reserva de mão-de-obra para o elemento colonizador, sobretudo nas aldeias de Padroado Real, quando da presença de jesuita, e na totalidade dos aldeamentos, após sua expulsão em 1759.

Os aldeamentos conheceram fases diferentes que refletiram a dualidade de administração a que estavam sujeitos. Enquanto os aldeamentos dirigidos pelos jesuítas conheciam apreciável estabilidade ou franco desenvolvimento, os sujeitos ao controle da Câmara sofriam sucessivas sangrias em seus contingentes, principalmente a partir de 1640, quando mesmo o poder espiritual foi retirado aos jesuítas.

Petrone assim se refere ao fato: "as fazendas jesuíticas caracterizavam-se antes de mais nada, pela estabilidade de sua vida. Alguns criados ainda nesta fase (seiscentista), a exemplo de Carapicuíba e Embu, mantiveram-se como é natural em condições bem próximas da que desfrutavam anteriormente, dentro dos quadros das propriedades a que pertenceram, (...) As Aldeias do Padroado Real / foram vítimas de inúmeras atribulações. (...) Com a expulsão dos jesuitas em 1640, estas aldeias distinguiram-se definitivamente dos demais núcleos (...) A decorrência inevitável foi que, continuamente sangrados em seus efetivos demográficos, os aldeamentos, com exceção das fazendas jesuítas, conheceram uma tendência para o exaurimento" (16)

(16) PETRONE, P. - op.cit. pg.123/124.

E quais seriam as condições existentes no quadro da propriedade que deu origem ao aldeamento de Embu? O que se pode perceber através da escritura da doação, é que já contava o núcleo com apreciável contingente indígena descido do sertão e por outras formas e que aí habitavam na condição de administrados, como também, com uma Igreja Virgem do Rosário e recursos materiais para sua conservação(17).

Assim é que o aldeamento de Embu, contando já com tais alicerces, conheceu uma fase de franco desenvolvimento que foi desde a sua criação até a expulsão dos jesuitas em meados do século XVIII, excessão feita ao breve período da expulsão destes jesuitas pelos paulistas em 1640, período esse em que o aldeamento sofreu uma fase de crise.

Arroyo registra esse desenvolvimento, afirmando quando se refere a Embu: "a aldeia se desenvolvia a olhos vistos e graças à sua organização pode-se sobressair das demais em meados do século XVIII. Produzia algodão em escala não desprezível, fiado em seguida e tecido pelas índias, havendo notícias de exportação para o Rio de Janeiro e Bahia em 1757."(18) Tal fato está também registrado no volume 44 dos Documentos Interessantes para a História e os Costumes de São Paulo (19).

Caracterizava-se o espaço pela presença da igreja e residência dos religiosos, e residência dos indí

(17) Documentos Interessantes - op.cit., pg.368,370

(18) ARROYO, Leonardo - Igrejas de São Paulo Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1954, p.137

(19) Documentos Interessantes - op.cit., pg.371

genas, dispostos estes elementos em volta do pátio quase fechado, constituindo o núcleo de convergência e moradia de boa parte do contingente indígena.

Quanto à localização, esse núcleo sofreu um deslocamento de sítio, conforme registra o Padre Manuel da Fonseca na sua obra sobre a vida do Padre Belchior de Pontes: "Estava esta Aldêa formada em huma ladeyra pouco alcançtilada, mas com pouca vista; porque os montes, de que estava cercada, lhe impediaõ, ainda que os pinheiros, que lhe formavãõ huma como muralha, a fizessem vistosa a quem nella entrava. Deste lugar mudou para outro pouco distante, no qual ainda que havia a mesma inconveniência da vista pela vizinhança dos montes, ficava contudo assentada em hum plano cercado de ribeira, as quaes, ainda que não eraõ abundantes de grandes peixes, com tudo produziaõ miudos em tal quantidade, que podiam ajudar muito a sustentação dos indios". (20)

No novo sítio foram construídas a igreja e residência, datando aquela de fins do seiscentismo e esta de meados do século XVIII (21) e que subsistem até os tempos atuais.

As referências supra-citadas dão assim um depoimento do grau de desenvolvimento e da estabilidade que se verificava na área em estudo:

Tal estabilidade, entretanto, foi violentamente abalada com a expulsão dos seus administradores e consequente confisco dos seus bens.

(20) FONSECA, R.M. da - Vida Venerável do Pe. Belchior de Pontes, São Paulo, Cia. Melhoramentos 1941 (Reedição de 1752), p.142

(21) ARROYO, L. - op.cit., p.135,138.

Submetidos à administração da Colônia, as antigas fazendas jesuítas - e entre elas, Embu - passaram a sofrer os mesmos problemas que, de resto, já afligiam os demais aldeamentos paulistas. Não mais sujeitos à rigorosa vigilância jesuítica e, o que parece mais grave, à mercê completa dos interesses da Colônia, ou seja, o de fazer desse contingente uma reserva de mão-de-obra, que era deslocada de acordo com as necessidades surgidas em função dos interesses oficiais ou mesmo particulares, a consequência inevitável foi a decadência das atividades desempenhadas nessas áreas, face à acentuada dispersão que aí se processou, e à constante sangria de seus contingentes demográficos.

Petrone se refere a este aspecto com bastante detalhe, portanto, será feita apenas a relação dos casos em que o aldeamento em pauta forneceu indígenas a esses empreendimentos: na reparação da ponte de Pinheiros; em reparos e conservação de logradouros paulistanos; como meio de transporte de gêneros para o mar ou conduzindo carga para o porto de Arariguatuba e remando para o Iguatemi para os serviços de socorro e esta localidade. Ressalte-se ainda a participação dos indígenas de Embu para o Cubatão; em atividades agrícolas, a exemplo dos que foram requisitados para trabalhar na fazenda do Capitão-mor Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, ou mesmo, os de menos idade, como valetes indígenas (22).

A simples enumeração destes fatos dá uma idéia da mobilidade que conheceu a população do aldeamento,

(22) PETRONE, P.- Op.cit. p.151/153.

sobretudo a população masculina em idade adulta.

Os dados existentes sobre o seu efetivo demográfico retratam bem a decadência por que passou o aldeamento de Embu. Uma primeira referência que se tem a respeito, data de 1689, em que o Padre Diogo de Machado dando conta das Aldeias dos jesuitas de São Paulo, mas enunciando apenas os oragos, cita a de Nossa Senhora do Rosário(Embu) e a Nossa Senhora dos Prazeres(Itapecerica), ambas com mais de 900 almas.

Levando-se em conta que o aldeamento de Itapecerica era menos significativo do que o de Embu, supõe-se que a população deste aldeamento não fosse na época inferior a meio milhar.(23).

Trinta e três anos depois esta população era de 354 habitantes, além de outros 21 que haviam fugido.(24)

Em 1757, Arroyo registra para a área um total de 261 habitantes. Em menos de um decênio (1766), o total de presentes havia caído para 242 e o número de pessoas ausentes atinge a cifra de 24.

Em fins do século XVIII e início do seguinte (1798 e 1802), conforme o Boletim do Arquivo do Estado de São Paulo , a população do aldeamento de Embu atingia respectivamente 233 e 261 habitantes.

(23) Cf. Serafim Leite, citado por PETRONE, op.cit.,p.178

(24) Cf. Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, vol. 5, citado por PETRONE, op.cit., p.178

(25) Cf. Documentos Interessantes, vol. 73. citado por PETRONE, op.cit.,p.179.

A apresentação destes dados evidencia assim que num período de um século e meio, a população do núcleo sofreu uma paulatina perda de seu efetivo, decréscimo esse sensível a partir da segunda metade do século XVIII, refletindo a decadência pela qual passou o então aldeamento de Embu.

O processo que se verificou neste aldeamento foi comum à totalidade deles, acarretando a tomada de medidas governamentais em fins do século XVIII, através da nomeação de Rendon como Diretor Geral do Índios, com a incumbência de visitar todos estes núcleos. Destas visitas, conforme relata Petrone, resultou a elaboração de um plano que visava a miscigenação e a transformação das aldeias em freguesias (26).

Com a aplicação deste plano, o antigo aldeamento de Embu se transformou em Freguesia no início do século XIX.

Embu e o "cinturão caipira"

Tal condição, entretanto, não foi mantida por muito tempo, pois, como assinala Azevedo Marques, por decreto de 21 de março de 1832, o núcleo foi exautorado do "status" de freguesia, sendo porém restabelecido por lei provincial de 20 de fevereiro de 1841; de novo exautorado, outra vez restabelecido por lei provincial de 19 de julho de 1869, pela terceira vez exautorado por lei de 10 de março de 1870 (27), foi novamente restabelecido por lei provin

(26) PETRONE, P. - op.cit.p.134

(27) MARQUES, M.E.de Azevedo - Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo-Tomo II, SPaulo Livraria Martins, ed.1953,p.111

cial de 21 de abril de 1880, conforme registra o Relatório da Comissão Central de Estatística de 1888, à página 380.

As contínuas exautorações e restabelecimentos verificadas, refletem bem a condição de instabilidade que caracterizou a área, denotando que a transformação por que passou o antigo aldeamento pouco veio modificar a situação de decadência e dispersão que se iniciara já no século XVIII e, como lembra Petrone, o vai-e-vem de Embu não é um caso à parte e sim, um dado representativo da situação dos antigos aldeamentos do século passado (28)

Realmente, ao que parece, esta fase se caracterizou por uma acentuada dispersão da população antes congregada no aldeamento e proximidades, passando este / contingente a habitar áreas cada vez mais distantes do núcleo original:

Tal fato, se por um lado decorreu da aplicação do Plano Rondon, por outro, pareceu resultar também do esgotamento dos solos que, por mais de dois séculos, submetidos ao cultivo de roças em sistema itinerante, apresentavam-se sem possibilidades de um rendimento agrícola satisfatório.

E, durante todo o século XIX, os arredores paulistanos caracterizaram-se por uma população tipicamente caipira, que se não de todo étnica, pelo menos culturalmente, relacionava-se estreitamente com o antigo "cinturão de aldeamentos". (29)

(28) PETRONE, P. - Op.cit., p.273

(29) Idem, p.293

Este "cinturão caipira" "se caracterizava pela cultura de subsistência e pela produção agrícola extrativa(lenha, madeira, pedras de cantaria e produtos cerâmicos) e arteganal (objetos de barro destinados ao abastecimento de São Paulo.(...) Este cinturão, ao contrário do cinturão das chácaras, não é inteiramente organizado em função de São Paulo, dada a importante presença da cultura de subsistência e de extensas áreas incultas, e do relativo papel polarizador exercido por algumas vilas aí situadas"(30).

Parte integrante dessa porção dos arredores paulistanos, o antigo aldeamento de Embu conheceu os mesmos processos que caracterizaram a área como um todo.

Assim é que na fase que se seguiu à condição de aldeamento, Embu continuou nitidamente decadente, com a particularidade de apresentar uma maior homogeneidade étnica. É significativa a observação que se segue:"em 1829 informava-se que a aldeia de Mboy de que sou juiz de Paz não há pessoa alguma que possa votar ou ser votado, pois não estão na forma da mesma lei; sendo os indivíduos índios e que não tem rendimento algum".(31)

Percebe-se que decorrido um quartel de século a área continuou com um contingente predominantemente indígena, embora este não desempenhasse atividades economicamente produtivas.

(30) LANGENBUCH, J.R. - A estruturação da Grande São Paulo, Rio de Janeiro, IBGE-IBG, 1961, p.76.

(31) Registro Geral da Câmara de São Paulo, volume XX, citado por ARROYO, op.cit., p.141.

Esta predominância é corroborada pelos dados do Ensaio de um Quadro Estatístico da Província de São Paulo de Daniel Pedro Muller, referente ao ano de 1836, em que, dos 702 indígenas habitantes dos oito antigos aldeamentos, 381 (54,27%) eram moradores da então Capella Curada de M'Boy, que contava na época com 424 habitantes.

Tal contingente representa um aumento significativo em relação a 1802 (261 habitantes), o que é de estranhar em se tratando de uma área decadente como esta.

É também Petrone quem procura dar uma interpretação ao fato - "essa diferença não deve ser atribuída ao crescimento vegetativo da população, mas segundo tudo parece indicar, a uma transferência de indígenas de Itapecerica para Embu.(...) De resto, é bem possível que o total de indígenas de Embu em 1836, apesar da remoção dos de Itapecerica, não representasse um verdadeiro aumento em relação ao início do século, pois que não é de excluir a hipótese de que deveriam compreender também os de Carapicuíba"(32)

De qualquer maneira, o que não parece haver dúvida é quanto à dispersão que aí se verificou, resultando na transformação do indígena em caipira.

No Almanaque de Luneé e Fonseca, datado de 1873 existe a seguinte referência ao Aldeamento de M'Boy: "Pela Cutia, Santo Amaro e Itapecerica se tem dispersado a população indígena deste aldeamento, que conta actualmente apenas 75 mestiços." (33)

(32) PETRONE, P. - op.cit., p.284

(33) LANGENBUCH, J.R.-op.cit., p.60.

É grande a defasagem de população indígena entre os dois dados apresentados, num período inferior a quarenta anos. Mesmo assim, não parece ter sido desprezível o número de caipiras que aí se fixaram, visto que o Relatório da Comissão Central de Estatística registra para a Paróquia de M'Boy no ano de 1886 um total de 750 habitantes (1888,p.10), embora consideradas as restrições que se faz quanto à comparação dos dados, pois não se sabe até que ponto os limites territoriais coincidem nas diferentes épocas.

Quanto à função desempenhada pelo antigo aldeamento, parece ser das mais modestas, a população dedicando-se à cultura de subsistência e só comercializando algum excedente, através dos parcos caminhos existentes.

A área em foco, como de resto a maior parte dos arredores paulistanos, desconhece a introdução de culturas comerciais rentáveis, que tanto marcaram outras porções do território paulista (cultura canavieira e cafeicultura) durante o século XIX e isto devido, entre outros, aos fatores mencionados por Petrone: "antiguidade do povoamento com uma utilização do espaço fundamentada em sistemas e técnicas que levaram ao depauperamento dos solos; as condições peculiares à área, com características climáticas particulares e solos naturalmente pobres, somados aos fatos relativos ao cinturão de terras dos aldeamentos"(34)

A criação de núcleo colonial, instalado em outras porções com sucesso e para aí sugerida pelo relatório da Comissão Central de Estatística, "foi tentada, no século XX, e fracassou por falta de comunicações"(35), em na

(34) PETRONE, P. - op.cit.,p.231

(35) COSTA, E.Viotti - Embu, pequena relíquia do passado "in" A Cidade de São Paulo, vol.IV, cap.3.*S.Paulo.Cia Editora Nacional,1958,p.144.

da alterando assim a condição da área de povoação caipira.

Um fato, entretanto, veio intensificar a utilização do espaço na porção ora em estudo: o admirável crescimento conhecido por São Paulo no último quartel do século XIX.

"Profundas transformações iriam afetar o o Q^o "cinturão caipira", que passa a ser cada vez mais organizado pela cidade, em função da cidade(...) O fator de arranjo espacial da nova organização - a ferrovia "(36), em pouco ou nada viria influenciar na organização espacial de Embu. E ainda Langenbuch quem lembra, que este aglomerado e o de Itapeçerica "devem ter sofrido menos com a introdução do transporte ferroviário que Cotia, Parnaíba, Juqueri, São Miguel, Itaquaquecetuba e São Bernardo. Isto por dois motivos. De um lado por não se situarem no trajeto de antigas estradas "ordinárias" extra-regionais. De outro, por estarem bastante longe da ferrovia mais próxima, não teriam seu modesto papel de núcleo polarizador suplantado por alguma estação ferroviária" (37).

Não é menos verdade, entretanto, que outras áreas dos arredores paulistanos foram sensivelmente valorizadas, em detrimento destas que, contrariamente, foram marginalizadas pela ferrovia.

Ressalvado este aspecto, veja-se como a população da modesta povoação caipira foi atingida pelo crescimento de São Paulo. Ao que parece, isto se deu através da agricultura, anteriormente sobretudo de subsistência, que passa a adquirir um caráter mais comercial visando o abaste

(36) Langenbuch, J.R. - op.cit.pg.97/98

(37) Idem, p.122

cimento de São Paulo, como também através da intensificação da prática de um extrativismo vegetal, com as mesmas finalidades.

Uma referência ao fato, data de 1876, em que Ázevedo Marques, ao se referir a Embu(MBoy), assim se reporta: "os seus moradores ocupam-se ao cultivo de cereais, com que abastecem a cidade"(38) indicando assim um primeiro indício de uma atividade comercial.

O Almanaque Thorman de 1896, citado por Langenbuch. à página 119, registra a existência de "doze fábricas de farinha de mandioca movidas a água", que embora de proprietários com nomes portugueses, refletem atividades comerciais de cunho caipira.

Uma outra referência se encontra na Memória Descritiva publicada em 1908 pela "Empresa de Colonização Sul Paulista" e subscrita por Henrique Bucolini. Assim registra o documento: "as terras do território de M'Boy são aráveis e fertilíssimas, produzindo: canna, arroz, milho, feijão e fructas em abundância; - sua especial produção é de cebolas, alhos e batatinhas". Relata ainda a realização de experiências na plantação de trigo, a plantação de vinha, a indústria da Avicultura e "de diversas fábricas de aguardente, uma bem montada serraria a vapor, diversos engenhos para fábrica de farinha e uma próspera e acreditada fábrica de vellas de cêra que abastece diversas das principais Igrejas da Capital"... "Além disso a indústria extractiva é representada pela fabricação de carvão e em grande escala, casca para uso de cortume e lenha"... "Todos estes productos são transportados para o mercado da

(38) MARQUES, M.E. de A. - op.cit., p.111

Capital pelo meio insuficiente do carro de boi. Na estação chuvosa o trânsito para São Paulo fica paralizado, por causa do péssimo estado dos caminhos" (39)

Como se pode observar, embora se tenha que levar em conta a oportuna restrição que faz Langenbuch quanto aos aspectos quantitativos e qualitativos dos dados apresentados na "Memória" (Langenbuch, 1971, p.122), as referências supra-citadas revelam um certo grau de desenvolvimento comercial baseado essencialmente em atividades de cunho rural (extrativismo, agricultura e agro-industrial) e o que é particularmente significativo, com o objetivo precípua de abastecimento da capital, refletindo assim a nova fase de arranjo especial definida por Langenbuch para o "cinturão caipira".

Cumprе salientar, entretanto, que em nenhuma das citações se percebe uma alusão a atividade de cunho urbano, levando-se a acreditar que o núcleo do antigo aldeamento entru no século atual sem desempenhar qualquer função de maior destaque. E, ao que parece, essa modéstia marcaria ainda por muito tempo o pequeno povoado de Embu, já que a área que lhe era contígua organizava em função do mercado paulistano, embora com uma participação igualmente modesta, dada as próprias características da população caipira.

O início da metropolização paulistana, compreendido, segundo Langenbuch, pelo período que vai de de 1915 a 1940 e que tantas transformações acarretou nos arredores da capital, através da suburbanização crescente destas áreas, sobretudo pelo extravasamento da função residenu (39) citado por JORDÃO, M.F. - op.cit., p.148/149.

cial e industrial e, particularmente, pela intensificação da especulação imobiliária, em quase nada viria afetar a porção sudoeste em que se insere Embu, já que ela ficara marginalizada dos grandes eixos de desenvolvimento suburbano - as ferrovias, constituindo a circulação rodoviária, segundo o autor supra-citado, um meio de transporte supletivo e complementar.(40)

Embu e o "cinturão verde"

A área em estudo, embora não atingida pela suburbanização decorrente do processo de metropolização, conheceu uma mudança sensível no meio rural, quando da introdução do elemento japonês em 1934, já na época, presente em outras áreas dos arredores, a exemplo de Cotia, Arujá, Itaquera, Suzano e Mogi das Cruzes.(41)

A presença do imigrante japonês, como se sabe, foi um fator de grande desenvolvimento das atividades horti-fruti-grangeiras, enriquecendo sobremaneira a contribuição que alemães e italianos dos núcleos de colonização haviam iniciado.

A participação do japonês, em Embu, embora significativa, se deu em menor intensidade do que em outras áreas (Mogi das Cruzes e Suzano, por exemplo), dando

(40) LANGENBUCH, J.R. - op.cit., p.154

(41) Idem, p.166

margem assim a que subsistissem antigas formas de ocupação do solo.

Instalado o núcleo em 1934, contava 4 anos depois com 19 sócios na Cooperativa Agrícola de Cotia (Suzano e Mogi das Cruzes apresentavam para o mesmo período 117 e 77 sócios, respectivamente, conforme Antoz., citado por Seabra à p.192), sendo em 1942 fundado o Grupo de Transporte Coletivo GTC da mesma cooperativa.

Em menos de 20 anos (1956), o total de sócios se eleva para 49, dos quais 36 são de nacionalidade japonesa (Jordão, 1960, p.195), denotando assim um aumento até certo ponto significativo.

Ocorre, entretanto, que mais do que antes, a atividade agrícola passa a ser totalmente voltada para o a bastecimento da ~~op~~capital, definindo-se, na expressão de Saito, uma agricultura de cunho "suburbana", praticada essencialmente pelo japonês, já que o caipira, como lembra Langenbuch "continuou em sua maioria a praticar as culturas as quais estava de há muito habituado"(42)

Manoel Seabra, ao estudar Vargem Grande (segundo o autor, nitidamente situada no "cinturão ^{caipira} verde" descrito por Petrone), retrata de maneira clara e concisa, o processo de transformação de uso do solo iniciado pelo elemento nipônico: "Na área de Cotia, e especificamente Vargem Grande também, o aparecimento das atividades agrícolas fundamentalmente comerciais coincide com a penetração na mesma dos imigrantes japoneses já a partir da segunda década do século atual, inicialmente com a bataticultura, em seguida com a tomaticultura, com a avicultura e culturas mais

(42) LANGENBUCH, J.R. - op.cit., p.165

diversificadas de hortaliças, legumes e frutas, conjunto de atividades a que podemos denominar, com uma certa imprecisão, horti-fruti-grangeiras. Atividades estas que, muito mais evoluídas tecnicamente que as que caracterizavam o sistema de cultivo dominante no "cinturão caipira", a "roça", acabaram provocando no decorrer do processo em Vargem Grande e, de um modo geral, em todos os arredores da capital, um afastamento quase completo do "caipira", ou melhor, de seus descendentes, da direção dos estabelecimentos agrícolas efetivamente produtivos" (43)

Como é fácil perceber, o caipira não tinha condições, num contexto destas proporções, de disputar a ocupação do solo e conseqüentemente de marcar a paisagem da qual fora elemento caracterizador por mais de um século.

Assim é que, Monbeig referindo-se ao abastecimento de São Paulo registra as transformações realizadas nos arredores - e dentre eles Embu - "em grande parte graças aos imigrantes portugueses e japoneses" (44) Como se vê, o caipira parece ter sido definitivamente excluído de seu papel.

Se o crescimento de São Paulo propiciou mudanças significativas no meio rural, isto não parece ter-se verificado em relação ao pequeno povoado de Embu.

São pouco alentadoras as referências existentes na época sobre esta povoação:

"num raio de dezenas e dezenas de quilômetros, é um quase deserto que se estende em volta da cidade (São Paulo), deserto pontilhado apenas por pequenas vilas e miseráveis po

(43) SEABRA, M. - Vargem Grande: Organização e Transformação de um Setor do cinturão verde paulistano, IG, Série Teses e Monografias nº 4, IG da USP, 1971, p.8

(44) MOMBEIG, G.P. - O estudo geográfico das cidades "in" Revista do Arquivo Municipal, ano VII, volume LXXIII, São Paulo, Janeiro de 1941, pg.32

voados que são Guarulhos, São Miguel, Barueri, Cotia, M'Boy, Itapecerica, etc..."(45) E ainda:

"várias das mais velhas aglomerações do Estado de São Paulo, derivam de primitivas aldeias em torno de capelas missionárias, Itanhaém na costa, Itapecerica, São Miguel, M'Boi, Parnaíba, no interior. Mas estas aglomerações estão em geral decadência, as igrejas caem em ruínas, as casas leprasas de taipa abrigam menos uma população de cultivadores do que gente miserável, carvoeiros, operários, pescadores, levando uma vida mais ou menos parasitária"(46)

É notória a pequenez e insignificância do aglomerado na década de quarenta, caracterizada, segundo os autores retrocitados, como decadente e miserável. É interessante notar que a maioria das povoações enumeradas constituem núcleos de antigos aldeamentos e, portanto, sujeitos aos inúmeros reveses que atingiram estas porções.

E que fatores teriam influenciado nesta acentuada, se não decadência, mas pelo menos estagnação que o núcleo conheceu? Ao que parece, as causas são de duas ordens. Por um lado, a marginalização com relação à ferrovia, não dando lugar ao aparecimento do "subúrbio-estação" de acentuada projeção na época. Por outro lado, o fato das atividades agrícolas se voltarem essencialmente para o mercado paulistano, favorecia a que as populações rurais mantivessem contacto periódicos com a capital, tornando assim ainda mais modesto o seu papel polarizador.

(45) PRADO JR, C. - Nova contribuição para o estudo geográfico da Cidade de São Paulo "in" Estudos Brasileiros, ano III, vol.7, Rio de Janeiro, 1941, p.196.

(46) DEFFONTAINES, P. - Como se constituiu no Brasil a rede de cidades "in" Boletim Geográfico, Ano II, nº 14, Rio de Janeiro, maio de 1944, p.42

Uma vista d'olhos em seu efetivo demográfico, retrata bem a realidade da área. Embu não é mais aquela área de evasão de população, que tanto marcou o declínio de sua condição de aldeamento. Se não conheceu o extraordinário desenvolvimento dos subúrbios ferroviários, pelo menos o seu contingente é acrescido de modo relativamente significativo.

Em 1929 contava o distrito de Embu com 1127 habitantes, total que quase duplicou 20 anos depois, já / que este crescimento (1920/40) foi da ordem de 99,82%. E, quando se diz que um crescimento desta ordem não foi extraordinário, é porque nos subúrbios ferroviários ele atingiu percentuais superiores a 200%, a exemplo de Barueri (292,0%) e Poá(284,0%) ou mesmo índices excepcionais como Santo André(e São Caetano), da ordem de 450,0% todos relativos / ao período 1920/40.

Entretanto, apenas 298 dos 2252 moradores / de Embu em 1940, isto é, 13,23%, residiam nos limites ditos urbano e suburbano do aglomerado, refletindo a modéstia da povoação enfocada. Nas demais localidades supra-citadas, também à título de comparação, em 1940 o percentual de habitantes residindo nos limites urbanos e suburbanos era da ordem de 25,5%, 70,4% e 94,5% do total do município, respectivamente pra pra Barueri, Poá e Santo André.

Na década de 1940/50, período a partir do qual segundo Langenbuch, se processou a metropolização recente, que, como se viu, ainda não atingira a porção ora em estudo, o crescimento demográfico de Embu foi de apenas 52,22%, com maior índice de crescimento recaindo para o quadro rural (59,0%), onde novos arranjos espaciais se processavam desde os últimos 20 anos.

O quadro dito urbano continua pouco expressivo, congregando apenas 421 pessoas, ou seja, 10,45% da população total da área.

As olarias e portos de areia

Cabe, ainda, uma pequena nota sobre as olarias e portos de areia localizadas no meio rural, que apesar de normalmente classificadas como indústrias, não foram arroladas neste trabalho, quando da análise da função industrial.

Constituem as olarias e portos de areias uma forma de ocupação do espaço que reflete a proximidade da metrópole, a exemplo de outras atividades já enfocadas.

A presença de olarias no conjunto do município é um fato marcante, resultando do aproveitamento das argilas acumuladas nas várzeas para a fabricação de tijolos.

Conforme dados fornecidos pela Prefeitura do Município existiam em 1971, 51 olarias assim distribuídas:

Localização no Município	Nº de olarias
Embu-Mirim	16
Capuava	9
Pirajussara	5
Ressaca	4
Pinheirinho	4
Estrada do D.A.E.	3
Sem especificação	10

TABELA XXI

Embu- Olarias existentes no município
Em 1971

Localização no Município	Nº de olarias
Embu-Mirim	16
Capuava	9
Pirajussara	5
Ressaca	4
Pinheirinho	4
Estrada do D.A.E.	3
Sem especificação	10
Total	51

Fonte: Prefeitura Municipal de Embu, 1971.

Estes dados revelam a maior concentração de olarias a jusante do principal rio da área, o Embu-Mirim, e as demais espalhadas pelas diversas localidades do município.

Em entrevista realizada em algumas destas olarias, constatou-se que esta atividade apresenta uma certa instabilidade de pessoal ocupado, quer seja dos oleiros contratados, como do dono ou arrendatário(a maioria) que preside as atividades.

A insegurança e os baixos salários sujeitos à possibilidade ou não de produzir (o pagamento é feito de acordo com a produção e quando chove os trabalhos ficam paralizados), parecem ser um dos principais fatores de instabilidade desta mão-de-obra.

Nestas entrevistas, foi unânime a revelação de que toda a produção se destina à capital, sendo que os fornecedores de tijolos apanham o produto na própria olaria, salvo em um caso, que o proprietário possuía caminhão destinado a este fim.

Como se percebe constituem as olarias forma de atividade voltada essencialmente para a indústria de construção da metrópole.

Não menos destinados a este fim são os 7 portos de areia existentes no município. Localizados principalmente à montante do Embu-Mirim, aproveitando a areia e pedregulhos acumulados nas poucas planícies alveolares da área, aí se instalaram os portos de extração de areia / com suas dragas, tratores e carregadeiras, alterando totalmente a topografia da área, face às inúmeras escavações.

A atividade se iniciou a partir de 1955 e se intensificou no último decênio, com a abertura de outros seis portos. A mão-de-obra ocupada varia com a dimensão do porto, tendo sido constatada a existência desde 5 até 25 pessoas ocupadas em cada unidade. Percebe-se uma maior estabilidade dessa mão-de-obra (a forma de pagamento é por semana), embora a grande maioria, a exemplo do caso / das olarias, resida no próprio local de trabalho.

Como já se salientou toda a produção se destina aos construtores e fornecedores de materiais de construção da capital, sendo boa parte apanhada no próprio porto.

No estabelecimento mais importante, a produção se destina também à Itapeverica da Serra e Cotia, e em todos eles, os bairros mais atingidos da capital são: Caxinguí, Vila Sonia, Ferreira e Pinheiros, portanto, seguindo o traçado da BR-116.

Embu e o "cinturão de especulação imobiliária"

A década de cinquenta, marca o surgimento de um novo fenômeno de organização do espaço em estudo - a abertura de loteamentos residenciais, processo este já por demais intenso em outras porções dos arredores paulistanos

Inicialmente a abertura destes loteamentos, como já foi lembrado em outra parte deste trabalho, se deu em torno do núcleo e ao longo da então rodovia estadual São Paulo-Itapeverica (atualmente trecho da BR-116).

Assim é que, no período que vai de 1954 a 1959, foram aprovados os loteamentos de Vila Cercado Grande, Vila Carmen, Jardim Embuema e Jardim Arabutan, todos na porção contígua ao núcleo e que definiram o eixo de sua expansão, sobretudo os três primeiros e, em menor escala o Jardim Arabutan, já que até o momento só conheceu ocupação no trecho imediatamente contíguo ao núcleo, estando inclusive o loteamento aprovado em boa parte sem abertura efetiva.

Dois outros loteamentos aprovados neste período, o Jardim Novo Embu e o Jardim Magali, que se localizavam nas proximidades do núcleo, não apresentaram de início qualquer atração e somente, a partir do último decênio é que o Jardim Novo Embu conheceu uma ocupação efetiva, enquanto que o Jardim Magali não parece ter passado de pura especulação, visto que até o momento apresenta uma fraca ocupação, não contando sequer com serviços de energia elétrica, pública ou domiciliar.

É ainda na década de 50 que são abertos os loteamentos Jardim Pinheirinho e Vista Alegre (1954 e 1958,

respectivamente), o primeiro no início da variante que leva à Itapecerica na altura do quilômetro 28 da atual BR-116 e o segundo no trecho compreendido entre os quilômetros 22 e 23 da mesma rodovia. Estes loteamentos contam atualmente com uma ocupação significativa, estando boa parte de seus traçados abertos, embora se perceba uma parcela de seus lotes que ainda não foram efetivamente ocupados.

O crescimento demográfico que se verificou no período intercensitário de 1950/60, fornece uma indicação da intensidade de ocupação que parece ter-se processado nos loteamentos desta fase inicial.

Os dados que estão arrolados na tabela II, no início do trabalho, revelam que o maior crescimento demográfico de Embu ocorreu em sua área urbana, indicando uma sensível mudança em relação ao decênio anterior, em que o maior índice recaiu no quadro rural. Com um crescimento urbano da ordem de 169,12%, se supõe que este contingente passaria a ocupar parte das áreas loteadas, sobretudo se se considerar os limites do aglomerado na década de quarenta, em comparação com os da década seguinte.

Como se pode observar, a porção do núcleo que sofreu expansão por contiguidade natural ou espontânea é praticamente a mesma da atual, conforme foi lembrado, a ela se seguindo os loteamentos.

Mas a ocupação efetiva destes loteamentos de cunho urbano, parece ter-se verificado, sobretudo, na década de 60. E se assim se afirma é porque, para um crescimento populacional urbano da ordem de 283,05% nesta década, o núcleo conheceu a abertura de apenas quatro loteamentos, estando efetivamente ocupados, tão somente os Jardins Sadie e Maranhão, o Jardim Sílvia ocupado parcialmente e o

Jardim Leão tentando iniciar uma ocupação (ainda em fase de terraplanagem), porém apenas numa primeira gleba.

Este crescimento demográfico, conforme já foi referido anteriormente, decorre principalmente de movimentos migratórios para a metrópole, refletindo o início da suburbanização nesta porção dos arredores paulistanos.

As tabelas que se seguem refletem a relação existente entre a chegada de contingentes externos, a abertura de loteamentos e consequente intensificação de edificações em sua área urbana.

TABELA XXII

Embu - Chefes de família por tempo de instalação no núcleo

Tempo de instalação	% sobre o total de chefes alóctones
+ de 20 anos	10,63
10 a 20 anos	20,74
- de 10 anos	66,48
sem inform.	2,15
Total	100,00

TABELA XXIII

Embu - Tempo de construção das Residências

Tempo de construção	% sobre o total de residências
+ de 20 anos	8,35
10 a 20 anos	23,60
- de 10 anos	68,05
Total	100,00

Fonte: Tabelas XXII e XXIII: questionário

Como é fácil perceber, pelas tabelas apresentadas, o maior índice, tanto de edificações quanto de chegada de contingentes externos, se observa na década de sessenta e, como neste período a abertura de loteamentos não foi das mais intensas, parece mais provável que boa parcela dos loteamentos abertos no decênio anterior tenha conhecido sua ocupação efetiva na década seguinte.

Na década de sessenta, fatos também ligados à especulação imobiliária viriam marcar sensivelmente o espaço de Embu. É neste período que se conhece a abertura de loteamentos interessando a atividades de lazer, destinados à chácaras de fins-de-semana, como também, loteamentos residenciais ao longo de um eixo até então deixado de lado - a estrada Itapecerica-Campo Limpo, no bairro de Pirajussara, na porção oriental do município de Embu.

Os loteamentos destinados a chácaras vão se instalar principalmente ao longo ou nas imediações das estradas da Ressaca e Itatuba(Embu-Cotia), áreas estas que já abrigavam algumas propriedades destinadas a este fim.

Como se pode observar no mapa de loteamentos, a maioria dos que se destinam a chacara de fim-de-semana, estão apenas parcialmente ocupados, demonstrando o caráter nitidamente especulativo deste comércio imobiliário.

Não menos especulativos são os loteamentos da porção oriental, embora nesta área a ocupação venha se processando com bastante rapidez, por situar-se na porção vizinha ao já populoso bairro de Campo Limpo, em Santo Amaro. Esta ocupação decorre, pois, de expansão caracteristicamente suburbana, através da absorção, num raio cada vez maior, dos espaços ainda não efetivamente integrados à metrópole.

É interessante notar que tanto num caso como no outro, a maior parte destes loteamentos apareceram a partir de 1965, enquanto que no primeiro quinquênio dos anos 60, o maior índice recai para as áreas ao longo da BR-116, o que de certo modo se explica, já que a inauguração oficial da rodovia se deu em 1961. Mesmo o núcleo não conhece qualquer loteamento aberto no período de 1960 a 1964.

Esta distinção parece fazer-se necessária, pois os dados existentes permitem estabelecer uma diferenciação na intensidade do processo de suburbanização que vem se processando na área.

Consiste tal diferenciação, em:

- a) uma primeira fase de início da especulação imobiliária na área, sobretudo em torno do núcleo e ao longo da estrada São Paulo-Itapeverica (já asfaltada na década de cinquenta, e constituindo um fator positivo ao comércio imobiliário), que vai de 1954 a 1964 e que se caracteriza pela ocupação lenta dos loteamentos;
- b) a fase seguinte, que vai de 1964 até os nossos dias, é marcada, sobretudo, pela intensificação desta especulação, abrangendo um conjunto espacial mais amplo e, o que parece mais significativo, pela ocupação efetiva de boa parte destes loteamentos, indicando uma maior presença de fatos ligados à suburbanização desta porção dos arredores paulistanos, constituindo o prolongamento de um dos eixos de expansão metropolitana.

Como indício desta distinção de fases, pode-se observar que os quatro loteamentos abertos na área do núcleo da sede, na década de sessenta, recaem na faixa

TABELA XXIV

Embu - Loteamentos por data de aprovação

Ano de Aprovação	loteamentos de chácaras	loteamentos residenciais				total	total geral (*)
		área ur bana	BR-116	Porção Oriental	Outros		
1954-59	-	4	2	-	3	9	9
1960-64	5	-	5	3	-	8	13
1965-69	10	4	1	6	2	13	23
1970-mai./71	1	-	-	7	5	12	13
Total	16	8	8	16	10	42	58

Fonte: Prefeitura Municipal de Embu, maio de 1971.

(*) Loteamentos de chácaras e loteamentos residenciais.

compreendida entre 1965-69, dos 16 loteamentos aprovados na porção oriental do município, apenas 3 estão compreendidos na faixa de 1960-64; recaem ainda nesta faixa 5 dos 16 loteamentos destinados a chácaras, conforme indica a tabela XXIV.

Ressalte-se também que as residências construídas no último decênio (68,05%), 36,0% representam construções levantadas entre 1965/70 e, que, dos chefes de família que vieram para Embu na mesma década (66,48%), 45,7% vieram nos últimos 5 anos.

Esta tabela permite verificar também o destaque atingido pela porção oriental, apresentando ela o maior índice de loteamentos aprovados no município.

Ressalte-se ainda que a tendência recente / parece ser de uma intensificação deste comércio especulativo na área, já que em menos de dois anos foram aprovados cerca de 44,0% do total de loteamentos existentes nesta / porção oriental do município.

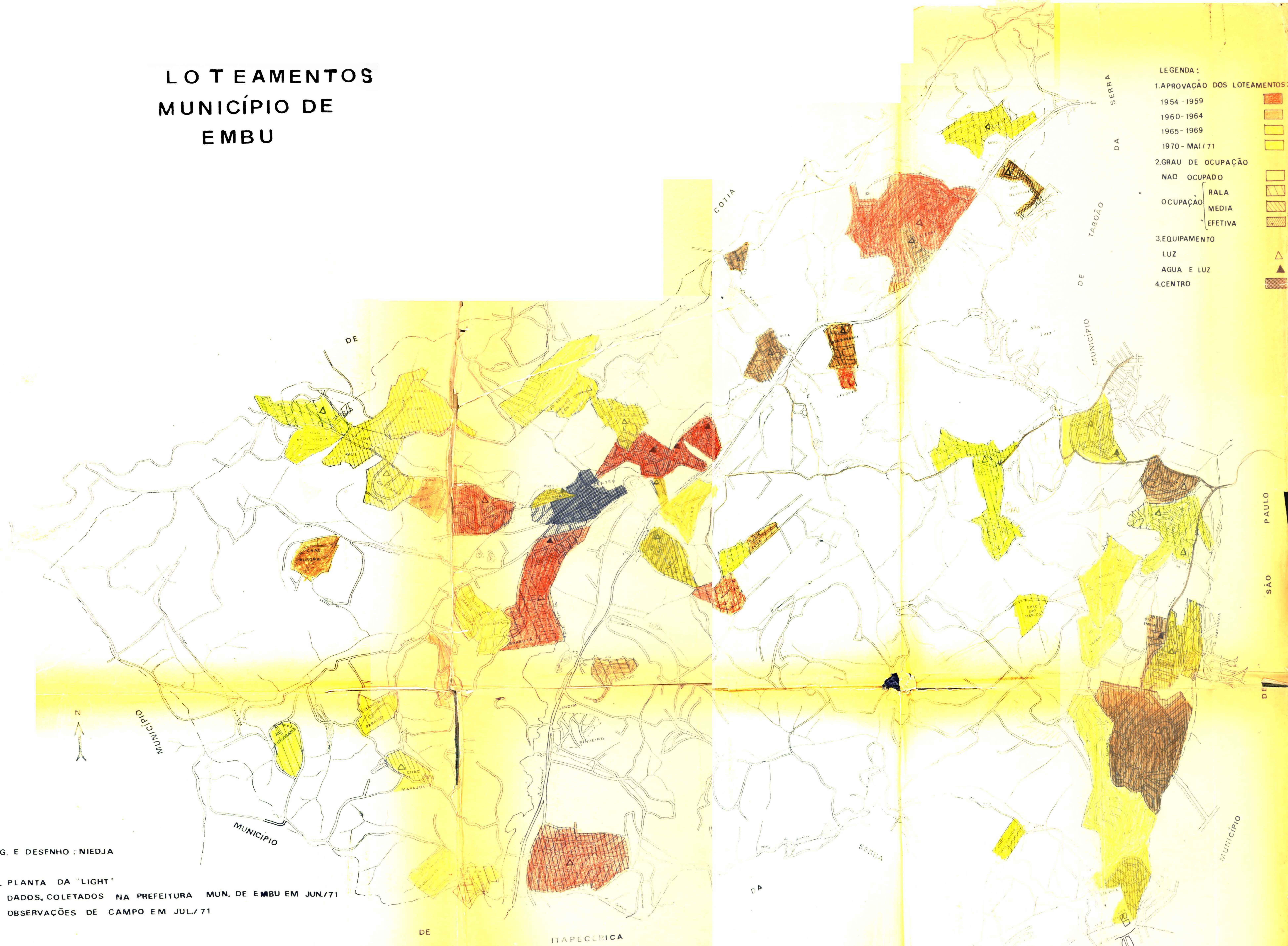
Essa "corrida" para a área parece resultar do relativo sucesso conhecido pelos demais loteamentos, que contaram com uma ocupação bastante rápida de seus lotes.

Assim é que esta porção comporta a existência de três linhas de ônibus com destino a São Paulo, duas da Empresa Soamin (São Paulo-Jardim Presidente Kennedy e São Paulo-Jardim Santa Teresa), e uma da Empresa Campo Limpo (São Paulo-Jardim Santa Emília), todas com ponto final em Pinheiros.

Os dados obtidos sobre transporte de passageiros em duas destas linhas, apresentam índices bastantes elevados, fazendo acreditar na hipótese antes levantada so

LOTEAMENTOS MUNICÍPIO DE EMBU

- LEGENDA:
1. APROVAÇÃO DOS LOTEAMENTOS:
 - 1954 - 1959
 - 1960 - 1964
 - 1965 - 1969
 - 1970 - MAI/71
 2. GRAU DE OCUPAÇÃO:
 - NAO OCUPADO
 - OCUPAÇÃO RALA
 - MEDIA
 - EFETIVA
 3. EQUIPAMENTO:
 - LUZ
 - AGUA E LUZ
 4. CENTRO



ORG. E DESENHO : NIEDJA

CI. PLANTA DA "LIGHT"
 DADOS, COLETADOS NA PREFEITURA MUN. DE EMBU EM JUN/71
 OBSERVAÇÕES DE CAMPO EM JUL/71

bre a efetiva participação desta área no grande aumento conhecido pela população rural de Embu.

TABELA XXV

Embu - Transporte de passageiros das linhas dos Jardins
Presidente Kennedy e Santa Teresa

Meses	Anos			
	1968	1969	1970	
	J. Kennedy	J. Kennedy	J. Kennedy	J. Sta. Teresa
Jan.	-	-	13.387	-
Fev.	-	17.024	9.526	-
Mar.	-	18.788	15.483	-
Abr.	-	30.460	15.788	-
Mai.	-	11.016	15.752	-
Jun.	-	7.353	15.398	-
Jul.	-	12.738	17.477	-
Ago.	-	12.532	16.332	39.661
Set.	-	16.802	24.099	26.886
Out.	-	11.623
Nov.	18.357	...	15.307	51.644
Dez.	19.021	15.233	23.335	61.752
Total	37.378	153.569	181.884	179.943
Média Mensal	18.689	15.357	16.534	44.985

Fonte: Auto-Ônibus Soamin S/A. Junho 1971.

O grande fluxo de passageiros em direção a São Paulo, demonstra a existência de um movimento pendular bastante expressivo, refletindo o caráter suburbano do espaço em estudo. Embora os dados atinjam um período muito curto e não cubra a totalidade das linhas, eles servem como indicação bem próxima da realidade, da intensidade destes movimentos, como também sugere a significativa amplitude do processo que parece englobar boa parcela da população que aí reside.

Cabe destacar ainda, também a título de referência sobre a acentuada ocupação desta porção, a existência de um grupo escolar que atende a uma população estudantil de 913 alunos (no núcleo, somando os dois grupos, este total atinge 1.335) - o Grupo Escolar do Jardim Santo Eduardo, que embora instalado neste jardim, serve à totalidade dos loteamentos localizados na área, e mesmo a alguns loteamentos fora dos limites municipais, já no distrito de Santo Amaro.

Funcionam ainda no mesmo estabelecimento duas classes de alfabetização de adultos. Note-se também que a grande maioria dos professores, que aí lecionam, reside em São Paulo, já que apenas 2 dos 27 professores são moradores do núcleo de Embu, sendo os restantes, da capital, sobretudo em Santo Amaro.

Isto constitui mais uma indicação de que, conforme já foi lembrado neste trabalho, a parte oriental do município foge totalmente à influência do núcleo, relacionando-se sua população, sobretudo, com Santo Amaro e Pinheiros através dos meios de comunicação existentes (para Santo Amaro servem-se da linha Santo Amaro-Itapecerica que atravessa boa parte desta porção). Para se deslocarem ao núcleo da sede, é necessário fazê-lo via Itapecerica da Serra, pois não existem linhas de ônibus que liguem diretamente esta porção à cidade de Embu.

Como decorrência, a única função do núcleo que atinge mais de perto esta área, como a outras do município, é a função administrativa, já que periodicamente é necessário efetuar pagamentos de luz e impostos.

Se a abertura de loteamentos no bairro de Pirajussara se torna cada vez mais intensa, o mesmo não / vem ocorrendo com as áreas onde primeiro se iniciou este comércio especulativo. Como foi visto na tabela XXIV, para o período 70/71 não se verifica a aprovação de nenhum loteamento no núcleo ou junto à BR-116, denotando um deslocamento da especulação imobiliária para o bairro de Pirajussara, na porção ocidental do município.

Quanto aos loteamentos residenciais abertos nas demais áreas do município, isto tem-se verificado em áreas próximas aos loteamentos de chácaras, na Ressaca e Itatuba, mas não parecem ter alcançado qualquer êxito, pois a maioria deles se apresentam fracamente ocupados e, alguns não tendo ainda chegado sequer a ser abertos.

O que não resta dúvidas é que a especulação imobiliária na área como um todo, constitui um fato de grande significação, marcando efetivamente o espaço de Embu, como nova forma de utilização do solo, forma esta de caráter nitidamente decorrente de sua proximidade com relação à metrópole, e que reflete um início de suburbanização efetiva desta porção periférica da Região Metropolitana de São Paulo.

A iniciativa destes empreendimentos cabe sobretudo aos paulistanos, quer seja através de proprietários isoladamente quer por empresas loteadoras, atingindo / maiores índices para os casos de loteamentos residenciais, onde a participação dos paulistanos é da ordem de 77,0%, enquanto que para os loteamentos de chácaras ela é de 55,0%, o que vem a ratificar que a especulação imobiliária em Embu parte essencialmente de São Paulo.

A área ocupada por estes loteamentos é de a proximadamente 15 km^2 , dos quais cerca de 9 km^2 correspondem aos loteamentos de chácaras. Este total é bastante elevado, considerando-se que a área total do município é de a penas 68 km^2 , representando a área loteada cerca de 22,0% do total, demonstrando que, a presença de tais fatos marcam significativamente o conjunto do município.



Fotos 25, 26 e 27.
Aspectos das ati-
vidades ligadas a
barras e portos
de areia. Observem
se os "buracões"
dos portos de areia
alteram profundamente a topografia
da área.

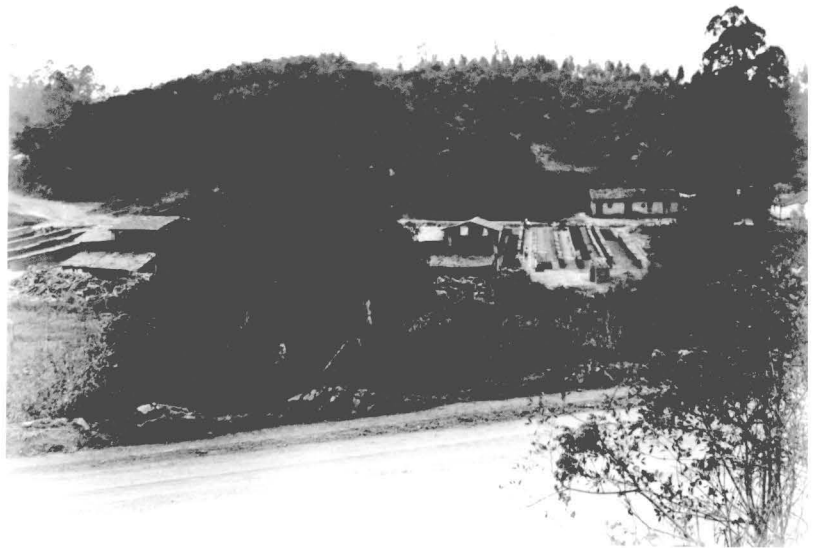


Foto 28. Um exemplo das inúmeras chácaras existentes na área. A da foto está situada em terreno já totalmente absorvido pelo tecido urbano.

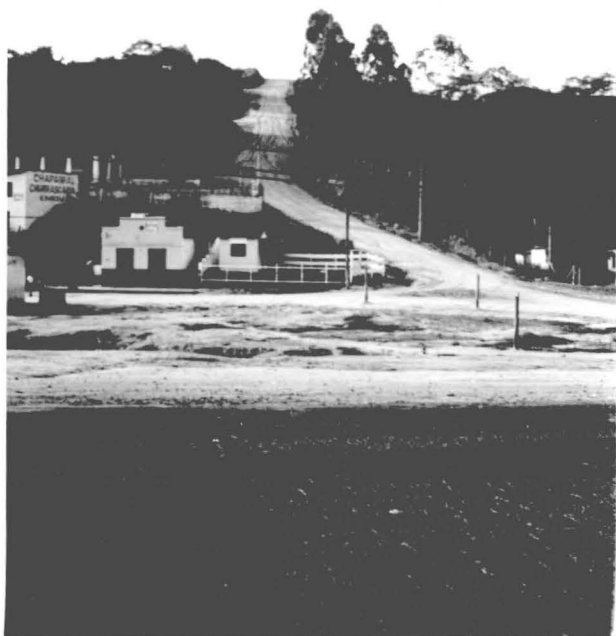


Foto 29. Exemplo de um loteamento situado próximo à BR-116, e ainda raramente ocupado (Jardim Santa Clara).

Foto 30. O Jardim Pinheirinho, situado à entrada da variante que leva a Itapeccerica da Serra, já está efetiva e densamente ocupado, com algumas casas comerciais.



Foto 31. A inadequação dos traçados dos loteamentos à topografia da área acarreta sérios problemas à abertura desses loteamentos. A foto, que exemplifica o fato, é do Jardim Vista Alegre, à altura do Km 22 da BR-116.



Fotos 32 e 33. Aspectos do Jardim Santa Emília, na porção oriental do município. Apesar da predominância de casas populares, este é um dos raros loteamentos em que existem sobrados.

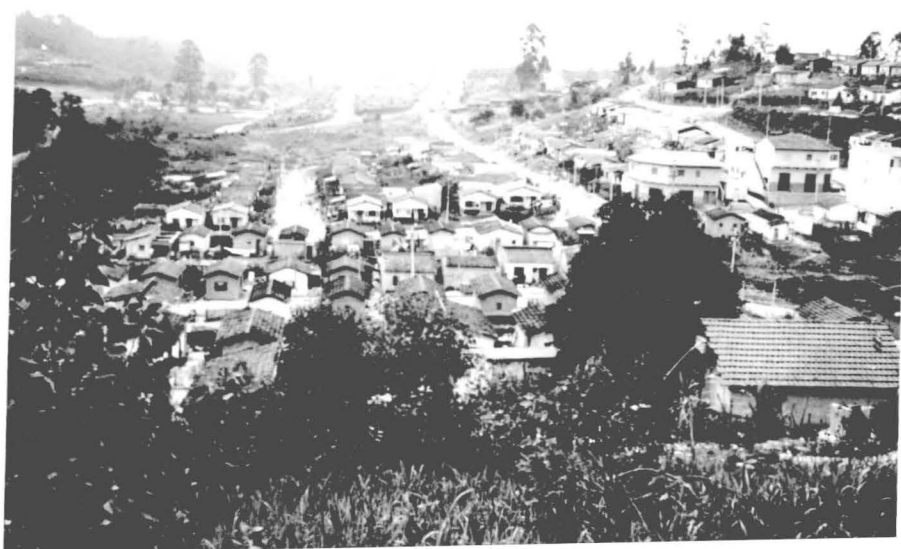


Foto 34. O Jardim Vazani, também na porção oriental do município, é de aprovação recente (1971), e ainda não ocupado. Observe-se o tipo de traçado, que, de resto, comanda a abertura dos demais loteamentos.



Foto 35. O Jardim Presidente Kennedy é um exemplo característico do tipo de ocupação e de construções predominantes na maioria dos loteamentos.



Foto 36. A especulação imobiliária na porção oriental do município é realmente intensa, sendo grande a propaganda de vendas deste comércio.





Foto 37. Vista geral do Jardim Santa Ângela, na estrada Itapeceirica-Santo Amaro. Apesar de já bastante ocupado, não conta sequer com o serviço de fornecimento de energia elétrica.

(Observação: As fotografias são da autora, com exceção das de nº 7 e 8, da Foto Embu, e das de nº 13, 14, 15 e 25, de A.M.M.C. Marangoni.)

OBSEVAÇÕES FINAIS

A proposição deste trabalho, de estudar a participação de Embu no conjunto periférico metropolitano, permitiu através das análises efetuadas, constatar que o núcleo passa cada vez mais a existir em função de problemas específicos da região em que se insere.

A grande percentagem de população alóctone é um indicativo de integração da área como receptora de migrantes no processo de fluxo e refluxo desses contingentes que visam a metrópole paulistana.

O movimento pendular atinge cerca de 1/4 da população ativa, com destino à capital e outras porções dos arredores paulistanos, demonstrando que para esta parcela da população o núcleo não passa de um "subúrbio-dormitório", embora este fato não atinja maiores proporções como em outras áreas, a exemplo de Barueri, onde ele é da ordem de 42,0 % do total da população ativa.

Os deslocamentos, conforme ficou evidenciado no corpo do trabalho, não se efetuam só neste sentido. É expressivo o número de pessoas de outras áreas que se dirigem a Embu para trabalhar, principalmente na indústria. Não menos expressivo é o número dos que se deslocam para a capital a fim de suprir necessidades relativas a serviços que

o núcleo, em sua modéstia, não oferece.

O papel que o turismo desempenha é de grande destaque e é esta função que melhor caracteriza o núcleo, fazendo inclusive com que boa parte das preocupações urbanísticas se devam as atividades deste setor. Entretanto, como foi analisado, apenas o núcleo ou mesmo sua porção mais central participa deste processo, não representando assim uma solução para o conjunto da área.

As atividades mais importantes que o núcleo comporta, e que melhor definem suas funções, estão, portanto, estreitamente vinculadas à sua proximidade de São Paulo. A função industrial e a função turística que vêm ganhando destaque, possivelmente não teriam se definido, se não fosse a proximidade desta área em relação à São Paulo.

O espaço atual de Embu apresenta, assim, formas de ocupação nitidamente vinculadas ao seu caráter de periferia de São Paulo.

Se, por um lado, a vida urbana se vê paulatinamente envolvida pelo desempenho de funções cada vez mais ligadas ao extravasamento destas pela metrópole, por outro, a sua área dita rural, tem seu espaço totalmente voltado para a satisfação das necessidades da população paulistana - (horti-fruti-cultura, olarias, portos de areia) ou envolvido por processos e formas de ocupação por ela comandados (a especulação imobiliária).

Esta área, que, pelos motivos expostos, esteve por tanto tempo marginalizada do acelerado processo de metropolização que absorveu boa parte dos arredores paulistanos, tem recentemente (a partir do último decênio) iniciado uma participação mais efetiva neste processo.

Isto tem-se verificado através de uma crescen

te suburbanização efetiva desta porção, que tem atingido não somente o núcleo, mas sobretudo as porções imediatamente contíguas a Santo Amaro, porção paulistana já totalmente absorvida por este processo.

Um indicador desta evolução por que passou a área nos últimos dez anos é o crescente aumento do consumo de energia elétrica que se verificou nos diversos setores. O gráfico ora apresentado tem o objetivo de constatar esta evolução.

Um primeiro fato a ressaltar é a importância da indústria no total de energia elétrica consumida no município, particularmente a partir de 1965.

O consumo pelas residências e pelo comércio se equivalem, notando-se uma tendência recente (a partir de 1968) para suplantação do comércio pelas residências, o que faz pressupor tratar-se do aumento da ocupação efetiva de boa parte dos loteamentos.

No conjunto, é notório o crescente consumo de energia elétrica que se verificou na área, podendo este exemplo servir como indicador da intensificação da presença de fatos ligados ao crescimento da população, e principalmente, da instalação e desenvolvimento da atividade industrial na porção em estudo.

Faz-se patente ainda um aspecto antes levantado, o da pouca expressividade da atividade comercial em Embu.

De resto, cabe lembrar que as iniciativas governamentais devem voltar-se um pouco mais para os problemas do próprio município, sobretudo nas porções mais atingidas pela especulação imobiliária, totalmente carente de infraestrutura capaz de atender os contingentes que para aí se

deslocam. Mesmo na área urbana e, sobretudo, nos loteamentos residenciais localizados nas demais porções, é total a ausência de serviços de abastecimento de água, rede de esgotos, ou mesmo pavimentação, ocasionando na época das chuvas sérios problemas de acesso às moradias.

Um outro empreendimento que se faz necessário é a melhoria das vias de acesso entre a porção oriental e o núcleo, como também dos meios de comunicação, a fim de facilitar as relações entre as duas áreas e, quem sabe, carreando ao núcleo um pouco mais de influência sobre a população dessa área, no momento, quase que totalmente fora do seu raio de influência.

Pelo ritmo, com que vem-se processando o comércio imobiliário, acredita-se que a tendência seja de agravamento da situação, o que torna ainda mais premente a tomada de medidas no sentido de melhorar as condições de moradia destas porções.

Tal tendência, possivelmente, poderá ser ainda mais forte, face a recente aprovação da Lei do Zoneamento para o Município de São Paulo, que impôs uma série de exigências às futuras construções. Com estas exigências, boa parte dos grupos que se dedicam ao comércio imobiliário e que têm objetivos altamente lucrativos, poderão se voltar ainda mais para os municípios periféricos. Tal hipótese, entretanto, só poderá ser observada quando a lei começar a ser aplicada.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SÁBER, Aziz N. - Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo "in" Bolctim nº 219 - Geografia 12, São Paulo, FFCL da USP. 1957.
- AB'SÁBER, Aziz N. - O Sítio Urbano de São Paulo, "in" A cidade de São Paulo-Estudos de Geografia Urbana, cap. V. Vol. I. São Paulo. Companhia Editôra Nacional. 1958.
- ALMEIDA, Fernando F. M. de - O Planalto Paulistano "in" A cidade de São Paulo-Estudos de Geografia Urbana, São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1958.
- ARAÚJO FILHO, J. Ribeiro de - Alguns Aspectos da População da Cidade de São Paulo "in" Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Tomo I, volume IX, São Paulo, A.G.B. 1957.
- ARAÚJO FILHO, J. Ribeiro de - A população Paulistana "in" A cidade de São Paulo-Estudos de Geografia Urbana, São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1958.
- ARROYO, Leonardo - Igrejas de São Paulo, Rio de Janeiro. Livraria José Olimpio Editora. 1954.
- AZEVEDO, Aroldo de - Vilas e Cidades do Brasil Colonial (Ensaio de Geografia Urbana Retrospectiva) "in" Anais da Associação dos geógrafos Brasileiros. Tomo I, volume IX, São Paulo A.G.B. 1957.
- AZEVEDO, Aroldo de - Itaquera e Poá, Subúrbios Residenciais, "in" A Cidade de São Paulo-Estudos de Geografia Urbana, cap. IV, volume IV, São Paulo. Cia Editora Nacional, 1958.
- AZEVEDO, Aroldo de - Aldeias e Aldeamentos de Índios "in" Bolctim Paulista de Geografia nº 33, São Paulo, A.G. B. 1959.
- AZEVEDO, Aroldo de - Geografia das Metrôpoles Brasileiras. Os estudos existentes: seus caracteres e sua orientação. "in" Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, volume XII. S. Paulo, A.G.B., 1960.
- BERNARDES, L.M.C. - Quadro Sumário da Nomenclatura das Zonas Urbanas "in" Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Volume XII, São Paulo, A.G.B., 1960.

BERNARDES, L.M.C. (coord.) - O Rio de Janeiro e sua Região, Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1964.

BIASI, Mário de - Cartas de declividade: confecção e utilização "in" Geomorfologia 21, São Paulo, Instituto de Geografia da USP, 1970.

CAMARGO, J. F. de - Características e Tendências Principais das Migrações Internas do Brasil, nas suas relações com a urbanização e a Industrialização "in" Boletim Paulista de Geografia, nº 33, São Paulo, A.G.B., 1959.

CAVALCANTE, Tércia C. - Barueri e sua participação no Conjunto da faixa Periférica da Metrópole Paulistana, São Paulo, FFLCH da USP (em fase de conclusão).

COSTA, Emília Viotti da - Cotia e Itapiccerica, Subúrbios Agrícolas "in" A Cidade de São Paulo-Estudos de Geografia Urbana, cap. III, vol. IV. São Paulo. Cia. Edit. Nacional 1958

DEFFONTAINES, Pierre - Como se Constituiu no Brasil a Rede de Cidades "in" Boletim de Geografia, ano II, nº 14, Rio de Janeiro, IBGE, 1944

Documentos Interessantes para a História e os Costumes de São Paulo, volume 44, São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo. 1945.

FONSECA, Pe. Manuel da - Vida do Venerável Pe. Belchior de Pontes, São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1941 (reedição de 1752)

GALVÃO, FAISSOL, LIMA e ALMEIDA, - Áreas de Pesquisa para a Determinação de Áreas metropolitanas "in" Revista Brasileira de Geografia, ano 31, nº 4, Rio de Janeiro IBGE-IBG, 1969.

GEIGER, P.P. - Relação entre a População e a Produção Industrial das Cidades Brasileiras "in" Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. volume XII, São Paulo AGB, 1960.

GEORGE, Pierre - Aire Metropolitaine, Conurbation ou Region Industrielle? Le Cas de São Paulo "in" Geografia das Industrias 2, São Paulo, Instituto de Geografia da USP, 1969.

HOLANDA, Sérgio B. - Capelas Antigas de São Paulo "in" Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 5 1941, Rio de Janeiro.

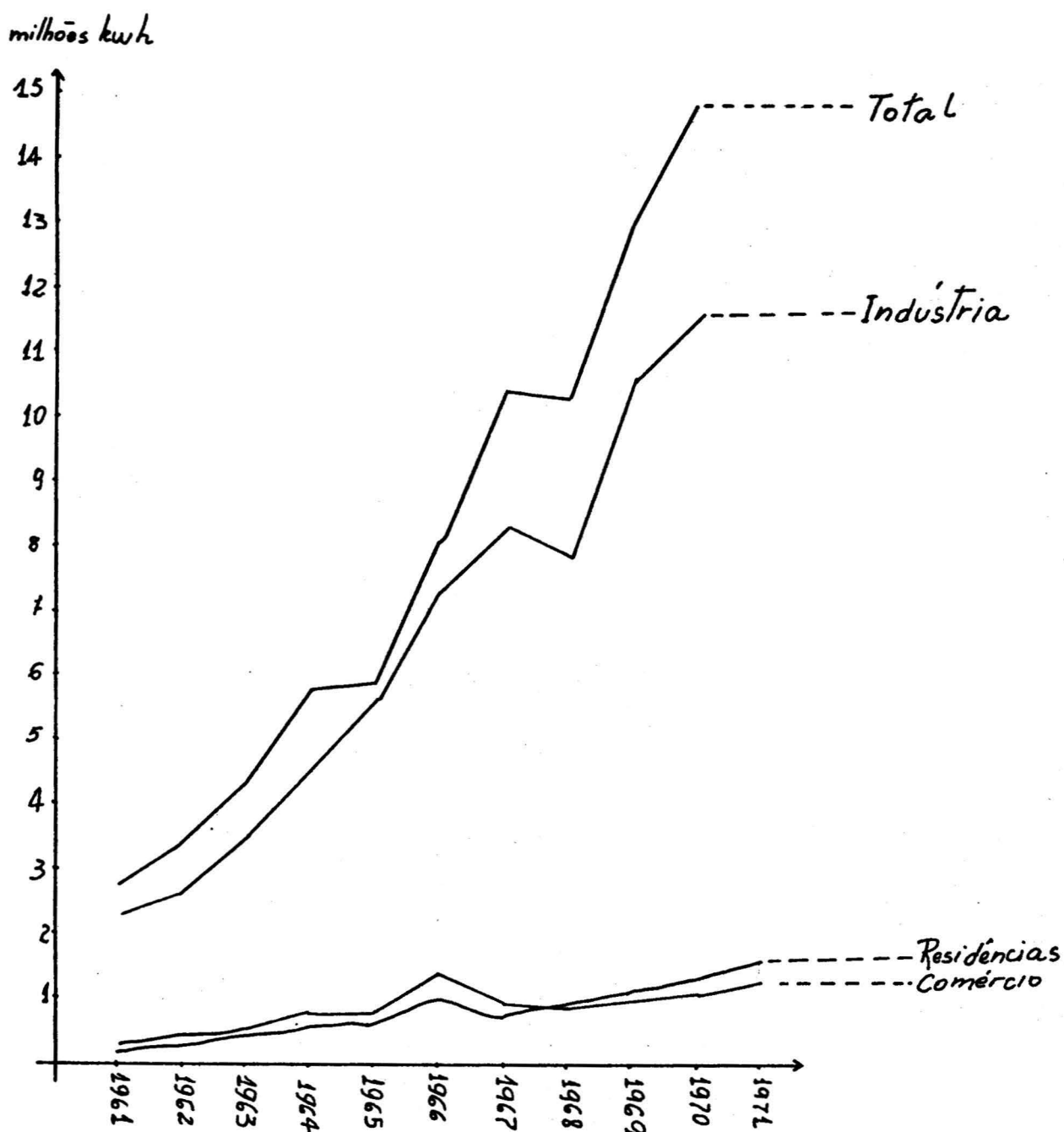
JORDÃO, M.F. O Embu na História de São Paulo, Prefeitura Municipal de Embu, 1960.

JORDÃO, M.F. - Embu, Terras das Artes e Berço das Tradições, São Paulo, Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo. 1972

LANGENBUCH, Juergen Richard - O Sistema Viário da Cidade de São Paulo em suas relações com o Sítio Urbano "in" Geografia Urbana 2, São Paulo, Instituto de Geografia da USP. 1969.

- LANGENBUCH, Juergen Richard - A estruturação da Grande São Paulo, Rio de Janeiro, IBGE, IBG, 1971.
- LEMONS, A. Inês G. - Cotia e sua Participação no Conjunto da Faixa Periférica da Metrópole Paulistana, São Paulo, FFLCH da USP, 1972 (inédito)
- MARQUES, M. E. de Azevedo - Apontamentos Históricos, Geográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de S. Paulo. Tomo II. Livraria Martins, 1953 (reedição de 1879)
- MATOS, Dirceu L. - Os fatores da Industrialização de São Paulo, "in" Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, volume XII, S. Paulo, AGB, 1960.
- MELO, Mario L. - Os Problemas do Estudo das Metrópoles Brasileiras "in" Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. vol. XII, São Paulo, AGB, 1960.
- MONBEIG, Pierre - O estudo Geográfico das Cidades "in" Revista do Arquivo Municipal, ano VII, Vol. LXXIII, São Paulo Janeiro de 1941.
- MORAES, Rubens B. - Contribuições para a História do Povoamento de São Paulo até fins do Século XVIII "in" Geografia 1 ano I, São Paulo, AGB, 1935
- MULLER, Daniel Pedro - Ensaio de um quadro Estatístico da Província de São Paulo em 1836, São Paulo, O Estado de São Paulo 1923 (recd.)
- MULLER, Nice L. - Situação Atual e Renovação Metodológica dos Estudos de Geografia Urbana no Brasil, 1965-1969 "in" Revista Geográfica nº 70, IPGH, 1969.
- NOGUEIRA, Oracy - Pesquisa Social: Introdução às suas técnicas, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1968.
- PENTEADO, A. Rocha - São Caetano do Sul "in" A cidade de São Paulo- Estudos de Geografia Urbana, 1a. parte do Cap. II, vol IV, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1958.
- PENTEADO, A. Rocha - Os Subúrbios Orientais de São Paulo e suas funções "in" A Cidade de São Paulo- Estudos de Geografia Urbana, S. Paulo Cia. Edit. Nacional. 1958.
- PENTEADO, A. Rocha- A Área Suburbana de São Paulo e sua caracterização "in" Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros volume XII, São Paulo, AGB, 1960
- PETRONE, Pasquale - Osasco "in" A Cidade de São Paulo- Estudos de Geografia Urbana, 2a parte do II cap., vol. IV. São Paulo Cia Editora Nacional, 1958.
- PETRONE, Pasquale - Notas Sobre o Fenômeno Urbano no Brasil "in" Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. XII São Paulo, AGB, 1960

MUNICIPIO DE EMBU
CONSUMO DE ENERGIA ELETRICA



Fonte: "LIGHT", 1972.

PETRONE, Pasquale - (coord.) Pinheiros: Aspectos Geográficos de um Bairro Paulistano, São Paulo, Editora da USP, 1963

PETRONE, Pasquale - Os Aldeamentos Paulistas e sua Função na Valorização da Região Paulistana (Estudo de Geografia Histórica) - Tese de Livre-Docência, FFCL da USP, São Paulo, 1964 (inédito)

PRADO JR., C.P. - O Fator Geográfico na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo "in" Geografia nº 3, ano I São Paulo, AGB, 1935

PRADO JR., C.P. - Nova contribuição para o Estudo Geográfico da Cidade de São Paulo "in" Estudos Brasileiros, ano III, vol. 7, 1941.

SALVADOR, Frei A.D. - Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica, Porto Alegre, Livraria Sulina Edit. 1970.

SEABRA, Manoel - Vargem Grande: Organização e Transformação de um Setor do Cinturão-Verde Paulistano, Instituto de Geografia Série Teses e Monografia nº 4, São Paulo, USP, 1971.

INDICE DOS GRÁFICOS E CARTOGRAMAS

- Gráfico 1: Embu - Pirâmide de idades ... entre pgs. 23 e 24
- Gráfico 2: Embu - Número de pessoas por domicílio...entre
... entre pgs. 24 e 25
- Gráfico 3: Embu - Grau de instrução ... entre pgs. 27 e 28
- Cartograma 1: Embu - Naturalidade, ... entre pgs. 29 e 30
- Cartograma 2: Embu - População de origem mineira...
entre pgs. 31 e 32
- Gráfico 4: Embu - Procedência dos chefes de família...
entre pgs. 32 e 33
- Gráfico 5: Embu - Última moradia dos chefes de família e
ano de instalação no núcleo...entre pgs. 35 e 36
- Gráfico 6: Embu - População ativa por grupos de idade...
entre pgs. 37 e 38
- Gráfico 7: Embu - População ativa por grupos de atividades
entre pgs. 37 e 38
- Cartograma 3: Embu - Atividade da população...
entre pgs. 41 e 42
- Gráfico 8: Embu - Grupos de salários por local de trabalho
e setor de atividade...entre pgs. 44 e 45
- Cartograma 4: Embu - Abastecimento e Serviços...
... entre pgs. 80 e 81
- Gráfico 9: Embu - Perfis topográficos... entre pgs. 94 e 95
- Cartograma 5: Embu - Carta de declividade...
entre pgs. 97 e 98
- Cartograma 6: Embu - Planta Urbana em 1946,...
...entre pgs. 98 e 99
- Cartograma 7: Embu - Uso do solo urbano...entre pgs. 100 e 101
- Cartograma 8: Embu - Planta funcional da área central...
... entre pgs. 100 e 101
- Cartograma 9: Embu - Função Turística... entre pgs. 103 e 104
- Cartograma 10: Embu - Serviços de Urbanização e Saneamento...
entre pgs. 105 e 106
- Cartograma 11: Embu - Loteamentos do município de Embu...
entre pgs. 136 e 137.
- Gráfico 10: Município de Embu - Consumo de energia elétrica...
entre pgs. 143 e 144

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	5
1. A POPULAÇÃO DE EMBU: COMPOSIÇÃO E DINAMISMO.....	13
Embu, modesto núcleo da Grande São Paulo.....	13
Distribuição da população rural e urbana.....	17
População por sexo, idade e grau de instrução.....	22
Origem da população.....	28
As atividades.....	36
Condições sócio-econômicas.....	42
2. A VIDA DE RELAÇÕES.....	48
2.1. As funções urbanas.....	48
- função turística.....	49
- função industrial.....	54
- função comercial.....	62
- função de prestação de serviços.....	66
- função administrativa.....	71
2.2. A dependência de Embu em relação a outras áreas.....	74
absorção da mão-de-obra	74
suprimento de mercadorias e matéria-prima....	76
prestação de serviços e comércio.....	79
2.3. Os deslocamentos decorrentes da vida de relações.....	82
3. A CIDADE	90
Posição.....	90
Sítio.....	92
Organização do espaço urbano.....	98
Serviços de urbanização e saneamento.....	104
4. A EVOLUÇÃO E OS PROCESSOS RECENTES DE ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO	107
Origem.....	107
Embu e o "cinturão dos aldeamentos".....	108
Embu e o "cinturão caipira".....	114
Embu e o "cinturão verde".....	122
As olarias e portos de areia.....	127
Embu e o "cinturão de especulação imobiliária"....	130
OBSERVAÇÕES FINAIS.....	141
BIBLIOGRAFIA.....	145
ÍNDICE DOS GRÁFICOS E CARTOGRAMAS.....	149

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

